Espelho de Perfeição
(EP)

ESPELHO DE PERFEIÇÃO (EP)

INTRODUÇÃO

Em 1898 *PAULO SABATIER descobriu e publicou este opúsculo, apresentando-o como a* Legenda antiquissima, a legenda mais antiga *de S. Francisco de Assis. Segundo a sua opinião, era obra de Fr. Leão e teria sido escrita em* 1227, *portanto antes da* Vida Primeira *de Celano. Nela se encontrava o retrato autêntico do Poverello, que teria sido posteriormente deformado pelos biógrafos oficiais: Celano e S. Boaventura*[1]. *A tese de que seria a* legenda mais antiga, *de que seria de Fr. Leão e sobretudo o aproveitamento que o douto professor protestante dela fez para contrapor dois retratos de S. Francisco – um com a frescura da verdade livre e outro tolhido e deformado pela autoridade – desencadearam uma verdadeira guerra entre os franciscanizantes* [2]. *Sabatier manteve-se substancialmente fiel à sua tese, que aparece ainda na segunda edição – já póstuma – do* Espelho, *saída à luz sob os cuidados de A. G. LITTLE*[3].

Hoje a batalha do Espelho de Perfeição *está decidida. O* Espelho *não é de* 1227 *mas de* 1318. *O erro nasceu daqui: alguns manuscritos, entre os quais é o primeiro que Sabatier usou, terminam assim: «acabado de escrever* (explicit) *a 5 dos idos de Maio de* 1228», *que corresponderia a 11 de Maio de* 1227[4]. *Ao contrário, o manuscrito do convento de Ognissanti em Florença diz: «acabado de escrever* (explicit) *a 5 dos idos de Maio de* 1318». *Muitos pormenores de crítica interna, a começar pelo «incipit», que Sabatier rejeitou como acrescento tardio, contradi-*

---

[1] *Speculum Perfectionis, seu Sancti Francisci Assisiensis Legenda antiquissima,* Paris 1898, CCXIV-376 ps.

[2] Os principais campeões dessa luta foram: SABATIER (†1928); Mgr. M., FALOCI-PULIGNANI (†1940);L., LEMMENS(† 1929); M., BIHL (†1950); F. DELOME (†1952) e outros. Cf. *Introdução geral* nota 1.

[3] *Le Speculum perfectionis ou Mémoires de Frère Léon sur la seconde partie de la vie de saint François d'Assise*, *I*, Manchester 1928 (texto) II, Manchester 1931 (aparato crítico).

[4] 1227 e não 1228. A diferença vem do facto de que na altura o ano não começava em Janeiro.

ziam a data de 1227, ao passo que condiziam perfeitamente com a de 1318. Que se terá passado? Muito simples: uma gralha do copista. Em vez de copiar MCCCXVIII, copiou MCCXXVIII. A data de 1318 é universalmente aceite.

Ao mesmo tempo, a descoberta de outros escritos, nomeadamente do Anónimo de Perúsia *em 1902 por Van Ortroy e da* Legenda Perusina *em 1922 por F. Delorme, bem como o cotejo com as outras legendas, foram permitindo conhecer as fontes, o modo de composição e a origem do opúsculo. Ficou patente, sobretudo, que o autor se tinha servido da mesma fonte que Celano usara para compor a sua* Vida Segunda. *Por isso, o «começo» da obra* («incipit») *que soava assim: «Esta obra foi compilada em forma de Legenda a partir daquilo que os companheiros do bem--aventurado Francisco* outrora *escreveram ou fizeram* escrever[5]», *pese muito embora a Sabatier, é autêntico. O* Espelho *não é uma obra original, e muito menos de Fr. Leão. É uma compilação tardia, feita a partir de escritos anteriores.*

As suas fontes podem detectar-se com bastante segurança. Tem 124 capítulos. Um provém da Vida Primeira *de Celano; 29 da* Vida Segunda; 90, *da* Legenda Perusina, *ou duma fonte comum reproduzida por esta; 2, a saber: o 73, sobre as virtudes necessárias aos superiores e aos pregadores, e o 79, que contém os «quatro privilégios» da Ordem, da obra* De adventu Fratrum Minorum in Angliam, *de Tomás de Eccleston*[6]. *Restam como originais – até agora – dois: o 84, que é um poema à glória da Porciúncula, e o 85, que contém o retrato do verdadeiro irmão menor.*

Como terá sido a origem desta obra? É de situar no quarto período de produção literária, após os capítulos de Pádua (1272) e de Paris (1278). Primeiro, um irmão terá feito, a partir da Segunda *de Celano e de textos antigos reencontrados, uma colecção de narrativas que S. Boaventura havia omitido na* Legenda Maior. *Esta colecção estaria representada pelo ms. 1046 de Perúsia. Mais tarde, o mesmo ou outro, com base nessa colectânea, elaborou uma obra de carácter sistemático, com um plano, à maneira*

---

[5] Este começo aparece em alguns códices.

[6] Cf. Ed. de A. G. LITTLE e J. R. H. MOORMAN, Manchester 1952, p. 93-94.

da segunda parte da Vida Segunda *e da* Legenda Maior. *Seria o* Espelho de Perfeição. *É provável que o trabalho não fosse levado a cabo numa primeira assentada e fosse retomado e concluído numa época um pouco mais tarde. Neste entremeio, alguém teria feito cópia da parte já redigida, dando assim origem a uma composição mais pequena, que aparece na* Compilação de Avinhão[7].

O autor divide a obra em 12 partes, cujos títulos só por si nos revelam a presença dum pensamento unificador, dinâmico e ascendente. Não são simplesmente temas justapostos, mas sim etapas duma ascensão espiritual: a pobreza perfeita, a caridade e condescendência com o próximo, a perfeita humildade e obediência, o zelo pela observância da Regra, o zelo pela perfeição dos irmãos, o fervor e compaixão pelos sofrimentos de Cristo, a oração e alegria espiritual, as tentações permitidas pelo Senhor, o espírito de profecia, a assistência da Providência divina, a comunhão com as criaturas e, finalmente, a sua morte gaudiosa. A lógica e o fio secreto deste esquema é muito interessante. Parece-nos emblemático que, a seguir à noite escura das tentações, depois do espírito de profecia e da intimidade com o Senhor sob a forma de assistência providencial (e não de arroubo extático-contemplativo), o autor ponha a intimidade com toda a criação, como fase de harmonia gaudiosa que, para além dela, só tem a felicidade do encontro com o Senhor na morte. É um itinerário espiritual muito singular e bem de harmonia com a alma franciscana.

---

[7] Diz-se de Avinhão, porque o compilador diz ter conhecido esses textos quando era estudante em Avinhão. Depois de Sabatier, estudou os códices em que se encontra esta colecção, CLASEN *(Legenda Antiqua S. Francisci*, Leyden 1967; MANSELLI-BIGARONI, *Speculum perfectionis* (minus). Introduzione di Raoul Manselli. Texto latino, versione italiana a fronte e note a cura di M. Bigaroni, (Publ. Biblioteca Francescana, Chiesa Nuova-Assisi, 3), 1983; cf. D. SOLVI, *Lo «Speculum perfeccionis» e i rotoli di frate Leone, in Studi medievali*, ser. 3, 34(1993), p. 595-651. Ao contrário, o *Speculum* publicado pelo P. LEMMENS em *Documenta Antiqua Franciscana* t II, a partir do manuscrito 1/73 de Santo Isidoro, não pode ser considerado uma primeira redacção do *Speculum Perfectionis* publicado por Sabatier. O texto não tem os retoques estilísticos característicos do compilador e o plano também não corresponde ao desta última obra.

Os críticos consideram que os textos utilizados pelo compilador foram reordenados *por ele mas não* reelaborados. *Com efeito, os retoques que aparecem são de carácter mais estilístico que doutrinal. Um por um, os episódios conservam a mesma autenticidade que nas outras fontes. A intenção do compilador e o seu pendor «espiritual» depreende-se da sequência dada aos textos. O facto de ter colocado logo no princípio, quase à maneira de prefácio, o conflito que rodeou a elaboração da Regra, dá ao todo uma intenção polémica. «Com não velada intenção crítica, pretende obrigar a «comunidade» a fazer uma revisão do seu próprio estado, pondo-lhe diante dos olhos os feitos e, sobretudo, as máximas do Fundador que melhor evidenciam a distância entre a vida real da maioria e o ideal evangélico, tal como foi vivido nos começos e tal como o quis S. Francisco»*[8]. *É justo, porém, que se ultrapasse a reserva contra a tendenciosidade da obra, posto que fundada, e, com liberdade, se aprofunde o ideal de irmão menor que o autor tem no seu pensamento.*

Quanto ao aspecto histórico, para o conhecimento da vida de S. Francisco, o seu valor é reduzido, dado que não traz nada de novo. Podemos dizer até que é desfigurador, dada a intencionalidade polémica que preside a toda a obra. Mas para o conhecimento da história da Ordem, merece ser tido em conta como testemunho da piedade filial para com S. Francisco e da concepção do ideal franciscano por parte dum sector de irmãos no séc. XIV. Mesmo como documento duma tensão dentro da Ordem, como repositório dos ideais puros e dos sentimentos menos puros dos «Espirituais», é documento que não pode ser ignorado. As duas tendências: a que foi desenvolvida pela «Comunidade» e a que persistiu entre os «Espirituais» são compreensíveis e, mais do que isso, naturais; e que tenha existido, no fenómeno franciscano, a tensão entre ambas, às vezes com um ardor que fez sofrer, é um dos valores mais lindos da nossa história.

A nossa tradução é *feita sobre a segunda edição de Sabatier, publicada por* LITTLE [9].

---

[8] *Escritos y Biografias*, p. 694. Cf. *Fontes*, p. 1735 s.

[9] Edição citada na nota 3.

ESPELHO DE PERFEIÇÃO (EP)

PRÓLOGO

Aqui começa o Espelho de Perfeição do Frade Menor

CAPÍTULO I

Como S. Francisco respondeu a alguns ministros que não queriam observar a Regra que ele andava a escrever

[1] Tendo-se extraviado a segunda Regra redigida por São Francisco, este, acompanhado de Fr. Leão e de Fr. Bonifácio de Bolonha, subiu a um monte com a finalidade de fazer outra Regra. E mandou-a escrever na forma que Cristo lhe inspirou.

[2] Mas alguns ministros reuniram-se à volta de Fr. Elias, que era Vigário de S. Francisco, e disseram-lhe: «Ouvimos dizer que Fr. Francisco anda a escrever uma nova Regra e nós receamos que ele a faça tão rigorosa que não possamos observá-la. [3] Queremos, pois, que vás ter com ele e lhe digas que recusamos sujeitar-nos a esta nova Regra. Que a faça para ele, não para nós».

[4] A isto respondeu Fr. Elias que não se atrevia a ir, pois receava uma forte reprimenda de Fr. Francisco. Mas os ministros tanto apertaram com ele que resolveu ir, desde que o acompanhassem. Então foram todos juntos. [5] Chegando ao lugar em que se encontrava S. Francisco, Fr. Elias chamou por ele. Ao ver os ministros, o santo perguntou: «O que é que querem estes meus frades?» [6] Logo Fr. Elias se explicou: «Estes frades são ministros que, ao ouvirem dizer que tencionas fazer nova Regra e receosos de que a faças ainda mais apertada do que as anteriores, dizem e protestam que não se querem obrigar a ela e que a faças para ti e não para eles».

[7] Então S. Francisco voltou o rosto para o céu e falou assim com o Senhor: «Senhor, não te dizia eu que eles não me acreditariam?»

[8] Naquele momento, todos ouviram a voz de Cristo, que lhes falava do céu: «Francisco, nada há na Regra que seja teu, mas tudo quanto nela se encontra a Mim pertence; quero que esta Regra seja observada à letra, à letra, à letra, sem glosa, sem glosa, sem glosa». [9] E acrescentou: «Eu sei de quanto é capaz a fragilidade humana e sei também quanto posso ajudar-vos. Aqueles que não quiserem observar a Regra saiam da Ordem». [10] Então S. Francisco voltou-se para os ministros e disse-lhes: «Ouvistes? Ouvistes? Ou quereis que vo-lo faça repetir?» Os ministros, reconhecendo a sua culpa, retiraram-se confusos e temerosos.

PRIMEIRA PARTE

Da Perfeita Pobreza

CAPÍTULO II

Como S. Francisco declarou a sua vontade e intenção sobre a observância da pobreza e como as manteve desde o princípio até ao fim

[1] Fr. Ricério da Marca, nobre pelo nascimento mas mais ainda pela santidade, visitou, um dia, no palácio do Bispo de Assis, a S. Francisco, que por ele nutria singular afeição. No decorrer da conversa que teve com ele acerca do estado da Ordem e da observância da Regra, fez-lhe a pergunta seguinte: [2] «Diz-me, Pai, quais foram as tuas intenções, quando começaste a juntar frades; as intenções que tens hoje e que julgas manter até ao dia da tua morte. [3] Pois desejava certificar-me da tua primeira intenção e vontade, assim como da última. Quero que me declares se nós os frades clérigos, que possuímos tantos livros, podemos tê-los connosco, embora digamos que pertencem à Ordem».

[4] Respondeu-lhe S. Francisco: «Quero dizer-te, irmão, que esta foi e é a minha primeira e última intenção e vontade: se os frades me tivessem acreditado, nenhum devia ter consigo mais do que o

hábito, tal como vem na Regra, com o cordão e os panos menores».

[5] Mas, se algum frade objectar por que razão o bem-aventurado Francisco não mandou a seu tempo observar a estreita pobreza aos frades, nem teve qualquer empenho especial em que fosse observada da maneira que disse a Fr. Ricério, [6] nós que vivemos com ele, responderemos o que ouvimos da sua própria boca, porque ele declarou aos seus frades estas e muitas outras coisas. [7] Além disso, mandou exarar na Regra muitas prescrições que ele, no interesse da Ordem, tinha solicitado ao Senhor durante as suas orações e meditações. Afirmava que eram absolutamente conformes à vontade do Senhor. [8] Mas, depois de as ter dado a conhecer aos frades, estes encontraram-nas duras e impossíveis de suportar, não sendo então capazes de prever o que iria acontecer à Ordem depois da morte do Santo Pai.

[9] Porque muito se receava do escândalo em si e nos outros, S. Francisco não queria embrulhar-se em discussões com os frades, mas condescendia, contrariado, com a vontade deles, desculpando-se depois perante o Senhor. [10] Mas, para que a palavra que o Senhor tinha depositado em seus lábios, para utilidade dos frades, não resultasse fruste, quis cumpri-la em si mesmo para obter do Senhor a prometida recompensa. Assim, finalmente, encontrou sossego e consolação para o seu espírito.

CAPÍTULO III

Como S. Francisco respondeu ao ministro que queria ter livros com a sua permissão e como os ministros, sem ele saber, fizeram suprimir da Regra o capítulo sobre as proibições do Evangelho

[1] Um dia, depois de S. Francisco ter regressado da sua viagem ao Oriente, um ministro, que se entretinha a falar com ele sobre a pobreza, quis conhecer nesta matéria o pensamento e a vontade do Fundador, [2] tanto mais que então a Regra continha um capítulo sobre as proibições do Santo Evangelho: *«Não leveis nada para o caminho»,* etc.

[3] Respondeu-lhe S. Francisco: «Eu penso que os frades nada mais devem possuir do que o hábito com o cordão e os panos menores, como está mandado na Regra. Mas aqueles que se virem compelidos pela necessidade poderão usar calçado».

[4] Tornou-lhe o ministro: «Que hei-de fazer então se tenho livros, cujo valor ultrapassa 50 libras?» Falou assim, porque o que ele desejava era possuí-los de consciência tranquila, pois não ignorava que S. Francisco interpretava com rigor o capítulo da pobreza.

[5] Replicou-lhe o Santo: «Não quero, nem devo, nem posso ir contra a minha consciência nem contra a perfeição do Santo Evangelho, que nos comprometemos a observar».

[6] Ouvindo esta resposta, o ministro ficou triste. S. Francisco, notando a sua perturbação, disse-lhe o que desejaria dizer a todos os frades: «Vós quereis passar por Frades Menores aos olhos dos homens e ser tidos na conta de observantes do Santo Evangelho. Porém, ao mesmo tempo, tudo fazeis para possuir bolsas bem recheadas».

[7] Na verdade, ainda que os ministros soubessem que a Regra os obrigava a observar o Santo Evangelho, mandaram suprimir da mesma aquele capítulo em que se lê: *«Não leveis nada para o caminho»,* etc., julgando que não estavam obrigados a observar a perfeição do Evangelho.

[8] Quando S. Francisco, por inspiração divina, tomou disto conhecimento, disse na presença de alguns frades: «Os irmãos ministros pensam enganar-nos, a Deus e a mim. Mas, para que os frades saibam que estão obrigados a observar o Santo Evangelho, quero que no princípio e no fim da Regra venha exarado que os frades têm a obrigação de observar firmemente o Santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo. [9] E, para que os frades não tenham jamais desculpa, desde que lhes anunciei e anuncio o que o Senhor se dignou pôr nos meus lábios para minha salvação e deles, quero cumprir estas prescrições na presença de Deus e com a Sua ajuda».

[10] Assim foi na verdade, pois observou o Santo Evangelho integralmente, desde o dia em que começou a reunir frades até ao dia da sua morte.

CAPÍTULO IV

Do noviço que desejava ter um saltério com a permissão de S. Francisco

[1] Certo dia, um noviço que sabia ler no saltério, ainda que não muito bem, obteve do Ministro Geral autorização para ter um. [2] Mas, porque ouvira dizer que S. Francisco não queria que seus frades tivessem a paixão da ciência e dos livros, não se contentou com esta permissão e quis obter também a de S. Francisco. [4] Passando o Santo pelo lugar onde se encontrava o noviço, este disse-lhe: «Pai, é para mim grande consolação ter um saltério, mas, se bem que já tenha licença do Ministro Geral, não quero usá-lo sem o teu consentimento».

[5] S. Francisco respondeu-lhe: «O imperador Carlos Magno, Rolando e Olivério e todos os paladinos e varões que se mostraram valentes na guerra, combatendo contra os infiéis até à morte, sem se pouparem a suores e fadigas, obtiveram sobre eles memoráveis vitórias. [5] Por fim, morreram em combate, como mártires santos, pela fé de Cristo. Hoje, porém, há muitos que só querem receber honras e louvores, pondo-se a contar o que fizeram os heróis. [6] Assim, também entre os nossos, muitos querem receber honras e louvores, recitando e propalando as obras que os santos fizeram».

[7] Queria dizer que não se devia cuidar dos livros e do saber, mas das obras virtuosas, porque «*a ciência incha e a caridade edifica*»[10]. [8] Passados alguns dias, estando S. Francisco sentado ao lume, o noviço voltou a falar-lhe no saltério. [9] S. Francisco disse--lhe: «Depois do saltério, apetece-te um breviário. E, cumpridos os teus desejos, repimpas-te numa poltrona, tomas ares de grande prelado e ordenas ao teu irmão: "Traz-me cá o breviário!"»

[10] Dizendo estas coisas com grande fervor de espírito, S. Francisco pegou em cinza e pô-la na cabeça, traçando um círculo à volta, como se estivesse a lavá-la, e dizendo ao mesmo tempo: «Eu sou o breviário! Eu sou o breviário!» Repetiu muitas

---

[10] 1Cor 8, 1.

vezes estas palavras, passando a mão à volta da cabeça, com grande vergonha e confusão daquele frade.

[11] Depois, S. Francisco acrescentou: «Irmão, também eu sofri a tentação de ter livros, mas, para saber a este respeito a vontade do Senhor, peguei no livro onde estavam os seus Evangelhos e pedi-lhe para que me mostrasse a sua vontade na primeira página que eu abrisse. [12] Terminada a oração, a primeira passagem que se deparou aos meus olhos foi a palavra do Santo Evangelho: "*A vós foi-vos dado conhecer os mistérios do Reino de Deus, mas aos outros fala-se-lhes em parábolas*"[11]. [13] E acrescentou: «São tantos os homens que desejam ascender à ciência, que devemos ter por feliz aquele que se fizer ignorante por amor do Senhor Deus».

[14] Passados muitos meses, estando S. Francisco em Santa Maria da Porciúncula, perto da cela que ficava atrás da casa, à beira do caminho, o dito frade voltou a falar-lhe do saltério. [15] S. Francisco disse-lhe: «Vai e faz como te disse o Ministro». Ouvindo tal resposta, o frade voltou costas e pôs-se a caminho do seu eremitério. [16] S. Francisco, tendo permanecido no caminho, começou a reflectir sobre o que dissera àquele frade. Imediatamente o chamou, gritando: «Espera aí, irmão, espera aí!» [17] Tendo-o alcançado, disse-lhe: «Volta comigo atrás e mostra-me o lugar onde te disse para obedeceres às ordens do teu Ministro no que respeita ao saltério».

[18] Tendo chegado a esse lugar, S. Francisco ajoelhou-se aos pés daquele frade e disse-lhe: «Eu é que tive a culpa, irmão, eu é que tive a culpa, [19] porque todo aquele que quiser ser frade menor não deve possuir mais do que uma túnica, tal como a Regra lho permite, cordão e panos menores; calçado, só em tempo de manifesta necessidade».

[20] Desde então, sempre que os frades vinham pedir-lhe conselho sobre este assunto, respondia-lhes do mesmo modo. [21] Por isso, repetia muitas vezes: «*Toda a ciência do homem está nas suas obras e as palavras dum religioso têm de ser comprovadas pelas suas acções, pois pelo fruto se conhece a árvore*»[12].

---

[11] Lc 8, 9-10.
[12] Mt 12, 33.

CAPÍTULO V

Da observância da pobreza nos livros, leitos, edifícios e utensílios

[1] O Santo Pai ensinava os frades a procurar nos livros, não o valor material, mas o testemunho do Senhor; não a beleza, mas o proveito espiritual. Queria que tivessem somente alguns em comum, e sempre à disposição dos frades que deles necessitassem.

[2] Nos leitos e roupas reinava uma tal pobreza, que farrapos miseráveis estendidos sobre a palha passavam por bons colchões.

[3] Ensinava também seus frades a construir casas pequenas e muito pobres, choupanas de madeira e não de pedra, de aspecto muito humilde. Detestava não só o luxo das casas como também os utensílios muito numerosos e requintados.

[4] Não queria nada nas mesas e na baixela que lhe recordasse o mundo, mas que tudo proclamasse a pobreza e cantasse a condição de peregrinos e de exilados.

CAPÍTULO VI

Como S. Francisco mandou sair todos os frades de uma casa a que chamavam a «Casa dos Frades»

[1] Quando S. Francisco passava por Bolonha, soube que acabava de ser construída uma casa para os frades. Ao ter conhecimento de que era chamada a «Casa dos Frades», deu meia volta e saiu da cidade; logo mandou terminantemente que todos os frades saíssem à pressa daquela casa para não mais aí habitarem.

[2] Logo saíram todos, sem exceptuar os enfermos, e não puderam aí permanecer, até que o Senhor Hugolino, Bispo de Óstia e legado na Lombardia declarou publicamente que a casa lhe pertencia.

[3] Um irmão enfermo, que então foi evacuado da casa, testemunhou estes factos e consignou-os por escrito.

CAPÍTULO VII

Como S. Francisco quis demolir uma casa que o povo de Assis construíra junto de Santa Maria da Porciúncula

[1] Como se aproximava a data em que devia reunir-se o Capítulo Geral, que se efectuava todos os anos em Santa Maria da Porciúncula, o povo de Assis, considerando que os frades se tornavam cada dia mais numerosos, se reuniam todos os anos naquele lugar e não tinham mais do que uma pequena choupana coberta de palha, com paredes de ramos entrançados e rebocadas com barro, [2] em poucos dias construiu, a toda a pressa e com muita devoção, uma grande casa de pedras cimentadas, na ausência de S. Francisco e sem a sua permissão.

[3] Ao regressar duma província e ao dirigir-se para ali para tomar parte no Capítulo, ficou muito surpreendido por ver aquela casa construída. Temendo que os outros frades, ao vê-la, mandassem construir igualmente casas grandes para substituir as suas residências, [4] e querendo que aquele lugar servisse de exemplo e modelo a todos os outros lugares da Ordem, antes do fim do Capítulo subiu ao tecto daquela casa e mandou aos frades que o seguissem. [5] Depois, todos juntos começaram a deitar abaixo as telhas que a cobriam, com a intenção de a demolir até aos alicerces.

[6] Sucedeu, porém, que soldados de Assis montavam guarda a este lugar por causa dos numerosos estrangeiros vindos para presenciar o Capítulo dos frades. [7] Ao verem que S. Francisco, com os demais frades, queriam destruir a casa, logo foram ter com ele e lhe disseram: «Irmão, esta casa pertence à comuna de Assis e nós estamos aqui a representá-la. Por isso, te proibimos que destruas a nossa casa».

[8] Ao ouvir isto, S. Francisco disse-lhes: «Bem, se a casa é vossa, não quero tocar-lhe». E logo desceu com os frades.

[9] Eis porque o povo de Assis decidiu que desde então o governo da cidade devia mandar repará-la. Esta decisão foi observada todos os anos durante muito tempo.

CAPÍTULO VIII

Como S. Francisco censurou o seu Vigário por ter mandado construir uma pequena casa para aí rezar o ofício

[1] Noutra ocasião, o Vigário de S. Francisco mandou construir na Porciúncula uma pequena casa, onde os frades pudessem descansar e rezar as Horas do Ofício, alegando que, [2] por causa do grande número de irmãos que aí acorriam, não tinham onde o fazer. [3] Com efeito, todos os frades demandavam aquela casa e só ali eram feitas admissões à Ordem.

[4] Estando a casa quase terminada, veio ali S. Francisco. Da cela onde se encontrava, ouviu o barulho dos trabalhadores e, chamando o seu companheiro, perguntou-lhe o que faziam aqueles frades. O companheiro contou-lhe tudo quanto se passava.

[5] Imediatamente mandou chamar o seu Vigário, a quem disse: «Irmão, este lugar é o modelo e exemplo de toda a Ordem. [6] Por isso, eu quero que os irmãos aqui residentes sofram contrariedades e incómodos por amor de Deus, a fim de que os frades que por aqui passarem levem para os seus eremitérios tão belo exemplo de pobreza. [7] Se estes irmãos gozassem de todas as comodidades, os outros seguir-lhes-iam o exemplo na construção de edifícios, dizendo: "Se em Santa Maria da Porciúncula, que é o berço da Ordem, constroem tais edifícios, bem podemos nós fazer o mesmo nas nossas terras"».

CAPÍTULO IX

Como S. Francisco não gostava de habitar numa cela mais cómoda, nem que lhe chamassem sua

[1] Um frade muito espiritual e amigo íntimo de S. Francisco mandou fazer no eremitério onde morava uma cela bastante recatada, em que S. Francisco pudesse entregar-se à oração quando ali se encontrasse.

[2] Vindo o santo àquele lugar, o frade conduziu-o à dita cela. S. Francisco observou-lhe: «Esta cela é maravilhosa!» [3] Com efeito, o pavimento era de madeira preparada com o machado e a

enxó. «Se queres que eu aqui fique – continuou o santo – reveste-a interior e exteriormente de fetos e de ramos de árvores». [4] Pois, quanto mais pobrezinhas fossem as casas e as celas, tanto mais gostosamente aí habitava. Tendo o frade procedido conforme lhe fora ordenado, S. Francisco permaneceu ali durante alguns dias.

[5] Certo dia, porém, em que S. Francisco se encontrava fora da cela, um frade foi vê-la e depois dirigiu-se ao santo Pai. [6] Quando o viu, S. Francisco perguntou-lhe: «Donde vens, irmão?» Este respondeu-lhe: «Venho da tua cela».

[7] Francisco retorquiu-lhe: «Por teres dito que a cela era minha, doravante outros irão habitá-la, que não eu».

Nós, que estivemos com ele, muitas vezes o ouvimos repetir aquelas palavras do Evangelho: «*As raposas têm tocas e as aves dos céus têm ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça»*[13]. [8] Também dizia: «Quando o Senhor se retirou para o deserto, onde orou e jejuou durante 40 dias e 40 noites, não mandou fazer aí nem cela nem casa, mas abrigou-se na gruta dum rochedo da montanha».

[9] Assim, para ser fiel ao exemplo do Senhor, jamais quis ter ou construir casa ou cela que se dissesse «sua». [10] Além disso, se por vezes lhe acontecia dizer aos frades: «Ide preparar aquela cela», não queria depois permanecer nela por causa da palavra do Santo Evangelho: *«Não vos inquieteis»*[14],etc.. [11] Pouco antes da morte, quis escrever no testamento que todas as celas e casas dos frades fossem somente de madeira e de barro, para salvaguardar melhor a pobreza e a humildade.

CAPÍTULO X

Como escolher um lugar nas cidades e nelas construir segundo a vontade de S. Francisco

[1] Certa ocasião, estando S. Francisco em Sena por causa da doença dos olhos, o senhor Boaventura, que dera o terreno em que

---

[13] Mt 8, 20, Lc 9, 58.
[14] Lc 12, 22-24.

fora construída uma casa, perguntou-lhe: «Que te parece, Pai, esta habitação?» [2] Respondeu-lhe S. Francisco: «Queres que te diga como devem ser construídas as casas dos frades?» «Sim, Pai» – respondeu o outro. [3] Disse-lhe o santo: «Quando os frades chegarem a uma cidade onde não tenham casa, havendo alguém que esteja disposto a dar-lhes o terreno para construir uma, ter um jardim e quanto lhes é necessário, [4] devem primeiramente examinar quanto terreno lhes basta, tendo sempre em conta a santa pobreza e o bom exemplo que em tudo devemos dar».

[5] Isto dizia, porque de nenhum modo queria que os frades excedessem os limites da pobreza nas casas, nas igrejas, nos jardins, nas outras coisas de que se serviam, [6] nem possuíssem habitações por direito de propriedade, mas nelas morassem sempre como peregrinos e estrangeiros. [7] Por isso, não queria que os frades fossem muito numerosos em cada casa, por lhe parecer difícil guardar a pobreza nestas condições. [8] E esta foi a sua intenção desde o início da conversão: que a pobreza fosse escrupulosamente observada em tudo.

[9] Estabelecida, pois, a extensão de terreno necessário para a casa, continuou S. Francisco, deviam os frades ir ter com o Bispo da cidade e dizer-lhe: «Senhor, Fulano de tal quer dar-nos, por amor de Deus e salvação da sua alma, o terreno necessário para construirmos uma casa. [10] Por isso, a Vós recorremos em primeiro lugar, porque sois pai e mestre das almas do rebanho que vos foi confiado, das nossas e de todos os irmãos que morarem neste lugar. É nosso desejo construir aqui com a bênção de Deus e a vossa».

[11] Falava deste modo, porque o bem das almas que os frades queriam realizar era mais facilmente obtido vivendo em paz com o clero, ganhando a sua simpatia, do que escandalizando-o, mesmo que com esta atitude se conseguissem as boas graças do povo. E acrescentou: [12] «O Senhor chamou-nos para sermos os suportes da fé e os auxiliares dos prelados e dos clérigos da Santa Igreja. [13] Por isso, tanto quanto pudermos, estamos sempre obrigados a amá-los, honrá-los e respeitá-los. Chamamo-nos Frades Menores porque, como o nosso nome indica, devemos ser os mais humildes dos homens, tanto pelo exemplo como pelas obras. [14] Desde o princípio da minha conversão, o Senhor depositou a Sua palavra nos lábios

do Bispo de Assis para me aconselhar rectamente e fortalecer no serviço de Cristo. [15] Por este motivo e por outras excelentes qualidades que vejo nos prelados, quero amar, respeitar e ter por meus senhores, não apenas os Bispos como também os pobrezinhos sacerdotes.

[16] Depois de receberem a bênção do Bispo, vão e mandem cavar um grande fosso à volta do terreno que lhes foi concedido para construção, e façam aí uma boa sebe, em vez dum muro, em sinal da santa pobreza e humildade. [17] Depois mandem fazer de barro e madeira casas pobrezinhas com algumas celas, em que os frades possam às vezes orar e trabalhar com toda a honestidade, para evitar a ociosidade. [18] Também as igrejas devem ser pequenas; a pretexto de pregarem ao povo ou por outro motivo, não devem construí-las grandes, pois praticarão melhor a humildade e darão exemplo mais edificante indo pregar às outras igrejas. [19] E se, por vezes, os prelados, clérigos, religiosos e seculares vierem até nós, ficarão mais edificados com a pobreza das casas pequenas, das celas e das igrejas do que com as nossas palavras». [20] E ajuntou: «Muitas vezes os frades constroem grandes edifícios, violando a nossa santa pobreza, provocando murmuração e dando mau exemplo ao próximo. [21] Às vezes, a pretexto de terem uma casa melhor, mais saudável, ou para acolherem mais gente, abandonam ou destroem, por cobiça e avareza, aqueles lugares e constroem outros de grandes dimensões; pelo que os fiéis e quantos contribuíram com suas esmolas, ao verem isto, ficam muito perturbados e escandalizados.

[22] É, portanto, melhor que os frades construam casas pequenas e pobrezinhas, sendo assim fiéis aos compromissos da sua profissão e dando bom exemplo ao próximo, do que infringirem as promessas e darem mau exemplo aos fiéis. [23] Mas, se alguma vez deixarem uma casa pobrezinha para passarem a outra mais conveniente, será menor o escândalo daí proveniente».

CAPÍTULO XI

Como alguns frades, principalmente superiores e letrados, se opuseram a S. Francisco na construção de casas pobrezinhas

[1] Tendo S. Francisco determinado que as igrejas dos frades fossem pequenas e as casas construídas unicamente de madeira e barro em sinal da santa pobreza e humildade, [2] quis aplicar esta determinação em Santa Maria dos Anjos, principalmente quanto às casas feitas com aqueles materiais, a fim de que esta ermida, que era a primeira e a principal da Ordem, fosse memorial e exemplar eterno a todos os frades presentes e vindouros. [3] Porém, certos frades nisto lhe foram contrários, argumentando que em algumas regiões a madeira era mais cara do que a pedra, pelo que não lhes parecia bem que, ao menos aí, as casas fossem construídas de madeira e de barro.

[4] Mas S. Francisco, gravemente doente e prestes a morrer, não quis discutir com eles. Por isso, mandou escrever no testamento: [5] «Acautelem-se os frades de receber igrejas, pobrezinhas moradas e tudo o mais que para eles for construído, se não forem conformes à santa pobreza; hospedem-se nelas como peregrinos e estrangeiros».

[6] Nós, que estivemos com ele quando apresentou a Regra e quase todos os outros escritos, podemos testemunhar que ele mandou escrever na Regra e nos demais escritos muitas determinações a que alguns frades foram contrários, sobretudo superiores e letrados. [7] Essas determinações seriam hoje muito úteis e necessárias a toda a Ordem. Mas, como S. Francisco receava o escândalo, submeteu-se, contrariado, à vontade daqueles frades. [8] Todavia, dizia muitas vezes: «Ai daqueles frades que se me opuserem naquelas coisas que sei firmemente serem a vontade de Deus para o bem e utilidade de toda a Ordem. É contrariado que me submeto à vontade deles».

[9] A nós, seus companheiros, dizia-nos muitas vezes: «A minha dor e aflição está em que, à força de orações e meditações, obtenho da misericórdia de Deus orientações que Ele me assegurou serem a Sua vontade para interesse actual e futuro de toda a Ordem. [10] Mas a verdade é que alguns frades, em nome da sua

ciência e falsa providência, são-me contrários e as rejeitam, dizendo: «Estas coisas obrigam e devem ser observadas, aquelas não».

CAPÍTULO XII

Como S. Francisco considerava um roubo receber ou gastar esmolas além da necessidade

[1] S. Francisco dizia muitas vezes aos seus frades: «Nunca fui um ladrão de esmolas, quer na sua aquisição, quer no seu uso além da necessidade. [2] Recebi sempre menos do que me ofereciam, para que os outros pobres não fossem prejudicados na parte que lhes cabia. Proceder de outro modo seria um roubo».

CAPÍTULO XIII

Como Cristo revelou a S. Francisco ser Sua vontade que os frades nada tivessem de seu, quer em comum quer em particular

[1] Procurando os ministros persuadir S. Francisco a conceder alguns bens aos frades, ao menos em comum, a fim de que tão grande multidão dispusesse de alguns recursos, o bem-aventurado Francisco invocou a Cristo durante a oração e consultou-O sobre este ponto. [2] Logo se fez ouvir a resposta: «Eu é que lhes darei tudo, tanto em particular como em comum; estarei sempre na disposição de prover a esta família, por numerosa que se torne, e sempre a sustentarei, enquanto puser em mim a sua esperança».

CAPÍTULO XIV

Do desprezo de S. Francisco pelo dinheiro e como castigou um frade por ter tocado numa moeda

[1] Como verdadeiro amigo e imitador de Cristo, S. Francisco desprezava absolutamente as coisas do mundo, mas acima de tudo execrava o dinheiro e exortava os seus frades, pela palavra e pelo

exemplo, a fugirem dele como do diabo. [2] Na verdade, dera aos frades o conselho de terem no mesmo apreço o esterco e o dinheiro.

[3] Um dia, um secular entrou na igreja de Santa Maria da Porciúncula para orar e pôs o dinheiro da sua oferta junto da cruz. Após a sua saída, um frade pegou no dinheiro com toda a simplicidade e pô-lo no rebordo da janela. [4] Ao ter conhecimento de que S. Francisco fora informado do sucedido, aquele frade, vendo-se surpreendido em falta, acorreu a pedir-lhe perdão; e, prostrado por terra, ofereceu-se para receber o merecido castigo. [5] O santo repreendeu-o asperamente por ter tocado no dinheiro. Mandou-lhe que o tirasse da janela com a boca, o retirasse para fora do recinto do eremitério e, sempre com a boca, o depusesse em cima de esterco de burro.

[6] Quando aquele frade cumpriu prontamente a ordem recebida, todos os que isto viram ou tomaram conhecimento ficaram cheios de grande temor, e desde então execraram o dinheiro, comparado a esterco asinino. Todos os dias, novos exemplos os levavam a desprezá-lo sempre mais.

CAPÍTULO XV

Da necessidade de evitar as túnicas macias e numerosas e de ter paciência nas provações

[1] Revestido da força do alto, este homem, Francisco, era mais aquecido interiormente com o fogo do amor divino do que exteriormente com as vestes corporais. Não suportava os irmãos vestidos com três hábitos e os que na Ordem usavam vestes macias sem necessidade. [2] Esta necessidade, que não é reclamada pela razão mas pelo prazer dos sentidos, ele a considerava como sinal certo de um espírito extinto. «Quando o espírito se torna tíbio e a graça nele resfria, dizia o santo, a carne e o sangue procuram o que lhes é próprio».

[3] Costumava dizer: «Que sucede quando a alma ignora as delícias espirituais, senão que a carne volta para o que é seu? Então o apetite animal invoca a desculpa da necessidade e o sentir carnal forma a consciência. [4] Se um irmão se debate com uma verdadeira

necessidade e se apresta a satisfazê-la, qual será a sua recompensa? Apresentava-se-lhe uma ocasião de mérito, mas deu a prova clara de que lhe desagradava. Não querer suportar corajosamente a necessidade, outra coisa não é do que querer "regressar ao Egipto"»[15].

[5] Enfim, de forma nenhuma queria que os frades tivessem mais de duas túnicas; permitia, no entanto, que as reforçassem com remendos interiormente cosidos. [6] Dizia abominar os panos finos e censurava duramente os que procediam em contrário. Para os confundir com o seu exemplo, trazia sempre um saco grosseiro cosido sobre a túnica; mesmo na sua morte, mandou coser com saco a sua túnica mortuária. [7] No entanto, aos frades atingidos pela enfermidade ou por outra necessidade, permitia-lhes usar junto à pele outra túnica mais macia, mas sempre de maneira que exteriormente resplandecesse a aspereza e a vileza no hábito. [8] Dizia com profunda dor: «A austeridade relaxar-se-á e a tibieza campeará de tal modo que os filhos dum pai pobre não terão vergonha de trazer vestidos de escarlate, mudando somente a côr».

CAPÍTULO XVI

Como S. Francisco recusava conceder ao seu corpo as coisas de que julgava carecerem os outros frades

[1] Encontrando-se S. Francisco no eremitério de Santo Eleutério, perto de Rieti, coseu, por dentro, a única túnica que usava habitualmente e a dum companheiro com alguns retalhos de pano, pelo muito frio que se fazia sentir. [2] Como resultado, começou a sentir no corpo um certo bem-estar.

[3] Pouco depois, ao sair da oração, disse com grande alegria ao seu companheiro: «Eu devo ser o modelo e exemplo de todos os irmãos. [4] Por isso, ainda que o meu corpo sinta a necessidade de uma túnica forrada, devo ter em conta que outros irmãos têm a mesma necessidade e talvez não possam satisfazê-la. [5] Devo, pois, igualar-me aos meus irmãos e suportar as mesmas privações que

---

[15] Nm 11, 20.

eles, a fim de que, vendo o meu exemplo, possam sofrê-las com mais ânimo».

[6] Quantas e quais comodidades teve de recusar ao seu corpo para dar bom exemplo aos frades e para estes suportarem as suas carências mais corajosamente, nós, que estivemos com ele, não podemos descrevê-las com palavras ou por escrito. [7] Com efeito, quando os frades começaram a tornar-se numerosos, pôs todo o seu empenho em ensinar-lhes, mais por obras do que por palavras, o que deviam fazer ou evitar.

CAPÍTULO XVII

Como S. Francisco se envergonhava de encontrar alguém mais pobre do que ele

[1] Uma vez, S. Francisco, encontrando um homem pobrezinho e considerando a sua miséria, disse ao seu companheiro: «A pobreza deste homem cobre-nos de vergonha e é uma severa censura à nossa. [2] Pois sinto grande vergonha quando encontro alguém mais pobre do que eu, porque eu escolhi a santa pobreza para ser a minha Senhora, a minha alegria e a minha riqueza espiritual e corporal. [3] Além disso, correu por todo o mundo a notícia de que eu fiz profissão de pobreza perante Deus e perante os homens».

CAPÍTULO XVIII

Como S. Francisco encorajou e ensinou os primeiros frades a não terem vergonha de pedir esmola

[1] Quando S. Francisco começou a juntar frades, encheu-se de alegria pela sua conversão e por o Senhor lhe ter dado excelente companhia. Tanto os amava e respeitava que não os mandava pedir esmola, principalmente porque lhe parecia que teriam vergonha de o fazer. [2] Assim, para os poupar à vergonha, todos os dias ia ele pedir esmola sozinho.

[3] Como, porém, este trabalho o fatigasse demasiado, sobretudo porque no mundo tinha levado uma vida delicada e era frágil segundo a natureza, mais debilitado ainda pelo excesso de jejuns e

de austeridade, pensou que não podia mais suportar sozinho um tal trabalho. [4] Considerando que todos os frades tinham sido chamados à mesma tarefa que ele e que, se tinham vergonha de pedir esmola, era porque não estavam bem esclarecidos e não eram bastante avisados para dizer «também queremos ir pedir esmola», aconselhou-os deste modo: [5] «Irmãos caríssimos, meus filhos, não vos envergonheis de ir pedir esmola, porque o Senhor se fez pobre por nossa causa neste mundo e foi a exemplo seu que escolhemos o caminho da verdadeira pobreza. [6] É esta a herança que Nosso Senhor Jesus Cristo nos adquiriu e que Ele deixou tanto a nós como a todos aqueles que querem seguir o Seu exemplo de santíssima pobreza. [7] Em verdade vos digo que muitos dentre os mais nobres e sábios deste mundo virão juntar-se à nossa família, e será para eles grande honra e graça pedirem esmola. Ide, pois, pedir esmola confiadamente e de coração jovial, com a bênção de Deus. [8] Deveis ir prontamente e sentir maior alegria do que aquele homem que recebesse cem moedas em troca por uma, porque vós ofereceis o amor de Deus a quem pedis esmola, dizendo-lhes: [9] "Dai-nos esmola por amor de Deus", em cuja comparação o céu e a terra não são nada».

[10] Como então os frades ainda eram poucos, S. Francisco não podia enviá-los dois a dois, mas apenas individualmente, pelas cidades e aldeias. [11] E, quando regressavam com as esmolas que tinham recebido, cada um mostrava as suas a S. Francisco. Então era vê-los dizerem uns aos outros: «Eu trouxe mais esmolas do que tu». [12] E S. Francisco sentia-se satisfeito por os ver alegres e felizes. Desde então, cada um solicitava de bom grado permissão para ir pedir esmola.

CAPÍTULO XIX

Como S. Francisco não queria que os frades fossem previdentes e andassem apreensivos com o dia seguinte

[1] Na mesma ocasião, S. Francisco e os frades que o seguiam viviam em tão extrema pobreza que em todas as coisas observavam à letra o Santo Evangelho, [2] desde o dia em que o Senhor lhe revelou que ele próprio e seus frades deviam viver segundo o modelo do Santo Evangelho. [3] Por isso, proibiu o irmão cozinheiro de

pôr de molho de véspera, como era costume, os feijões secos que os frades deveriam comer no dia seguinte, [4] a fim de se conformarem com as palavras do Santo Evangelho: *«Não vos inquieteis com o dia seguinte»*[16]. [5] Assim, o irmão esperava pelo fim de Matinas para pôr os feijões em água quente, quando já tinha despontado o dia em que deviam ser comidos.

[6] Este mesmo motivo levou muitos frades a observar, durante bastante tempo e em variados lugares, sobretudo nas cidades, o costume de não quererem aceitar ou receber mais esmolas do que as indispensáveis para as necessidades de cada dia.

CAPÍTULO XX

Como S. Francisco repreendeu, pela palavra e pelo exemplo, os frades que tinham preparado sumptuosa mesa no dia de Natal, por causa da presença de um ministro

[1] Vindo um ministro ter com S. Francisco para celebrar com ele, no eremitério dos frades de Rieti, a festa do Natal do Senhor, os frades, [2] a pretexto do ministro e da festa, prepararam as mesas com certa distinção e esmero, cobrindo-as de belas toalhas brancas e de copos de vidro.

[3] Quando S. Francisco desceu da cela para comer, viu as mesas levantadas do chão e cuidadosamente preparadas. [4] Logo se retirou discretamente e, tomando o carapuço e o bordão de um pobre que ali se encontrava no mesmo dia, chamou um dos seus companheiros em voz baixa e saiu as portas, sem os frades darem conta. [5] O companheiro permaneceu do lado de dentro junto da porta. Entretanto, chegada a hora, os frades sentaram-se à mesa, pois S. Francisco lhes tinha ordenado que não esperassem por ele quando não estivesse à hora da refeição.

[6] Depois de permanecer algum tempo do lado de fora, bateu à porta, que o companheiro imediatamente abriu. Dirigiu-se com o carapuço atrás das costas e o bordão na mão, como um pobre peregrino, à entrada da sala em que os frades tomavam a refeição e

---

[16] Mt 6, 19-34.

suplicou, dizendo: «Por amor do Senhor Deus, dai uma esmola a este pobre peregrino enfermo». [7] O ministro e os demais frades imediatamente o reconheceram. O ministro respondeu-lhe: «Irmão, nós também somos pobres e, por sermos muitos, todas as esmolas que temos nos são necessárias. [8] Mas, por amor do Senhor que invocaste, entra nesta sala e repartiremos contigo as esmolas que o Senhor nos dispensou».

[9] Entrando e postando-se diante da mesa dos frades, recebeu do ministro a sua escudela com pão. Pegando nela, sentou-se humildemente no chão, ao pé da lareira, em frente dos irmãos sentados à mesa.

[10] Arrancando leves suspiros, disse aos frades: «Quando vi esta mesa preparada com tanto cuidado e asseio, pensei que não era a mesa dos religiosos pobres que todos os dias vão por esmola de porta em porta. [11] Mais do que os outros religiosos, convém-nos a nós, irmãos caríssimos, seguir o exemplo de humildade e pobreza de Cristo, porque nós para isto fomos chamados e fizemos profissão perante Deus e os homens. [12] Eis porque me parece justo que eu esteja aqui sentado como um frade Menor, pois as festas do Senhor e dos santos mais dignamente se celebram com a simplicidade e a pobreza, que os mesmos santos praticaram para ganhar o céu, do que com o requinte e o luxo, que nos afastam de Deus».

[13] Ouvindo estas palavras, os frades cobriram-se de vergonha e convieram em que S. Francisco dissera a pura verdade. Alguns deles até choraram de enternecidos, vendo-o assentado no chão e com tão santo e puro desejo de os corrigir e ensinar. [14] Exortou os irmãos a terem mesas humildes e honestas para edificarem os seculares e para que, se acontecesse aparecer um pobre ou ser convidado pelos frades, este pudesse sentar-se com eles ao mesmo nível, e não se visse o pobre no chão e os irmãos nos assentos.

CAPÍTULO XXI

Como o senhor Bispo de Óstia chorou e ficou edificado com a pobreza dos frades reunidos em Capítulo

[1] O senhor Bispo de Óstia, que mais tarde foi o Papa Gregório, tendo vindo ao Capítulo dos frades em Santa Maria da Porciún-

cula, entrou na ermida com um séquito de muitos cavaleiros e clérigos para ver o dormitório dos frades. [2] Verificando que os frades dormiam sobre a terra nua, sem outro leito que não fosse um braçado de palha e algumas mantas pobres e quase todas rotas, sem travesseiro, Hugolino desatou em lágrimas à frente de todos, dizendo: [3] «Assim dormem os frades! O que irá ser de nós miseráveis, que nos rodeamos de tantas comodidades?» Tanto ele como o seu séquito ficaram altamente edificados. [4] Também ficaram bem impressionados por não verem ali mesa alguma, pois os frades comiam no chão. Nesta casa, enquanto viveu S. Francisco, todos os frades seguiram sempre este costume.

CAPÍTULO XXII

Como uns cavaleiros encontraram o necessário, pedindo esmola de porta em porta, segundo o conselho de S. Francisco

[1] Encontrando-se S. Francisco no eremitério de Bagnara, acima de Nucéria, os seus pés começaram a inchar fortemente por causa da hidropisia, e caiu gravemente doente. [2] Quando a triste nova chegou ao conhecimento dos assisienses, logo apareceram no eremitério uns cavaleiros para o levarem para Assis, pois receavam que, se morresse aí, outros ficassem com a relíquia do seu corpo santíssimo.

[3] Quando os portadores o levavam, pararam em certa povoação da comuna de Assis para tomar uma refeição. Francisco ficou a descansar em casa dum homem pobre, que o acolheu de bom grado e com alegria. [4] Entretanto, os cavaleiros foram pela povoação comprar o que lhes era necessário, mas nada encontraram. Tornaram desalentados a S. Francisco e disseram-lhe como que para o comover: «Convém, irmãos, que repartais connosco as vossas esmolas, pois nada encontrámos para comprar».

[5] S. Francisco disse-lhes com grande fervor de espírito: «Eis a razão por que nada encontrastes: é porque confiastes mais nas vossas *moscas,* que é o vosso dinheiro, do que em Deus! [6] Agora voltai às casas aonde fostes comprar e, pondo a vergonha de lado, pedi esmola por amor de Deus. Sob o impulso do Espírito Santo, os habitantes dar-vos-ão tudo em abundância. [7] Foram, pois, e

pediram esmola, como S. Francisco lhes dissera. Cada um que era solicitado dava com grande alegria e abundância do que tinha. [8] Reconhecendo que isto só podia acontecer por milagre, com muita alegria voltaram para S. Francisco, louvando o Senhor.

[9] Assim, o bem-aventurado Francisco considerava que pedir esmola era uma acção nobre e digna, [10] porque tudo o que o Pai Celeste criou para utilidade do homem, por amor de Seu dilecto Filho, foi dado gratuitamente por esmola, depois do pecado, quer aos dignos quer aos indignos.

[11] Dizia ainda que o servo de Deus devia pedir esmola por amor de Deus com maior boa vontade e alegria do que aquele que por generosidade e largueza fosse por toda a parte dizendo: [12] «Se alguém me der uma moeda de um euro, dar-lhe-ei em troca mil euros em ouro», porque o servo de Deus, ao pedir esmola, oferece àquele a quem se dirige o amor de Deus, em comparação do qual nada são as coisas do céu e da terra».

[13] É esta a razão por que, antes e depois de os frades se multiplicarem, quando S. Francisco ia pelo mundo a pregar e era convidado a tomar uma refeição e a hospedar-se em casa dum nobre e rico, [14] à hora da comida ia sempre pedir esmola antes de se dirigir à casa de quem o convidava, para dar bom exemplo aos frades e em razão da dignidade da Senhora Pobreza.

[15] Muitas vezes dizia àquele que o tinha convidado: «Eu não quero renegar a minha dignidade real, a minha herança, a minha profissão e a de meus frades, isto é, pedir esmola de porta em porta». [16] Sucedia por vezes que o seu hospedeiro o acompanhava e ele mesmo recebia as esmolas que davam a S. Francisco. E, pela devoção que lhe tinha, guardava-as como relíquias.

[17] Quem escreve estas coisas presenciou-as muitas vezes e delas dá testemunho.

CAPÍTULO XXIII

Como S. Francisco foi pedir esmola antes de se sentar à mesa dum Cardeal

[1] Um dia em que S. Francisco visitou o senhor Bispo de Óstia, que mais tarde foi o Papa Gregório, antes da refeição saiu furtiva-

mente a pedir esmola de porta em porta. Quando regressou, já o senhor Bispo se encontrava à mesa com numeroso séquito de nobres e cavaleiros. [2] S. Francisco entrou na sala, pôs em cima da mesa, em frente do Cardeal, as esmolas que lhe tinham dado e foi sentar-se junto dele, pois o cardeal sempre o queria à sua beira.

[3] O Cardeal sentiu-se um tanto mortificado e confundido por ele ter ido pedir esmola e ter posto o produto em cima da mesa, mas no momento nada lhe disse por causa dos convidados.

[4] Tendo comido um pouco, S. Francisco tomou as esmolas e, em nome do Senhor, deu parte delas aos cavaleiros e capelães do senhor cardeal. [5] Todos as receberam com grande respeito e devoção, tirando os capuchos e barretes, mas, enquanto uns comeram, outros guardaram-nas como se foram relíquias. [6] Com esta devoção se alegrou sobremaneira o senhor Bispo de Óstia, principalmente porque as esmolas não eram de pão de trigo.

[7] Depois da refeição, o senhor cardeal entrou no seu apartamento, levando consigo S. Francisco. Levantando os braços, abraçou-o com grande alegria e entusiasmo, dizendo-lhe: [8] «Ó meu simplicíssimo irmão, por que motivo, vindo tu hoje à minha casa, que é a casa dos teus frades, me envergonhaste daquela maneira, saindo a pedir esmola?»

[9] Respondeu-lhe S. Francisco: «Pelo contrário, julgo que vos dei muita honra porque, quando um servo faz o seu dever e cumpre as ordens do seu senhor, honra-o sem dúvida». [10] E acrescentou: «Eu devo ser o modelo e exemplo dos pobres que se encontram entre vós. Estou certo de que nesta Ordem de irmãos há e haverá sempre irmãos Menores no nome e nas obras. Por amor de Deus e pela unção do Espírito Santo, que lhes ensinará todas as coisas, sujeitar-se-ão a toda a humilhação e serviço dos seus irmãos. [10] Há e haverá outros que, peados pela vergonha ou por mau costume, recusam e recusarão humilhar-se e abaixar-se a mendigar e a realizar trabalhos servis. [11] Eis porque devo ensinar pelas minhas obras aqueles que fazem parte da Ordem ou nela hão-de entrar, a fim de que neste mundo e no outro sejam indesculpáveis perante Deus. [12] Encontrando-me junto de vós, que sois o nosso senhor e protector apostólico, ou junto dos outros poderosos e ricos deste mundo que, por amor de Deus e com muita devoção, não só me recebeis em vossas casas como também me convidais insistentemente, não

quero envergonhar-me de ir pedir esmola. [13] Demais disso, quero manter esta prática e considerá-la como a mais alta nobreza e dignidade real, [14] e proceder assim em honra d'Aquele que, sendo o senhor de tudo, quis fazer-se servo de todos e, sendo rico e glorioso na sua majestade, quis tornar-se pobre e desprezado na nossa humilde condição.

[15] Por isso, quero que os frades presentes e vindouros saibam que sinto maior consolação de alma e de corpo quando estou com eles a uma mesa pobrezinha, coberta das esmolas que foram recolhidas de porta em porta por amor de Deus, [16] do que quando me sento à vossa mesa ou à dos outros senhores, abundantemente provida das mais variadas iguarias. [17] O pão das esmolas é sagrado e foi santificado pelo louvor e amor de Deus, pois, quando o frade vai pedir esmola, deve primeiramente dizer: «Louvado e bendito seja o Senhor Deus!» Em seguida: «Dai-nos esmola por amor do Senhor Deus».

[18] O senhor cardeal ficou muito edificado com este colóquio e nada mais teve para responder, do que: «Meu filho, faz sempre o que te parecer bem, porque o Senhor está contigo e tu com Ele».

[19] A vontade de S. Francisco era, como disse muitas vezes, que um frade não devia passar muito tempo sem ir pedir esmola, porque é um acto meritório e para que mais tarde não tenha vergonha de o fazer. [20] Além disso, quanto mais nobre e eminente fosse um frade no mundo, tanto mais S. Francisco se alegrava e edificava quando ia pedir esmola e se entregava aos trabalhos humildes que os outros frades efectuavam.

CAPÍTULO XXIV

Do frade que não rezava nem trabalhava mas comia bem

[1] Nos primórdios da Ordem, quando os frades residiam em Rivotorto, perto de Assis, havia entre eles um frade que orava pouco, não trabalhava, recusava-se a pedir esmola, mas comia bem.

[2] Atentando neste procedimento, S. Francisco soube, por revelação do Espírito Santo, que ele era um homem carnal. Disse-lhe: «Segue o teu caminho, irmão Mosca, porque queres alimentar-te com o trabalho dos teus irmãos e te mostras ocioso nas obras de

Deus. [3] És como o zângão ocioso e estéril que nada ajunta, não trabalha e se alimenta do trabalho e ganho das abelhas laboriosas».

[4] Este homem seguiu o seu caminho. Porque era carnal, não pediu perdão e, por isso, não o obteve.

CAPÍTULO XXV

Como S. Francisco saiu com entusiasmo ao encontro dum pobre que passava com as esmolas recolhidas, louvando a Deus

[1] Noutra ocasião, encontrando-se S. Francisco em Santa Maria da Porciúncula, um pobre muito espiritual, que regressava de Assis com esmolas, ia pelo caminho, louvando a Deus em altas vozes e com grande alegria.

[2] Quando se aproximava da igreja de Santa Maria, S. Francisco ouviu-o e logo acorreu ao seu encontro com grande entusiasmo e alegria. Beijando devotamente o ombro onde ele levava a sacola com as esmolas, tirou-a e pô-la aos seus ombros. [3] Transportou-a para a casa dos frades e disse na presença de todos: «É assim que eu quero que os meus frades vão pedir esmola e voltem alegres e felizes, louvando a Deus».

CAPÍTULO XXVI

Como o Senhor revelou a S. Francisco que os Frades deviam chamar-se Menores e anunciar a paz e a salvação

[1] Certa ocasião, S. Francisco disse: «A Ordem e a vida dos Frades Menores são semelhantes a um pequeno rebanho, que o Filho de Deus, nesta hora suprema, pediu a seu Pai Celeste, dizendo: [2] «Pai, eu desejaria que me criasses e me desses um povo novo e humilde, diferente, na humildade e na pobreza, de todos aqueles que o precederam, e se contentasse com me possuir a mim só».

[3] E o Pai Celeste respondeu a seu amado Filho: «Faça-se conforme pediste».

[4] Por isso, dizia S. Francisco que fora esta a vontade do Senhor, pelo mesmo a ele revelada: que os irmãos se chamassem

Frades Menores, porque eles são o povo pobre e humilde, que o Filho de Deus pediu a seu Pai e do qual se diz no Evangelho: [5] «*Não temas, pequenino rebanho, porque aprouve ao Pai dar-vos o Reino*»[17]. E ainda: «*O que fizestes a um dos meus irmãos menores foi a mim mesmo que o fizestes*[18]». [6] E, ainda que o Senhor entendesse falar de todos os pobres em espírito, queria sobretudo anunciar o aparecimento da Ordem dos Frades Menores na sua Igreja.

[7] Por isso, desde que foi revelado a S. Francisco que a sua Ordem devia ser chamada dos Frades Menores, logo mandou escrevê-lo na primeira Regra, que levou ao Senhor Papa Inocêncio III, que a aprovou e concedeu, e mais tarde a proclamou a todos em consistório.

[8] Igualmente o Senhor lhe revelou a saudação que os frades deviam dizer, como mandou escrever no testamento: «O Senhor revelou-me o que devia dizer como saudação: "O Senhor te dê a sua paz"».

[9] Ora, nos primórdios da Ordem, quando S. Francisco caminhava com um frade que fazia parte dos doze primeiros, este saudava homens e mulheres pelos caminhos e nos campos, dizendo-lhes: «O Senhor vos dê a sua paz». [10] Como as pessoas nunca tinham ouvido outros religiosos saudar desta maneira, ficavam extremamente admiradas. [11] Alguns até lhes respondiam de mau humor: «Que significa essa vossa maneira de saudar?» Como consequência, o frade começou de sentir-se envergonhado e disse a S. Francisco: «Deixa-me que saúde de outra forma». [12] Mas S. Francisco respondeu-lhe: «Não te importes com o que eles dizem, porque não entendem nada das coisas de Deus. Não tenhas vergonha, porque mesmo os nobres e príncipes deste mundo manifestarão respeito a ti e aos outros frades por causa desta saudação.

---

[17] Lc 12, 32.
[18] Mt 25, 40 e45.

[13] Com efeito, não é para admirar que o Senhor tenha querido possuir um novo e pequeno povo, diferente, pela sua vida e palavras, de todos aqueles que o precederam, um povo que se sentisse satisfeito por O possuir, só a Ele, o mui alto e glorioso Senhor».

SEGUNDA PARTE

Da caridade, compaixão e condescendência de S. Francisco para com o próximo

CAPÍTULO XXVII

Como S. Francisco condescendeu com um irmão que morria de fome, e como admoestou os frades para que fizessem penitência com moderação

[1] No tempo em que S. Francisco começou a congregar frades e a viver com eles em Rivotorto, perto de Assis, quando já todos dormiam, um deles gritou por volta da meia-noite: [2] «Ai! que eu morro, irmãos! Ai! que eu morro!» Todos os frades despertaram atónitos e tomados de pavor. [3] S. Francisco levantou-se e disse: «Levantai-vos, irmãos, e acendei uma luz». Depois de acesa, perguntou: «Quem é que disse: "Eu morro"? [4] Respondeu-lhe o irmão visado: «Fui eu». Tornou-lhe S. Francisco: «Que tens, irmão? De que pensas tu que vais morrer?» E ele respondeu: «De fome!»

[5] Então S. Francisco mandou preparar imediatamente a mesa e, como homem cheio de caridade e delicadeza, comeu com o frade, para que este não se envergonhasse de o fazer sozinho. E, por sua ordem, todos os outros frades procederam em conformidade.

[6] Este frade e todos os outros eram recém-convertidos e maltratavam o corpo além da medida. [7] Depois da refeição, S. Francisco disse-lhes: «Irmãos meus, digo-vos que cada um deve experimentar a sua natureza porque, ainda que alguns de vós possam sustentar-se com menos alimento do que os outros, não quero que aquele que tem necessidade de melhor alimentação tente imitá-los. [8] Mas estude a sua natureza e dê ao seu corpo o que lhe é necessário para poder servir o espírito. Do mesmo modo que devemos acautelar-nos do excesso de comida, que prejudica o corpo e a alma, assim também devemos, com maior razão, precaver-nos duma abstinência excessiva, porque o Senhor quer *«misericórdia e não sacrifí-*

cio»[19]. [9] E acrescentou: «Irmãos caríssimos, só uma grande necessidade e caridade é que me obrigaram a fazer o que fiz ao meu irmão, e assim comemos com ele para que não tivesse vergonha de comer sozinho. Mas quero dizer-vos que não desejo fazê-lo de novo, porque não seria conveniente nem digno de um religioso. [10] Quero e ordeno que cada um conceda ao seu corpo o que lhe for necessário, em conformidade com a nossa pobreza».

[11] Com efeito, os primeiros frades e aqueles que se lhes seguiram até muito tarde mortificavam os seus corpos, além do razoável, com a abstinência de comida e bebida, com vigílias, frio, vestes grosseiras e trabalho manual; traziam junto da pele cintos de ferro, cotas de malha e ásperos cilícios. [12] Pelo que, o Pai santo, considerando que, em consequência disto, os frades podiam cair doentes, o que em pouco tempo já tinha sucedido a alguns, ordenou, no decorrer dum Capítulo, que nenhum frade trouxesse ao contacto da carne outra coisa que não fosse a túnica.

[13] Nós, que vivemos com ele, somos testemunhas de que, embora o santo Pai fosse, em todo o decurso da sua vida, compassivo e indulgente para com os irmãos, nunca permitiu que, na comida e nas outras coisas, se desviassem das exigências da pobreza e do decoro da nossa Ordem. [14] Ele próprio, embora de natureza débil e não podendo viver no mundo sem um certo conforto, foi severo para com o seu corpo desde o princípio da sua conversão até ao fim da vida.

[16] Assim, considerando um dia que os frades já excediam as exigências da pobreza e da conveniência nos alimentos e em tudo o mais, disse a alguns frades, numa pregação que se dirigia a todos: [17] «Não pensem os frades que eu deva fazer algumas concessões ao meu corpo. Porque devo ser o modelo e o exemplo de todos os frades, quero contentar-me com poucos alimentos e dos mais baratos, servir-me de tudo o mais em conformidade com a pobreza, assim como reprovar absolutamente os alimentos caros e apurados».

---

[19] Mt 12, 7.

CAPÍTULO XXVIII

Como S. Francisco condescendeu com um frade doente, comendo uvas com ele

[1] Noutra ocasião, encontrando-se S. Francisco no mesmo lugar (Rivotorto), um irmão antigo na Ordem e muito espiritual caiu doente e ficou em extremo fraco. [2] Quando S. Francisco o viu, foi movido de compaixão por ele. Mas, naquele tempo, os frades, tanto os sãos como os doentes, com grande alegria olhavam a sua pobreza como abundância, não usavam remédios nas doenças e nem sequer os pediam; antes, de bom grado, tomavam coisas que não aproveitavam ao corpo. [3] S. Francisco pensou consigo mesmo: «Se este irmão comesse, de manhã cedo, uvas maduras, creio que se sentiria melhor».

[4] Se bem o pensou, melhor o fez. Ao outro dia, levantou-se de manhã cedo, chamou às ocultas o irmão e levou-o a uma vinha que havia perto da casa dos frades. [5] Escolheu uma cepa carregada de bons cachos maduros e, sentando-se junto da videira com o irmão doente, pôs-se a depenicar, para que o irmão não tivesse vergonha de comer sozinho. [6] Tendo comido algumas uvas, o irmão ficou liberto do seu mal e ambos louvaram juntamente o Senhor.

[7] Toda a sua vida este frade se lembrou da compaixão e afecto que lhe teve o Pai santíssimo, e muitas vezes contou este caso entre os frades, com muita piedade e efusão de lágrimas.

CAPÍTULO XXIX

Como S. Francisco se despojou do vestido, juntamente com um companheiro, para vestir uma pobre velhinha

[1] Em Celano, trazendo S. Francisco, durante o inverno, uma peça de pano em forma de manto, que um amigo dos frades lhe tinha emprestado, veio ter com ele uma velhinha a pedir esmola. [2] Logo tirou o pano dos ombros e, se bem que não lhe pertencesse, deu-o à pobre mulher, dizendo-lhe: «Vai fazer um vestido para ti, pois bem precisas». [3] A mulher desatou a rir e depois, estupefacta, não sei se por temor se por alegria, tomou-lhe o pano das mãos.

Receando, com a demora, correr o risco de lhe ser tirado, apressou-se a ir-se embora e talhou o pano com umas tesouras.

[4] Mas, quando se apercebeu de que o pano não chegava para o vestido, recorreu à bondade, já comprovada, do Pai santo, a quem explicou que o pano não dava para um vestido. [5] O santo voltou-se para o companheiro, que trazia aos ombros uma peça similar de pano, e disse-lhe: «Ouves o que diz esta pobrezinha? Suportemos o frio por amor de Deus, e dá esse pano a esta mulher, para que possa completar o seu vestido».

[6] Imediatamente, o companheiro deu o pano, como fizera S. Francisco. Assim, ambos se privaram do manto, para uma pobre mulher se poder vestir.

CAPÍTULO XXX

Como S. Francisco considerava furto não dar o manto a quem tivesse grande necessidade

[1] Um dia, ao regressar de Sena, encontrou um pobre e disse ao companheiro: «Devemos entregar o manto a este pobrezinho, pois a ele pertence. Nós apenas o recebemos de empréstimo até encontrarmos alguém mais pobre do que nós».

[2] Mas, conhecendo a necessidade do generoso Pai, o companheiro opôs-se tenazmente a que o santo se privasse do manto para o dar a outro. [3] Disse-lhe São Francisco: «Deus nos livre de sermos ladrões, pois seríamos acusados de furto se não o déssemos a alguém mais necessitado do que nós». Foi assim que o virtuoso Pai deu o manto ao pobre.

CAPÍTULO XXXI

Como S. Francisco deu um manto novo a um pobre sob certa condição

[1] Em Celle di Cortona, São Francisco usava um manto novo, que os frades lhe tinham conseguido a muito custo. Veio um pobre ao eremitério, chorando a sua falecida esposa e o abandono da sua pobre família.

[2] Compadecendo-se dele, o santo disse-lhe: «Dou-te este manto com a condição de não o cederes a ninguém, a não ser que to comprem e paguem por bom preço». [3] Ao ouvirem isto, os frades correram para o pobre, com a intenção de lhe tirarem o manto. Mas o pobre, cobrando ânimo com a presença do Pai santo, segurou-o com ambas as mãos como coisa sua. Finalmente, os frades conseguiram resgatá-lo e pagaram ao pobre o preço que lhe era devido.

CAPÍTULO XXXII

Como um pobre, por virtude das esmolas de S. Francisco, renunciou às injúrias e abandonou o ódio ao seu senhor

[1] Em Colle, no território de Perúsia, S. Francisco encontrou um pobre que outrora conhecera no mundo e disse-lhe: «Irmão, como vais?» [2] Mas ele, de ânimo encolerizado, começou a proferir injúrias contra o seu senhor, dizendo: «Graças ao meu senhor, a quem Deus amaldiçoe, encontro-me muito mal, pois tirou-me tudo quanto possuía».

[3] Vendo S. Francisco que ele persistia em ódio mortal, teve piedade da sua alma e disse-lhe: «Irmão, perdoa ao teu senhor, por amor de Deus, para libertar a tua alma, e é possível que ele te restitua o que te levou. Aliás, com os teus bens perderás também a tua alma». [4] Mas ele respondeu-lhe: «Não posso pensar sequer em perdoar-lhe enquanto não me restituir o que me roubou». Francisco retorquiu-lhe: «Olha, dou-te este manto e peço-te que perdoes ao teu senhor, por amor de Deus». [5] Logo se suavizou o coração deste homem que, tocado por tal gentileza, renunciou às injúrias para com o seu senhor.

CAPÍTULO XXXIII

Como S. Francisco enviou um manto a uma pobre mulher, que sofria da vista, como ele

[1] Uma pobre mulher de Machilone veio a Rieti por causa da doença da vista. Quando o médico veio ver São Francisco, disse-

-lhe: «Irmão, uma mulher, doente da vista, veio consultar-me; ela é tão pobre que tenho de pagar as suas despesas». [2] Logo que isto ouviu, São Francisco foi tocado de piedade para com ela e, chamando um dos frades, que era o seu guardião, disse-lhe: «Irmão guardião, convém-nos devolver o alheio». [3] Perguntou o guardião: «Que alheio, irmão?» Respondeu São Francisco: «Este manto, que recebemos de empréstimo daquela pobre mulher doente, convém que lho devolvamos». Disse-lhe o seu guardião: «Irmão, faz o que te parecer melhor».

[4] Então São Francisco, com grande alegria, chamou um seu amigo, que era muito espiritual, e disse-lhe: «Toma este manto e doze pães, e vai ter com uma pobre mulher, doente da vista, que o médico te indicará. [5] Dir-lhe-ás: "O pobre a quem emprestaste este manto manifesta o seu reconhecimento; toma o que é teu"».

[6] Aquele homem dirigiu-se à mulher e referiu-lhe tudo quanto dissera São Francisco. Pensando que escarneciam dela, respondeu, temerosa e embaraçada: «Deixa-me em paz, não sei o que dizes». [7] Mas ele entregou-lhe o manto e os doze pães. A mulher, pensando que ele falara com sinceridade, aceitou-os com temor, cheia de alegria e louvando o Senhor. [8] E, receando que lhos tirassem, levantou-se, às ocultas, de noite, e voltou muito radiante para sua casa. Ora São Francisco já tinha combinado com o guardião para que diariamente lhe fossem pagas as despesas enquanto ela ali permanecesse.

[9] Nós, que vivemos com ele, somos testemunhas da sua ilimitada caridade e compaixão para com os enfermos e os sãos, não só para com os seus frades, como também para com os outros pobres, doentes ou não. [10] Com imensa alegria interior e exterior privava o seu corpo das coisas necessárias, que os frades lhe tinham granjeado, algumas vezes com dificuldade e trabalho, para as dar aos pobres, depois de nos dirigir boas palavras para não ficarmos agastados. [11] Por isso o Ministro Geral e o Guardião decidiram que nenhum irmão podia dar a sua túnica, sem prévia licença. [12] Pois acontecia que muitas vezes os frades, pela devoção que lhe tinham, pediam-lhe o hábito, e ele imediatamente o dava. Às vezes dividia-o ao meio, dava uma parte e ficava com a outra, pois não tinha senão um hábito.

CAPÍTULO XXXIV

Como S. Francisco deu o hábito a uns frades, que lho pediam por amor de Deus

[1] Certo dia, quando S. Francisco percorria uma província em serviço de pregação, encontrou-se com dois frades franceses. Tendo recebido dele grandes consolações, os frades acabaram por lhe pedir o hábito por amor de Deus. [2] Logo que lhe soaram aos ouvidos as palavras «por amor de Deus», tirou o hábito e deu-o, ficando despido por algum tempo.

[3] Com efeito, quando era invocado o amor de Deus para lhe pedirem a corda, o hábito ou outra coisa qualquer, nunca recusava nada a ninguém. Todavia, ficava muito incomodado e até repreendia por vezes os frades, quando os ouvia dizer «por amor de Deus» sem motivo plausível. [4] Dizia-lhes então: «Tão sublime e precioso é o amor de Deus, que estas palavras não deviam ser mencionadas senão raramente, em casos de grande necessidade e com muito respeito».

[5] Um daqueles frades franceses tirou o próprio hábito e deu-lho em troca. [6] Quando S. Francisco dava o hábito ou parte dele a alguém, sofria grande necessidade e contrariedade, porque não podia tão cedo ter ou mandar fazer outro, [7] sobretudo porque queria sempre vestir um hábito pobrezinho, remendado por dentro e por fora. De facto, nunca ou raras vezes consentia em trazer hábito de pano novo, mas recebia de outro frade o hábito que ele já tinha usado durante algum tempo. [8] Por vezes, sucedia receber um bocado do hábito de um frade e o resto de outro. Todavia, devido às suas muitas enfermidades e resfriamentos do estômago e do baço, por vezes remendava-o com pano novo. [9] Tal foi a pobreza que ele manteve e observou no seu vestido até ao ano em que partiu para o Senhor. [10] Pouco antes da sua morte, porque era hidrópico, quase todo ressequido, e pelas outras muitas enfermidades que sofria, os irmãos fizeram-lhe vários hábitos, para que lhe pudesse ser mudado de dia e de noite, conforme a necessidade.

CAPÍTULO XXXV

Como S. Francisco quis dar um reta1ho de pano a um pobre

[1] Noutra ocasião, um pobre veio ao eremitério onde estava S. Francisco e pediu aos frades uma peça de pano, por amor de Deus. [2] Ouvindo o pedido, S. Francisco disse a um irmão: «Procura pela casa e, se encontrares uma peça ou um bocado de pano, dá-o a este pobre». Depois de percorrer toda a casa, o irmão disse nada ter encontrado.

[3] Para que este pobre não se fosse embora de mãos vazias, S. Francisco retirou-se às ocultas, para que o guardião não lho proibisse. [4] Tomou uma faca e, sentando-se num lugar escondido, começou a retirar do hábito uma parte que estava cosida interiormente, tencionando dá-la ao pobre sem ser notado. [5] Mas o guardião, adivinhando a sua intenção, imediatamente foi ter com ele e proibiu-o de a dar, principalmente porque então fazia frio intenso e ele, Francisco, era doente e friorento. [6] Disse-lhe S. Francisco: «Se não queres que eu lhe dê este pedaço, é absolutamente necessário que mandes dar outro qualquer ao nosso irmão pobre». Desta maneira, a pedido de S. Francisco, os frades deram ao pobre um bocado de pano do seu próprio vestuário.

[7] Quando percorria o mundo a pregar, andava a pé, num burro depois de ficar doente, ou a cavalo, em caso de absoluta necessidade, porque habitualmente recusava andar a cavalo; isto até pouco antes da sua morte. [8] Se algum frade lhe emprestava um manto, só o aceitava com a condição de poder dá-lo a algum pobrezinho que ele encontrasse ou viesse ter com ele, se a voz da sua consciência lhe mostrasse que era necessário a esse pobre.

CAPÍTULO XXXVI

Como S. Francisco disse a Fr. Gil, antes de ser admitido na Ordem, para dar o seu manto a um pobre

[1] Nos primórdios da Ordem, quando S. Francisco vivia em Rivotorto com dois frades únicos que então tinha, um homem de

nome Gil, que foi o terceiro frade, deixou o mundo para partilhar o seu modo de vida.

[2] Como permanecesse ali por alguns dias, vestido com as roupas do século, chegou àquele eremitério um pobre para pedir esmola a S. Francisco. [3] Este voltou-se para o senhor Gil e disse-lhe: «Dá o teu manto a este irmão pobre». [4] Logo Gil, com grande alegria, o tirou dos ombros e deu-o ao pobre. Então tornou-se claro para ele que o Senhor lhe tinha enviado imediatamente uma nova graça ao coração, porque alegremente dera o manto ao pobre. [5] Foi admitido na Ordem por S. Francisco e progrediu sempre na virtude até atingir os cumes da perfeição.

CAPÍTULO XXXVII

Da penitência que S. Francisco impôs a um frade que ajuizou mal de um pobre

[1] Tendo S. Francisco partido para um eremitério dos frades, perto de Roccabrizia, com a finalidade de pregar, no mesmo dia em que devia começar a pregação um homem pobre e doente foi ter com ele. [2] Tocado de compaixão, S. Francisco começou a falar ao seu companheiro da pobreza e enfermidade daquele homem. O companheiro respondeu-lhe: «Irmão, é verdade que ele parece bastante pobre, mas, em toda a região, talvez ninguém tenha maior desejo de riqueza do que ele». [3] Logo foi severamente repreendido por S. Francisco e reconheceu a sua culpa. S. Francisco perguntou-lhe: «Queres cumprir a penitência que eu te impuser?» E ele respondeu: «Sim, de boa vontade». [4] Tornou-lhe o santo: «Vai, despe o hábito, prostra-te nu aos pés do pobre e confessa-lhe como pecaste, dizendo mal dele, e pede-lhe que reze por ti».

[5] Ele foi e tudo executou conforme S. Francisco lhe tinha ordenado. Depois, levantou-se, vestiu o hábito e voltou para S. Francisco, que lhe disse: [6] «Queres saber em que é que pecaste contra este homem e contra o próprio Cristo? Sempre que vejas um pobre, lembra-te de que ele vem em nome de Cristo, que assumiu a nossa pobreza e enfermidade. [7] Pois a pobreza e a doença deste homem são para nós como que um espelho em que devemos contemplar e considerar com piedade a enfermidade e a pobreza de

Nosso Senhor Jesus Cristo, que as suportou no seu corpo para salvação nossa».

CAPÍTULO XXXVIII

Como S. Francisco mandou dar um Novo Testamento a uma pobre mulher, mãe de dois frades

[1] Uma outra vez, enquanto S. Francisco se encontrava em Santa Maria da Porciúncula, uma mulher idosa e pobre, que tinha dois filhos na Ordem, veio ao eremitério pedir esmola a S. Francisco. [2] Este perguntou imediatamente a Fr. Pedro Catânio, que era ao tempo Ministro Geral: «Temos alguma coisa para dar à nossa mãe?» [3] Com efeito, ele costumava dizer que a mãe de algum frade era a sua própria mãe e a de todos os frades. [4] Respondeu-lhe Fr. Pedro: «Em casa não há nada que lhe possamos dar, porque ela quer uma esmola com que possa satisfazer as necessidades corporais. Ora na igreja apenas temos um Novo Testamento em que lemos as lições de Matinas». [5] Pois, naquele tempo, os frades não tinham breviários nem muitos saltérios.

[6] Disse-lhe, pois, S. Francisco: «Dá esse Novo Testamento à nossa mãe, para que o venda e possa acudir às suas necessidades. Creio firmemente que isto agradará mais ao Senhor e à Virgem Santa, do que se nós lêssemos por ele». Desta forma lhe deu o livro. [7] Por isso, dele se pode dizer e escrever o que se lê do bem-aventurado Job: *«A caridade saiu comigo de minha mãe e comigo cresceu»*[20].

[8] Para nós, que vivemos com ele, seria longa e difícil tarefa escrever ou contar não só o que soubemos dos outros acerca da sua caridade e atenção para com os frades e outros pobres, mas também o que vimos com os nossos próprios olhos.

---

[20] Job 31, 18.

TERCEIRA PARTE

Da perfeição da santa humildade e da sua obediência e dos frades

CAPÍTULO XXXIX

Como S. Francisco resignou ao ofício de Superior da Ordem e nomeou Fr. Pedro Catânio Ministro Geral

[1] Para preservar a virtude da santa humildade, poucos anos decorridos após a sua conversão, por ocasião dum Capítulo, S. Francisco resignou, perante todos os frades, ao seu ofício de Superior, dizendo-lhes: [2] «Doravante estou morto para vós, mas aqui está Fr. Pedro Catânio a quem eu e todos vós havemos de obedecer». E, prostrando-se a seus pés, prometeu-lhe obediência e reverência. [3] Todos os frades choraram de comovidos, e uma dor atroz arrancou-lhes do peito profundos gemidos, pois parecia-lhes que ficavam órfãos de tão bondoso Pai.

[4] O santo Pai levantou-se e, com os olhos elevados para o céu e as mãos juntas, disse: «Senhor, encomendo-te esta família, que me confiaste até ao presente; e agora, por causa das minhas enfermidades, que tu conheces, ó meu dulcíssimo Senhor, já não tenho forças para cuidar dela e, por isso, a confio aos ministros. [5] No dia do juízo terão de prestar contas, Senhor, se algum frade se perdeu por causa da sua negligência, mau exemplo ou áspera correcção». [6] Desde então até à morte ficou-lhes submisso, procedendo em tudo com mais humildade do que qualquer outro frade.

CAPÍTULO XL

Como S. Francisco renunciou também aos seus companheiros recusando ter algum em particular

[1] Noutra ocasião, S. Francisco entregou todos os seus companheiros ao vigário, dizendo: «Não quero mais o privilégio singular de ter um companheiro, mas peço aos frades que me acompanhem

de casa para casa, conforme o Senhor lhes inspirar». [2] E acrescentou: «Vi certa vez um cego, que apenas tinha um cãozinho para o guiar no seu caminho, e eu não quero ser mais rico do que ele».

[3] Esta foi sempre a sua glória: renunciar a toda a espécie de privilégio e ostentação, para que nele permanecesse a virtude de Cristo.

CAPÍTULO XLI

Como S. Francisco renunciou ao governo da Ordem por causa dos maus superiores

[1] Interrogado uma vez por um irmão por que motivo deixara o cuidado dos frades e os entregara a outras mãos, como se não lhe pertencessem, S. Francisco respondeu: [2] «Meu filho, eu amo os frades quanto posso, mas, se eles seguissem os meus passos, eu amá-los-ia ainda mais e não me tornaria um estranho para eles. [3] Pois há alguns superiores que os arrastam noutra direcção, lhes propõem como modelos os homens antigos e têm em pouca consideração os meus ensinamentos. Mas aquilo que eles fazem e a maneira como procedem aparecerá claramente no fim de tudo».

[4] Pouco depois, tendo-se agravado a sua doença, soergueu-se no leito e, na veemência do seu espírito, exclamou: «Quem são aqueles que me arrebataram das mãos a minha Ordem e os meus frades? [4] Se eu for ao Capítulo Geral, mostrar-lhes-ei qual é a minha vontade».

CAPÍTULO XLII

Como S. Francisco obtinha humildemente carne para os enfermos e os exortava a serem humildes e pacientes

[1] S. Francisco não se envergonhava de procurar carne para os irmãos doentes nos lugares públicos das cidades. Todavia, aos que sofriam exortava-os a suportarem pacientemente os seus males

e a não provocarem escândalo, quando não fosse possível satisfazer todas as suas necessidades.

[2] Por isso, mandou escrever na primeira Regra: «Rogo aos meus irmãos enfermos que não se tornem impacientes nas suas doenças nem se insurjam contra o Senhor ou contra os irmãos, nem peçam remédios com demasiada insistência, nem tenham um desmedido desejo de salvar o seu corpo, que é inimigo da alma e que em breve há-de morrer. [3] Mas que por tudo dêem graças a Deus e tenham o desejo de ser tais como Deus quer que eles sejam. Pois, aqueles a quem o Senhor predestinou para a vida eterna, a esses aperfeiçoa-os com o crisol dos castigos e das enfermidades, como ele mesmo diz: *"Repreendo e castigo aos que amo"*»[21].

CAPÍTULO XLIII

Da humilde resposta de S. Francisco e S. Domingos, quando ambos foram interrogados se queriam que seus frades fossem prelados na Igreja

[1] Quando os dois ilustres luminares do mundo, S. Francisco e São Domingos, se encontraram juntos em Roma perante o senhor Bispo de Óstia, que mais tarde foi Sumo Pontífice, [2] e quando alternadamente falaram melifluamente de Deus, o senhor Bispo disse-lhes finalmente: «Na Igreja primitiva, os pastores e prelados eram homens pobres, que ardiam em caridade e não em ambição. [3] Por que razão não havemos de escolher, entre os vossos frades, bispos e prelados que ultrapassem todos os demais pela sua doutrina e bom exemplo?»

[4] Então estabeleceu-se entre os dois santos humilde e devota contenda, para saberem qual deles responderia em primeiro lugar, não porque um quisesse adiantar-se ao outro, mas para lhe dar a honra e o obrigar a responder. [5] Por fim, prevaleceu a humildade de S. Francisco, no sentido de não ter de responder primeiro. Mas São Domingos também levou a melhor, no sentido de ter obedecido humildemente, respondendo em primeiro lugar.

[6] Assim, São Domingos respondeu: «Senhor, os meus frades seriam elevados a uma alta dignidade se conhecessem as honras

---

[21] Ap 3, 19.

que dizeis; mas, tanto quanto possa, nunca permitirei que recebam mesmo a aparência duma dignidade».

[7] S. Francisco, inclinando-se perante o senhor Bispo, disse então: «Senhor, os meus frades são chamados Menores, para que nunca presumam de ser Maiores. [8] A sua vocação ensina-os a permanecer num lugar humilde e a seguir as pegadas da humildade de Cristo, a fim de que, por este meio, possam elevar-se mais alto do que os outros, aos olhos dos santos. [9] Se quereis, pois, que eles dêem fruto na Igreja de Deus, conservai-os na observância da sua vocação; e, se eles aspirarem às honras, empregai toda a força do vosso poder para os manter na humildade e nunca permitais que eles sejam elevados a alguma prelazia».

[10] Tais foram as respostas dos dois santos. Quando acabaram de falar, o senhor Bispo de Óstia ficou em extremo edificado e deu graças a Deus.

[11] Ao retirarem-se juntos, São Domingos rogou a S. Francisco se dignasse dar-lhe a corda com que se cingia. S. Francisco recusou por humildade o que era pedido por amor. [12] Todavia, acabou por vencer a louvável persistência de São Domingos, que cingiu por debaixo do hábito a corda de S. Francisco, obtida pela força do amor, e trouxe-a piedosamente desde esse dia.

[13] Então apertaram-se mutuamente as mãos e se recomendaram um ao outro com extremos de afecto. Disse São Domingos a S. Francisco: «Irmão Francisco, eu desejaria que a tua Ordem e a minha formassem uma só, para podermos viver na Igreja sob a mesma Regra».

[14] Finalmente, quando se separaram um do outro, disse São Domingos a muitos que o rodeavam: «Em verdade vos digo que todos os religiosos deviam imitar este santo homem, Francisco, tão perfeita é a sua santidade».

CAPÍTULO XLIV

Como S. Francisco quis, por fundamento da humildade, que os frades servissem os leprosos

[1] Desde os primeiros dias da sua conversão, S. Francisco quis, como sábio construtor, estabelecer, com o auxílio do Senhor, a sua

obra sobre a rocha firme, isto é, [2] sobre a maior humildade e pobreza do Filho de Deus. Por causa desta profunda humildade, chamou à sua Ordem dos Frades Menores.

[3] Por isso, desde o princípio da Ordem, quis que os frades vivessem nas leprosarias para servir os doentes e estabelecessem aí o fundamento da santa humildade. [4] Pois, quando entravam na Ordem nobres e plebeus, entre outras instruções que lhes eram dadas, dizia-se-lhes que deviam servir humildemente os leprosos e habitar nas suas casas, nas leprosarias, como está escrito na primeira Regra: [5] «Nada queiram possuir debaixo do céu senão a santa pobreza, em virtude da qual o Senhor lhes alimentará neste mundo o corpo e a alma, e no futuro alcançarão a herança do céu».

[6] Deste modo, para si mesmo e para os outros alicerçou a Ordem sobre a mais profunda humildade e pobreza, porquanto, ainda que pudesse ser grande prelado na Igreja de Deus, escolheu e quis ser humilde não só na Igreja, como também entre os seus próprios frades. [7] Pois, no seu conceito e desejo, esta humilhação devia constituir a sua maior exaltação aos olhos de Deus e dos homens.

CAPÍTULO XLV

Como S. Francisco queria que a glória e o mérito de todas as suas boas palavras e obras fossem unicamente atribuídos a Deus

[1] Um dia, estando S. Francisco a pregar ao povo de Terni, na praça da cidade, logo após a pregação levantou-se o Bispo do lugar, homem perspicaz e espiritual, que se dirigiu ao povo nestes termos: [2] «Desde o dia em que o Senhor implantou e edificou a sua Igreja, sempre a iluminou com homens santos, que a honraram com a sua palavra e exemplo; [3] mas, nestes últimos tempos, ilustrou-a com Francisco, homem pobrezinho, desprezível e sem letras. [4] Eis porque deveis amar e honrar o Senhor e guardar-vos do pecado; com efeito, Ele não concedeu favor igual a nenhum outro povo».

[5] Quando acabou de falar, o Bispo desceu e entrou na Catedral. S. Francisco aproximou-se dele, fez-lhe uma profunda inclinação e, rojando-se-lhe aos pés, disse-lhe: [6] «Em verdade vos digo, se-

nhor Bispo, que nenhum homem me dispensou tão grande honra neste mundo quanta vós me fizestes neste dia. [7] Pois os outros homens dizem: "é um santo", e atribuem-me glória e santidade que são do Criador, mas vós, homem judicioso, separastes o precioso do vil».

[8] Quando S. Francisco era alvo de louvores e chamado santo, costumava responder: «Ainda não estou seguro de não ter filhos e filhas; pois, [9] no momento em que o Senhor me retirasse o tesouro que me confiou, que outra coisa me restaria senão um corpo e uma alma que os infiéis também possuem? [10] Além disso, estou certo de que, se o Senhor tivesse concedido a um ladrão ou a um infiel tantas graças quantas me concedeu a mim, eles teriam sido mais fiéis ao próprio Senhor do que eu sou. [11] Numa pintura do Senhor e da Virgem Santa, feita em madeira, o Senhor e a Virgem é que recebem a honra, enquanto a madeira e a pintura nada reclamam para si. Do mesmo modo, o servo de Deus é como uma pintura, em que Deus é honrado pelos seus benefícios. [12] Nada se deve atribuir a si mesmo, porque, em comparação com Deus, é menos que a madeira e a pintura. De facto, ele é o puro nada. Por isso, só a Deus devem ser dadas honra e glória. O homem não é mais do que ignomínia e confusão, enquanto viver entre as misérias deste mundo».

CAPÍTULO XLVI

Como até à morte S. Francisco quis ter um dos companheiros como seu guardião e viver sob a sua obediência

[1] Querendo viver em perfeita humildade e sujeição até à morte, S. Francisco disse ao Ministro Geral muito tempo antes desta: «Gostaria que delegasses a tua autoridade sobre mim em um dos meus companheiros, a quem obedecerei em teu lugar; pois, em razão do mérito da obediência, quero que estejas sempre comigo, tanto na vida como na morte».

[2] Desde então até à morte, teve como guardião um dos seus companheiros, a quem obedecia como se fora ao Ministro Geral. [3] Uma vez disse aos seus companheiros: «Entre outras graças o Senhor me concedeu esta: a de obedecer com o mesmo gosto ao

noviço que hoje entrasse na Ordem e me fosse dado por guardião, como ao mais antigo e idoso na Ordem. [4] Com efeito, o súbdito deve considerar o seu superior, não como um homem mas como Deus, por amor de Quem lhe está sujeito». [5] Mais tarde, acrescentou: «Se eu o pretendesse, o Senhor me faria mais temido e respeitado dos meus frades do que o é dos seus súbditos qualquer superior em todo o mundo; mas o Senhor me concedeu a graça de estar contente com tudo, como o mais pequeno na Ordem».

[6] Nós, que vivemos com ele, vimos com os nossos olhos, como ele próprio comprova, que, quando alguns frades não lhe satisfaziam as suas necessidades ou lhe diziam alguma daquelas palavras com que um homem costuma agastar-se, [7] logo se punha em oração e, quando acabava, não queria lembrar-se de nada, e nunca dizia: «Fulano não me deu satisfações» ou «Sicrano disse-me esta palavra inconveniente».

[8] Perseverando neste modo de vida, quanto mais se aproximava da morte, tanto maior era a sua solicitude em saber como poderia viver e morrer com toda a humildade e pobreza, e na perfeição de todas as virtudes.

CAPÍTULO XLVII

Da perfeita maneira de obedecer, como S. Francisco a ensinava

[1] Dizia o Pai santíssimo aos seus frades: «Irmãos caríssimos, obedecei prontamente a uma ordem e não espereis que vo-la repitam. [2] Não vos deveis desculpar com a impossibilidade nem objectar que esta existe na ordem recebida, porque, se vos mandassem alguma coisa acima das vossas forças, não vos faltaria o sustentáculo da santa obediência».

CAPÍTULO XLVIII

Como S. Francisco comparou o perfeito obediente a um cadáver

[1] Certa ocasião, estando sentado no meio dos companheiros, soltou este lamento: «Dificilmente se encontrará no mundo um só religioso que obedeça perfeitamente ao seu superior!»

[2] Logo os companheiros lhe perguntaram: «Diz-nos, Pai, em que consiste a perfeita e superior obediência». Em resposta, S. Francisco descreveu o verdadeiro e perfeito obediente sob a figura dum cadáver: [3] «Toma um corpo sem vida e onde te agradar aí o coloca. Verás que não resiste ao movimento, nem se lastima da posição, nem protesta por ficar abandonado. [4] Se for colocado num trono, não olhará para cima mas para baixo; se o vestirem de púrpura, parecerá mais amarelecido e descorado. Do mesmo modo, o verdadeiro obediente é aquele que não pergunta por que é transferido, não se lhe dá do lugar onde é colocado e não pede para sair dali. [5] Promovido a um alto cargo, fica humilde como antes; quanto mais o honram, mais indigno se julga».

[6] Considerava santa obediência aquela que é pura e simplesmente imposta e não aquela que é solicitada. [7] Mas pensava que a mais alta forma de obediência, aquela em que a carne e o sangue não tomam parte, consistia em ir para os infiéis por inspiração de Deus, fosse para ajudar os homens, fosse pelo desejo do martírio. Acreditava que pedir esta obediência era muito agradável a Deus.

CAPÍTULO XLIX

Como é perigoso dar ordens demasiado apressadas em nome da obediência e não obedecer a essas ordens

[1] O santo Pai julgava que uma ordem em nome da obediência devia ser dada raras vezes, que esta arma não devia ser usada na primeira mas em última instância. «Não se deve levar a mão à espada precipitadamente», dizia ele. [2] Acrescentava que aquele que não se sujeitava prontamente ao preceito da obediência não temia a

Deus nem respeitava o homem, a não ser que houvesse uma razão premente para adiar o seu cumprimento.

[3] Nada mais verdadeiro do que isto, porque a responsabilidade do mando confiada a um superior desatinado, que outra coisa é senão uma espada nas mãos dum louco furioso? Que há aí de mais desprezível do que um religioso que ignora ou transgride a obediência?

CAPÍTULO L

Como S. Francisco respondeu aos frades que queriam persuadi-lo a pedir um privilégio para poderem pregar livremente

[1] Alguns frades disseram a S. Francisco: «Pai, não vês que por vezes os Bispos não nos deixam pregar e nos obrigam a ficarmos muitos dias inactivos num lugar, antes de podermos pregar a palavra de Deus? [2] Melhor seria que neste ponto houvéssemos privilégio do Senhor Papa, pois se trata de coisa tão importante como é a salvação das almas».

[3] Mas S. Francisco, em resposta, repreendeu-os severamente, dizendo: «Vós, Frades Menores, nem compreendeis a vontade de Deus, nem me deixais converter o mundo inteiro como Deus quer. [4] Em primeiro lugar, eu desejo converter os prelados pela santa humildade e pelo respeito. Se eles virem que vivemos santamente e que lhes prestamos humilde acatamento, eles mesmos hão-de pedir-nos para pregar e converter o seu povo.

[5] Melhor que os vossos privilégios, que vos levariam facilmente ao orgulho, poderão eles arrastar o povo à vossa pregação. [6] E, se estiverdes desprendidos de toda a avareza e persuadirdes os fiéis a darem às igrejas o que lhes é devido, até vos hão-de pedir para ouvirdes o seu povo de confissão, ainda que disto não vos devais ocupar, pois, se as pessoas se converterem, facilmente encontrarão confessores. [7] Para mim, o único privilégio que peço a Deus é o de nunca receber nenhum dos homens. Quero manifestar respeito a todos e, pela obediência à santa Regra, converter todos os homens, mais pelo exemplo que pela palavra».

CAPÍTULO LI

Como se reconciliavam os frades daquele tempo quando um ofendia outro

[1] S. Francisco afirmava que os Frades Menores tinham sido enviados nos últimos tempos por Deus para oferecer exemplos de vida àqueles que estavam mergulhados nas trevas dos seus pecados. [2] Dizia que se sentia inundado dos mais suaves perfumes e ungido com a virtude de unguentos preciosos, quando ouvia falar das maravilhas dos santos frades dispersos pelo mundo.

[3] Certa ocasião, um irmão injuriou outro na presença de um nobre da ilha de Chipre. O ofensor, ao notar que o seu irmão tinha ficado bastante consternado, indignou-se consigo mesmo e, juntando um pouco de esterco de burro, chegou-o à boca para o triturar com os dentes, dizendo: [4] «Mastiga este esterco, ó língua que lançaste o veneno da cólera sobre o meu irmão!» [5] À vista disto, o nobre ficou estupefacto e retirou-se muito edificado. Desde então, pôs a sua pessoa e os seus bens à disposição dos frades. [6] Sempre que algum frade proferia contra outro palavras injuriosas ou ofensivas, todos os frades observavam este costume: prostrado por terra, o frade beijava os pés do seu irmão ofendido e pedia humildemente perdão. [7] O santo Pai exultava de alegria ouvindo os exemplos de santidade que seus filhos tinham sabido tirar de si mesmos e cumulava das bênçãos mais dignas de aceitação aqueles frades que, por palavras ou por obras, animavam os pecadores ao amor de Cristo. [8] Pois desejava que seus filhos se lhe assemelhassem perfeitamente no zelo pela salvação das almas que inteiramente o devorava.

CAPÍTULO LII

Como Cristo se lamentou a Fr. Leão, companheiro de S. Francisco, da ingratidão e orgulho dos frades

[1] Uma vez, o Senhor Jesus Cristo disse a Fr. Leão, companheiro de S. Francisco: «Fr. Leão, estou queixoso dos frades». «Porquê?», perguntou-lhe Fr. Leão. [2] E o Senhor disse: «Por três

razões: porque não reconhecem os meus benefícios que, como sabes, derramo sobre eles com tanta largueza e abundância, ainda que não semeiem nem ceifem[22]; [3] porque murmuram e passam o dia sem fazer nada; e porque muitas vezes se provocam mutuamente à cólera, não voltam ao amor e não perdoam as ofensas recebidas».

CAPÍTULO LIII

Como S. Francisco deu uma resposta humilde e verdadeira a um doutor da Ordem dos Pregadores que o interrogava sobre uma passagem da Escritura

[1] Encontrando-se o santo em Sena, foi visitado por um doutor de Sagrada Teologia da Ordem dos Pregadores, homem na verdade humilde e muito espiritual. [2] Depois de ter conversado algum tempo com S. Francisco sobre as palavras do Senhor, o referido mestre fez-lhe uma pergunta sobre aquela passagem de Ezequiel: «Se não avisares o ímpio para abandonar a sua impiedade, é a ti que pedirei contas da sua alma»[23]. [3] Disse, pois: «Meu bom Pai, conheço muitas pessoas que vivem em pecado mortal e nem a todas admoesto da sua iniquidade; será a mim que Deus pedirá contas destas almas?».

[4] S. Francisco respondeu-lhe humildemente que era um homem sem letras e que, por isso, mais conviria receber dele lições do que dar a sua opinião sobre uma passagem da Escritura. [5] O humilde mestre respondeu-lhe: «Irmão, ainda que já tenha ouvido de alguns sábios a explicação desta passagem, gostaria de saber a tua interpretação». [6] S. Francisco disse: «Se a passagem deve ser entendida em termos gerais, eu penso que se deve interpretá-la assim: [7] que o servo de Deus deve arder e refulgir, em toda a sua vida, com tal brilho de virtude e de santidade, que a luz do seu exemplo e a eloquência da sua conversação sejam para os ímpios uma repreensão constante. Assim, a irradiação da sua vida e o bom perfume da sua reputação serão um aviso para todos os perversos».

---

[22] Lc 12, 24.
[23] Ez 3, 18.

[8] O doutor ficou profundamente edificado e, ao retirar-se, disse aos companheiros de S. Francisco: «Irmãos, a Teologia deste homem, fundamentada na pureza e na contemplação, é águia que voa pelo azul do céu, enquanto a nossa ciência rasteja por terra pesadamente».

CAPÍTULO LIV

Da humildade e da paz a ter com os clérigos

[1] S. Francisco queria que seus filhos vivessem em paz com todos os homens e se fizessem pequenos diante de todos. Ensinava-lhes, pelas palavras e pelo exemplo, que deviam ser particularmente humildes para com os clérigos.

[2] Dizia-lhes: «Fomos enviados para ajudar o clero na salvação das almas, a fim de suprirmos as suas deficiências. [3] Cada um receberá a sua recompensa, não segundo o seu ofício mas conforme o seu trabalho. [4] Recordai, irmãos, que a coisa mais agradável a Deus é a conquista das almas, e esta podemos obtê-la mais facilmente vivendo na harmonia do que na discórdia com os clérigos. [5] Mas, se eles forem um obstáculo à salvação do povo, a Deus pertencerá a vingança e a retribuição no tempo oportuno. Por isso, submetei-vos aos prelados, para que, quanto de vós dependa, não surja nenhum sentimento de inveja. [6] Se fordes filhos da paz, ganhareis o clero e o povo, e isto é mais agradável a Deus do que ganhar só o povo, hostilizando o clero. Encobri, pois, as suas faltas e supri muitas vezes as suas deficiências. [7] Quando assim tiverdes procedido, sede ainda mais humildes do que antes».

CAPÍTULO LV

Como S. Francisco adquiriu humildemente a igreja de Santa Maria dos Anjos ao abade de São Bento de Assis e como quis que os frades aí habitassem sempre e se comportassem com humildade

[1] Vendo S. Francisco que o Senhor queria aumentar o número dos frades, disse-lhes: «Caríssimos irmãos e filhos meus, vejo que

o Senhor quer multiplicar-nos. [2] Por isso, parece-me bom e piedoso obter do senhor Bispo, dos cónegos de São Rufino ou do abade de São Bento uma pequena igreja, [3] onde os frades possam recitar as suas Horas e construir junto dela casas pequenas e pobres, feitas de barro e de ramos entrançados, onde os frades possam descansar e trabalhar; [4] pois este lugar não é conveniente nem adequado para os frades, depois que o Senhor quis aumentar o seu número, principalmente porque não temos aqui igreja onde os frades possam dizer as suas Horas. [5] E, se algum frade viesse a morrer, não seria conveniente sepultá-lo aqui ou numa igreja do clero secular». A sugestão agradou a todos os frades.

[6] Dirigiu-se, pois, ao Bispo de Assis e apresentou-lhe o pedido. O Bispo respondeu-lhe: «Irmão, não tenho igreja para te dar». Os cónegos responderam do mesmo modo. [7] Então, foi ter com o abade de São Bento do Monte Subásio e fez-lhe o mesmo pedido. [8] O abade, movido de compaixão, tomou conselho com os seus monges e, sob a influência da graça e da vontade de Deus, concedeu a S. Francisco e seus frades a igreja de Santa Maria da Porciúncula, que era a mais pequena e pobre das suas igrejas. [9] Disse o abade a S. Francisco: «Irmão, concedemos o que pedes. Mas, se o Senhor multiplicar a vossa congregação, queremos que este lugar se torne a cabeça de todas as vossas igrejas».

[10] A proposta agradou a S. Francisco e aos seus frades. O santo ficou maravilhado com o lugar concedido, principalmente porque a pequena igreja tinha o nome da Mãe de Cristo, [11] por ser muito pequena e pobre e também porque se chamava da Porciúncula, e prefigurava que estava destinada a tornar-se a mãe e a cabeça dos Frades Menores. Era conhecida por este nome desde os tempos mais antigos.

[12] Por isso, dizia S. Francisco: «É esta a razão por que o Senhor não quis que outra igreja fosse concedida aos frades, nem que os primeiros dentre eles construíssem uma igreja nova ou tivessem outra a não ser esta. Desta maneira cumpriu-se uma certa profecia com a chegada dos Frades Menores».

[13] E, ainda que a igreja fosse pobre e estivesse quase em ruínas, os habitantes da cidade de Assis e de toda aquela região tiveram durante muito tempo uma grande devoção por ela. [14] Hoje esta devoção é ainda maior e cresce de dia para dia. Assim, desde que

os frades foram para lá viver, o Senhor aumentava o seu número quase diariamente. O bom odor da sua reputação espalhou-se admiravelmente pelo vale de Espoleto e por muitas partes do mundo. [15] Antigamente esta igreja chamava-se Santa Maria dos Anjos porque, segundo se diz, ouviam-se muitas vezes aí os cantos dos anjos.

[16] Ainda que o abade e os monges tivessem dado a igreja a S. Francisco e aos frades sem qualquer encargo, o santo, como bom e hábil administrador, quis alicerçar a sua casa, isto é, a sua Ordem sobre a pedra sólida da pobreza absoluta. [17] Por isso, todos os anos enviava ao abade e aos monges um cabaz cheio de peixes, de nome pardelhas, em sinal da sua grande pobreza e humildade, [18] e para que os frades não tivessem nenhum lugar próprio nem vivessem em terra que não fosse propriedade de outros, não tendo os frades o direito de a vender ou alienar de qualquer modo. [19] Porém, quando os frades levavam anualmente os peixinhos aos monges, estes, atendendo à humildade de S. Francisco, que lhos mandava por livre vontade, davam-lhe uma bilha cheia de azeite.

[20] Nós, que vivemos com S. Francisco, atestamos que ele solenemente afirmou ter-lhe sido revelado que a Virgem Maria amava com afeição particular esta igreja entre as demais do mundo, pelas muitas graças que o Senhor aí tinha dispensado. Eis porque, desde então, teve para com ela um respeito e devoção extremos. [21] Além disso, para que os frades dela guardassem sempre memória em seus corações, antes da morte mandou escrever no Testamento que os frades deviam proceder como ele. Com efeito, próximo da morte, disse na presença do Ministro Geral e dos outros frades:

[22] «Quero dispor da ermida de Santa Maria da Porciúncula e legá-la em testamento aos frades, para que lhe tenham sempre grande respeito e devoção.

[23] Assim fizeram os primeiros frades. Ainda que este lugar seja já santo, amado e escolhido preferentemente por Cristo e pela Virgem gloriosa, todavia os frades mantiveram a sua santidade por meio da oração contínua e do silêncio tanto de dia como de noite. E, se por vezes falavam entre dois tempos de silêncio, faziam-no com a maior piedade e discrição e versando sempre assuntos que diziam respeito ao louvor de Deus e à salvação das almas. Se al-

guém começava a proferir palavras inúteis ou frívolas, o que raras vezes ocorria, imediatamente era repreendido por outro frade.

[24] Mortificavam o corpo com muitos jejuns e vigílias, com o frio, a nudez e o trabalho manual. Para evitarem a ociosidade, muitas vezes ajudavam os pobres no granjeio dos campos e recebiam o pão por amor de Deus. Com estas e outras virtudes, santificavam o lugar e a si mesmos se guardavam na santidade. [25] Mas depois, por causa dos frades e dos seculares que acorriam a esse lugar mais vezes do que antes, e também porque os frades são mais tíbios na oração e nas boas obras, mais propensos a proferir palavras inúteis e a discutir as novidades do mundo do que era costume, o lugar não é tido em tão grande respeito e devoção como o foi até há pouco e como eu queria que fosse».

[26] Tendo dito estas palavras, S. Francisco terminou com grande fervor de espírito:

[27] «Quero que este lugar seja imediatamente posto sob a autoridade do Ministro Geral e servo de todos, para que tenha o maior cuidado e solicitude em o prover com uma família de bons e santos religiosos.

[28] Os clérigos sejam escolhidos entre os melhores, os mais santos e virtuosos, entre aqueles que melhor saibam rezar o Ofício em toda a Ordem, para que não só os seculares como também os outros frades possam vê-los e escutá-los de bom grado e com grande piedade.

[29] Os irmãos leigos que os servem sejam escolhidos entre os homens santos, discretos, humildes e honestos. [30] Quero que nenhuma pessoa ou frade entre naquele lugar, com excepção do Ministro Geral e dos frades que os servem. Não falem com ninguém a não ser com os frades que estão ao seu serviço e com o Ministro Geral quando os visitar. [31] Quero também que os frades leigos que os servem estejam obrigados a não lhes dirigir palavras inúteis e a não lhes levar novidades do mundo ou qualquer outra coisa que não seja benéfica e salutar para as suas almas. Particularmente, quero que ninguém entre naquele lugar, para que a sua pureza e santidade melhor possam ser preservadas, e que nada inútil seja aí dito ou feito. Todo o lugar deve ser mantido puro e santo com hinos e louvores ao Senhor.

[32] Quando algum destes irmãos partir para o Senhor, quero que o Ministro Geral o substitua por outro frade santo, onde quer que se encontre. [33] Pois, se alguma vez os frades se desviarem da pureza e honestidade, quero que este lugar seja bendito e permaneça sempre como um espelho e santo modelo para toda a Ordem, uma lâmpada sempre ardente e brilhante diante do trono de Deus e da Virgem Santa. [34] Por amor deste lugar, possa Deus perdoar os defeitos e faltas de todos os frades, conservar e proteger esta Ordem, sua pequena planta, para sempre».

CAPÍTULO LVI

Do humilde respeito que S. Francisco tinha pelas igrejas, varrendo-as e limpando-as

[1] Quando S. Francisco morava em Santa Maria dos Anjos e os frades ainda eram poucos, costumava percorrer os povoados e igrejas das vizinhanças de Assis, pregando aos homens a penitência. [2] Levava sempre consigo uma vassoura para varrer as igrejas que estivessem sujas, pois sentia profunda dor quando encontrava alguma igreja não tão limpa como ele queria.

[3] Terminado o sermão, reunia sempre os sacerdotes presentes em algum lugar discreto, para não ser ouvido dos seculares, e falava-lhes da salvação das almas e dos cuidados a ter na limpeza das igrejas e dos altares e de tudo quanto se relacionasse com a celebração dos divinos mistérios.

CAPÍTULO LVII

Do camponês que encontrou S. Francisco a varrer humildemente uma igreja e como, depois de convertido, entrou na Ordem e foi um santo frade

[1] Tendo ido um dia a uma igreja nas proximidades de Assis, começou a varrê-la e a limpá-la com humildade. Imediatamente correu a notícia por toda a povoação, pois o povo sentia-se feliz em o ver e, mais ainda, em o escutar. [2] Mas, quando um camponês, chamado João, homem de admirável simplicidade, ouviu falar do

caso, deixou o campo onde estava a lavrar e foi ter com o santo, encontrando-o a varrer a igreja com humildade e piedade. [3] E disse a S. Francisco: «Irmão, passa-me a vassoura, pois quero ajudar-te». E, tomando-lhe a vassoura das mãos, varreu o que faltava.

[4] Depois, estando ambos sentados, disse a S. Francisco: «Irmão, já há muito tempo que sentia o desejo de servir a Deus, principalmente desde que ouvi falar de ti e dos teus frades, mas não sabia como dirigir-me a ti. [5] Agora, que foi do agrado de Deus que nos encontrássemos, aqui estou para fazer o que te parecer melhor».

[6] Vendo o seu entusiasmo, S. Francisco exultou no Senhor, porque naquele tempo tinha poucos frades e lhe parecia que aquele homem seria um bom religioso por causa da sua pureza e simplicidade. [7] Disse-lhe, pois: «Irmão, se queres partilhar a nossa vida e a nossa companhia, é necessário que te desfaças de tudo quanto licitamente possuis e o dês aos pobres, segundo o conselho do Santo Evangelho, porque todos os meus frades procederam deste modo».

[8] Ouvindo isto, o camponês foi imediatamente ao campo, onde deixara os bois, e soltou-os. Levou um deles a S. Francisco, dizendo-lhe: «Irmão, servi meu pai e minha família por muitos anos. [9] Embora seja pequena a parte da minha herança, quero tomar este boi para mim e dar o seu preço aos pobres, segundo o que te parecer melhor». [10] Mas, quando seus pais e irmãos, estes ainda pequenos, se deram conta de que ele tencionava deixá-los, irromperam em tão forte pranto e arrancaram tão dolorosos gritos e lamentos que S. Francisco foi tocado de compaixão por se tratar duma família numerosa e humilde. [11] Disse-lhes: «Preparai alguma coisa para comermos todos juntos. Deixai-vos de lamentações, porque ides ficar satisfeitos». Eles prepararam uma refeição imediatamente e todos comeram com grande alegria.

[11] Depois da refeição, disse-lhes S. Francisco: «Este vosso filho deseja servir a Deus e vós não deveis afligir-vos com isso, mas antes alegrar-vos. [12] Será para vós grande honra e bênção no corpo e na alma, não somente aos olhos de Deus como também aos do mundo, porque Deus será honrado por alguém do vosso sangue, e todos os nossos frades serão vossos filhos e irmãos. [13] Eu não posso nem devo entregar-vos o vosso filho, porque é uma criatura de

Deus e quer servir ao seu Criador; ora, o mesmo é servir que reinar. [14] Mas, para que dele hajais consolação, quero que ele vos deixe este boi, muito embora o pudesse entregar a outros pobres, conforme reza a letra do Santo Evangelho». [15] Todos ficaram consolados com estas palavras de S. Francisco, e particularmente alegres com a entrega do boi, por serem muito pobres.

[16] Porque muito agradava a S. Francisco a sua pura e santa simplicidade, logo lhe vestiu o hábito religioso e escolheu-o para seu companheiro. [17] Era, efectivamente, duma tal simplicidade, que se julgava obrigado a imitar S. Francisco em tudo o que lhe via fazer. Assim, quando São Francisco entrava numa igreja ou em qualquer outro lugar para orar, ele desejava observá-lo, para se conformar absolutamente com todas as suas acções e gestos. Se o santo se ajoelhava, se levantava as mãos ao céu, se cuspia, tossia ou suspirava, ele fazia o mesmo. [18] Quando S. Francisco adregou de reparar nas suas atitudes, começou a repreendê-lo, com brandura, da sua simplicidade. [19] Mas ele respondeu: «Irmão, eu prometi fazer tudo quanto te visse fazer; por isso, devo conformar-me em tudo a ti». Com isto muito se admirava e divertia S. Francisco, observando a sua pureza e simplicidade.

[20] Depois, começou a fazer tais progressos na virtude e nos bons costumes, que S. Francisco e os outros frades se maravilhavam sobremaneira com a sua perfeição. Pouco tempo depois, morreu neste santo estado de perfeição. [21] Mais tarde, quando S. Francisco, com grande alegria interior e exterior, contava aos frades a sua conversão, não lhe chamava Fr. João, mas «santo Fr. João».

CAPÍTULO LVIII

Como S. Francisco se castigou a si mesmo comendo da mesma escudela com um leproso, a quem tinha humilhado

[1] Quando S. Francisco regressou à ermida de Santa Maria dos Anjos, encontrou Fr. Tiago o Simples com um leproso muito ulcerado e em estado miserando. [2] Com efeito, o santo tinha recomendado este leproso e todos os outros aos seus cuidados, pois ele era como que o seu médico, e de bom grado limpava as chagas, mu-

dava os pensos e aplicava os remédios. [3] Naquele tempo, os frades moravam nas leprosarias.

[4] S. Francisco disse a Fr. Tiago em forma de repreensão: «Não devias trazer para aqui os *irmãos cristãos,* pois não é decoroso nem para ti nem para eles». [5] Se bem que o seu desejo fosse servir os leprosos, não queria, no entanto, que fossem levados para fora das leprosarias aqueles que estavam muito chagados, pois os homens costumam sentir por eles grande repugnância. [6] Ora, Fr. Tiago era tão simples que costumava acompanhá-los desde a leprosaria até à ermida de Santa Maria, como o fazia aos frades. S. Francisco chamava aos leprosos «irmãos cristãos».

[6] Tendo acabado de dizer aquelas palavras, S. Francisco logo se arrependeu, sentindo que o leproso tinha ficado humilhado com a repreensão dada a Fr. Tiago. [7] Por isso, querendo dar uma satisfação a Deus e ao leproso, confessou a sua culpa a Fr. Pedro Catânio, que era então o Ministro Geral. [8] Disse-lhe: «Rogo-te que me confirmes a penitência que me propus fazer por esta falta e peço-te que não me contradigas». «Irmão, faz como entenderes melhor» – respondeu-lhe o Ministro. [9] Fr. Pedro temia-o e venerava-o tanto que não ousava contradizê-lo, embora muitas vezes se mortificasse com isso. [10] Continuou então S. Francisco: «A minha penitência consiste em comer nesta escudela de parceria com o irmão cristão».

[11] Quando se sentou à mesa com o leproso e os outros irmãos, mandou pôr uma escudela entre si e o leproso. Este estava repugnante, todo coberto de chagas e, sobretudo, tinha os dedos ganchosos e gotejando sangue. [12] Quando tirava comida da escudela, deixava cair o sangue e o pus dos dedos. [13] Ao presenciarem esta cena, Fr. Pedro e os outros irmãos estavam consternadíssimos, mas não se atreveram a balbuciar palavra, por temor e reverência ao santo Pai.

[14] Quem escreve estas coisas atesta que as viu com os próprios olhos.

CAPÍTULO LIX

Como S. Francisco pôs os demónios em fuga com palavras de humildade

[1] Uma vez S. Francisco dirigiu-se à igreja de São Pedro de Bovara, perto do castelo de Trevi, no vale de Espoleto. Acompanhava-o Fr. Pacífico, que no mundo fora conhecido como o «príncipe dos poetas», homem nobre, cortês e mestre de cantores. [2] Ora a igreja encontrava-se abandonada. Disse então S. Francisco a Fr. Pacífico: «Volta à leprosaria, porque esta noite quero ficar aqui só, e amanhã, muito cedo, virás ter comigo».

[3] Permanecendo, pois, só e tendo rezado as Completas e outras orações, quis repousar e dormir, mas não o conseguiu. [4] A sua alma encheu-se de temor, o seu corpo foi sacudido por tremores e começou a sentir sugestões diabólicas. [5] Fez o sinal da cruz e saiu da igreja, dizendo: «Em nome do Todo-Poderoso, digo-vos, demónios, que podeis experimentar no meu corpo tudo o que o Senhor Jesus Cristo vos permitiu, porque eu estou pronto para tudo suportar. [6] Como o meu corpo é o maior inimigo que tenho, vingais-me do meu adversário e mais directo inimigo».

[7] Logo cessaram completamente as tentações, e, tendo regressado ao lugar onde estivera deitado, adormeceu em paz.

CAPÍTULO LX

Da visão de Fr. Pacífico, que viu e ouviu que o lugar de Lúcifer estava reservado para o humilde Francisco

[1] De manhã cedo voltou Fr. Pacífico, que encontrou S. Francisco em oração diante do altar. Esperou-o fora do coro e pôs-se também em oração diante do crucifixo. [2] Tendo começado a orar, foi elevado e arrebatado ao céu – ignoro se no corpo ou fora

dele, Deus o sabe[24]. Viu muitos tronos no céu, entre os quais um mais elevado e glorioso que os outros, brilhante e adornado de toda a espécie de pedras preciosas[25]. [3] Ao admirar a sua beleza, desejou saber a quem pertencia aquele trono. Logo ouviu uma voz, que lhe disse: «Este foi o trono de Lúcifer; em sua vez, sentar-se-á nele o humilde Francisco».

[4] Tendo voltado a si, viu S. Francisco, que tinha saído da igreja, e lançou-se-lhe aos pés com os braços em forma de cruz. [5] Contemplando-o, como se ele já estivesse sentado naquele trono celestial, disse-lhe: «Pai, tem piedade de mim e pede ao Senhor que me faça misericórdia e que me perdoe os meus pecados». [6] Estendendo a mão, S. Francisco levantou-o e reconheceu logo que tinha tido uma visão durante a oração, porque ele parecia completamente transfigurado e falava a S. Francisco, não como se estivesse a viver no corpo, mas como se já reinasse nos céus.

[7] Pouco depois, porque não queria contar a sua visão a S. Francisco, começou a falar de coisas diferentes e perguntou-lhe: «Que pensas de ti mesmo, irmão?» [8] S. Francisco respondeu-lhe: «Penso que sou o maior pecador do mundo». [9] Logo uma voz segredou ao espírito de Fr. Pacífico: «Por este sinal podes ficar certo de que foi verdadeira a visão que tiveste. Pois, assim como Lúcifer, por causa do seu orgulho, foi projectado deste trono, assim também Francisco, pela sua humildade, merecerá ser elevado e sentar-se no seu lugar».

CAPÍTULO LXI

Como S. Francisco se fez arrastar nu diante do povo com uma corda ao pescoço

[1] Um dia, quando se restabelecia duma grave enfermidade, sentiu que tinha sido um tanto indulgente consigo mesmo, não obstante pouco ter comido. [2] Se bem que não se tivesse ainda re-

---

[24] 2Cor 12, 2-4.
[25] Ap 21, 19.

feito duma febre quartã, um dia levantou-se, mandou reunir o povo de Assis na praça, para a pregação.

[3] Acabada a pregação, pediu ao povo para não abandonar o lugar antes do seu regresso. Entrou na Catedral de S. Rufino com muitos frades e com Fr. Pedro Catânio, que tinha sido cónego desta igreja e eleito primeiro Ministro Geral por S. Francisco. [4] Ordenou então a Fr. Pedro, em nome da obediência, que fizesse tudo quanto ele dissesse sem contradita. Fr. Pedro respondeu-lhe: «Irmão, não posso nem devo fazer nada, em meu ou em teu favor, que não seja do teu agrado».

[5] Despindo o hábito, S. Francisco ordenou-lhe que o arrastasse nu, perante o povo, com uma corda atada ao pescoço, até ao lugar onde tinha pregado. [6] Ordenou a outro frade que pegasse numa escudela com cinza, subisse ao lugar onde havia pregado e daí lha lançasse no rosto quando lá chegasse. [7] Mas o frade neste ponto não lhe quis obedecer pela muita compaixão e piedade que dele teve. [8] No entanto, Fr. Pedro Catânio tomou a corda atada ao pescoço do santo e arrastou-o atrás de si, como lhe tinha sido ordenado. S. Francisco lamentava-se em altos brados, e os outros frades, com ele, derramavam lágrimas de compaixão e amargura.

[9] Depois de ter sido conduzido nu, na presença do povo, até ao lugar onde pregara, S. Francisco disse: «Vós e todos aqueles que, seguindo o meu exemplo, deixaram o mundo, entraram na Ordem e abraçaram a vida dos frades, julgais que eu sou santo. [10] Mas eu confesso a Deus e a vós que, durante a minha doença, comi carne e caldo de carne». [11] Tocadas de piedade e compaixão, a maior parte das pessoas começaram a chorar, principalmente porque era inverno, fazia muito frio e ainda não estava curado da febre quartã. [12] Batendo no peito, acusavam-se a si mesmas, dizendo: «Sabemos que este homem leva uma vida santa, porque reduziu o seu corpo à aparência dum cadáver vivo pela sua abstinência e austeridade desde a sua conversão a Cristo. [13] Ora, se ele se acusa dum modo tão confrangedor e submete o seu corpo a tais mortificações por ter feito uma coisa justa e necessária, que faremos nós, miseráveis, que passamos todo o tempo da nossa vida a contentar os apetites carnais?»

CAPÍTULO LXII

Como S. Francisco queria que todos soubessem os confortos que concedia ao seu corpo

[1] Noutra ocasião, estando a passar a quaresma de S. Martinho num eremitério, comeu alguns alimentos cozinhados com banha de porco, por causa das suas enfermidades, para as quais o azeite era contra-indicado. [2] Acabada a quaresma, quando pregava a uma grande multidão, começou por dizer: «Vós viestes a mim com grande devoção, julgando-me um homem santo, mas confesso a Deus e a vós que nesta quaresma comi alimentos cozinhados com banha de porco».

[3] Além disso, quando comia na casa dos seculares ou quando os frades lhe preparavam comida delicada por causa das suas enfermidades, [4] logo o publicava claramente em casa e fora dela, na presença dos frades ou dos seculares que o ignoravam: «comi tais alimentos». Nada queria esconder aos homens do que era manifesto a Deus. [5] Igualmente, se o seu espírito era atraído para o orgulho, para a vanglória ou para qualquer outro vício, fosse qual fosse o lugar, na presença dos frades ou dos seculares, confessava logo a sua falta perante eles abertamente e sem nada encobrir. [6] Uma vez disse aos seus companheiros: «Em qualquer ermo ou lugar onde esteja, quero viver como se fosse visto pelos homens. Se eles me tomam por santo e se eu não levo a vida apropriada, não passo dum hipócrita».

[7] Quando um dos seus companheiros, que era guardião, quis coser no interior da túnica um pedaço de pele de raposa para proteger o estômago e o baço em razão da sua enfermidade e principalmente porque então fazia muito frio, S. Francisco disse-lhe: [8] «Se queres que eu use uma pele de raposa por dentro do hábito, manda pôr por fora um bocado da mesma pele, para que todos saibam que eu uso uma pele de raposa pelo lado de dentro». [9] Assim o mandou fazer, mas, embora lhe fosse muito necessária, usou-a por pouco tempo.

CAPÍTULO LXIII

Como se acusou imediatamente da vanglória que sentiu ao dar esmola

[1] Quando S. Francisco ia de caminhada pela cidade de Assis, uma pobre velha pediu-lhe esmola por amor de Deus. [2] Deu-lhe o manto que trazia aos ombros, mas logo, sem demora, confessou àqueles que o acompanhavam que tinha sentido vanglória.

[3] Nós, que vivemos na sua companhia, vimos e ouvimos tantos exemplos semelhantes a estes sobre a sua sublime humildade que, nem por palavras nem por escrito, nos é possível referi-los todos. [4] Neste ponto, o principal objectivo de S. Francisco consistiu em não ser um hipócrita perante Deus. [5] E, se bem que, por causa das suas enfermidades, lhe fossem necessários alimentos mais apurados, sentia que devia dar sempre bom exemplo aos frades e às outras pessoas. Assim, suportava pacientemente todas as carências, para cortar pela raiz qualquer pretexto de murmuração.

CAPÍTULO LXIV

Como S. Francisco descreveu o estado de perfeita humildade em si mesmo

[1] Ao aproximar-se o tempo do Capítulo, S. Francisco disse ao seu companheiro: «Parece-me que não serei um verdadeiro Menor se não estiver nas condições que te vou referir: [2] Eis que os frades me convidam para o Capítulo com grande respeito e devoção. Eu, movido por esta devoção, vou ao Capítulo. Durante a assembleia pedem-me para proclamar a palavra de Deus. Eu levanto-me e prego-lhes o que o Espírito Santo me inspirar. [3] Supõe que, depois do meu sermão, todos clamam contra mim, dizendo: "Não queremos que nos governes, pois não tens a indispensável eloquência e, além disso, és muito simples e ignorante. [4] Coramos de vergonha por ter um superior tão ingénuo e desprezível. Doravante, não tenhas a presunção de te chamar nosso Superior!" Assim me repelem com vitupério e opróbrio. [5] Parece-me que não serei um verdadeiro frade menor se não me sentir feliz igualmente quando me

humilham e depõem vergonhosamente por não quererem que eu seja o seu Superior, e quando me veneram e honram. Nos dois casos, o proveito e a utilidade são os mesmos. [6] Se me alegro quando me exaltam e honram, por causa da sua devoção e do proveito que daí tiram, embora não sem detrimento para a minha alma, quanto mais devo regozijar-me com o proveito e salvação da minha alma quando me desprezam, pois há aí um ganho espiritual».

CAPÍTULO LXV

Como S. Francisco desejou humildemente visitar terras distantes, para onde enviara outros frades, e como os ensinou a irem pelo mundo piedosa e humildemente

[1] Terminado aquele Capítulo em que muitos frades foram enviados para algumas províncias de além-mar, S. Francisco ficou com alguns, a quem disse: [2] «Irmãos caríssimos, é necessário que eu seja o modelo e exemplo de todos os frades. Ora, se eu os enviei para terras distantes, para suportarem trabalhos duros, a vergonha, a fome, a sede e outras adversidades, [3] é justo, e a santa humildade o exige, que eu também vá para alguma província longínqua. Quando os irmãos souberem que estou passando as mesmas provações, eles hão-de suportar as suas adversidades com mais paciência. [4] Ide, pois, pedir ao Senhor que me conceda escolher a província onde eu mais possa trabalhar para a Sua glória, proveito das almas e ser bom exemplo para a nossa Ordem».

[5] Quando o santo Pai se dirigia para alguma província, tinha o costume de primeiramente orar ao Senhor e de pôr os seus frades a rezar para que o Senhor dirigisse o seu coração para o lugar que mais fosse do Seu agrado. [6] Os frades puseram-se em oração e depois voltaram à sua presença. Francisco disse-lhes cheio de alegria: «Em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, da gloriosa Virgem sua Mãe e de todos os santos, escolho a província de França, por ser uma nação católica e por ser aquela que, entre os países católicos, testemunha maior respeito ao Corpo de Cristo. Isto constitui para mim grande alegria e, por este motivo, viverei entre eles com sumo prazer».

[7] Com efeito, S. Francisco tinha tal respeito e devoção para com o Corpo de Cristo que quis escrever na Regra que os frades tivessem para com Ele sumo cuidado e solicitude especial nas províncias onde morassem, e que admoestassem os clérigos e os sacerdotes para depositarem o Corpo de Cristo em lugar apropriado e digno e que, se eles se mostrassem negligentes, os frades o fizessem em seu lugar.

[8] Quis também escrever na Regra que, onde quer que os frades encontrassem o nome do Senhor e as palavras pelas quais é consagrado o seu Corpo em lugares pouco convenientes, deviam recolhê-los e colocá-los em lugar próprio, honrando assim o Senhor nas palavras que Ele proferiu. [9] E, ainda que não tenha escrito estas coisas na Regra, porque aos ministros não pareceu bem que fossem impostas por preceito, contudo quis deixar bem clara a sua vontade sobre este assunto no Testamento e nos outros escritos.

[10] Além disso, certa ocasião quis mandar alguns frades por todas as províncias, levando muitas píxides lindas e limpas, a fim de que, por toda a parte onde encontrassem o Corpo do Senhor guardado pouco decentemente, o colocassem com toda a honra nestas píxides. [11] Também quis enviar outros frades por todas as províncias com bons e belos ferros de fazer hóstias, para poderem confeccioná-las belas e puras.

[12] Quando S. Francisco escolheu os frades que queria levar consigo, disse-lhes: «Em nome do Senhor, tomai o caminho dois a dois com humildade e discrição, e sobretudo guardai silêncio desde manhã até depois de Tércia, orando ao Senhor nos vossos corações, e não digais nenhuma palavra inútil ou frívola. Ainda que vades em viagem, a vossa conversa deve ser tão humilde e honesta como se estivésseis no eremitério ou na cela. [13] Pois, onde quer que estejamos ou por onde quer que vamos, temos sempre a nossa cela connosco: com efeito, o irmão corpo é a nossa cela, e a alma é o eremita que mora nela para orar ao Senhor e n'Ele meditar. Se a alma não pode permanecer calma na sua cela, então pouco aproveitará ao religioso uma cela feita com o trabalho das suas mãos».

[14] Quando S. Francisco chegou a Florença, encontrou aí o senhor D. Hugolino, Bispo de Óstia, que se tornou mais tarde o Papa Gregório. Quando o Bispo soube de S. Francisco que tencionava ir

para França, proibiu-o terminantemente, dizendo-lhe: [15] «Irmão, não consinto que passes para as terras de além dos Alpes, pois são muitos os prelados que desejam torpedear a tua Ordem na Cúria romana. Se permaneceres nos limites desta província, eu e os outros Cardeais, que amamos a tua Ordem, de bom grado sairemos em sua defesa e a protegeremos».

[16] S. Francisco respondeu-lhe: «Senhor, sinto-me envergonhado ao mandar os meus frades para províncias remotas, enquanto eu fico aqui sem partilhar as tribulações que eles vão sofrer por amor do Senhor». [17] O senhor Bispo retorquiu-lhe quase em tom de censura: «Porque mandaste os teus frades para tão longe morrerem de fome e suportarem outras adversidades?» [18] S. Francisco respondeu-lhe com grande fervor e inspiração profética: «Senhor Bispo, talvez penseis que Deus só nos chamou para estas províncias de Itália. [19] Em verdade vos digo que o Senhor nos escolheu e mandou para proveito e salvação das almas de todos os homens deste mundo; serão bem-vindos não só na terra dos fiéis, como também na terra dos infiéis e lucrarão muitas almas».

[20] O senhor Bispo de Óstia ficou assombrado com estas palavras e concordou em que S. Francisco dizia a verdade. Por não poder ir para França, o santo mandou para lá Fr. Pacífico e muitos outros frades. Quanto a ele, voltou para o vale de Espoleto.

CAPÍTULO LXVI

Como S. Francisco ensinou os frades a conquistar as almas dos ladrões pela humildade e caridade

[1] Ao eremitério dos frades, situado acima de Borgo San Sepolcro, vinha por vezes a pedir o pão da esmola um bando de ladrões, que se ocultavam nas florestas, assaltavam e despojavam os viandantes. [2] Alguns frades entendiam que não estava certo dar-lhes esmola, mas outros faziam-no por compaixão e exortavam-nos ao arrependimento.

[3] Entrementes, São Francisco veio ao eremitério e os frades perguntaram-lhe se era justo dar esmola aos ladrões. [4] S. Francisco respondeu-lhes: «Se fizerdes como vos disser, confio no Senhor que ganhareis as suas almas. Assim, ide por bom pão e bom vinho,

e levai-os à floresta onde sabeis que os ladrões se escondem.
[5] Gritai-lhes, dizendo: "Irmãos ladrões, vinde até nós, porque so-
mos irmãos que vos trazemos bom pão e bom vinho". E eles virão
imediatamente. [6] Então, estendei uma toalha no chão, ponde sobre
ela o pão e o vinho e servi-os com humildade e alegria até ficarem
plenamente satisfeitos. [7] Depois da refeição, falai-lhes da palavra
do Senhor e finalmente pedi-lhes que, por amor de Deus, vos pro-
metam não ferir nem espancar ninguém. [8] Se pedísseis tudo duma
só vez, é evidente que não vos escutariam, mas, porque sois hu-
mildes e caridosos, eles vo-lo prometerão imediatamente. [9] No dia
seguinte, levai-lhes ovos e queijo com o pão e o vinho para mos-
trar que apreciastes a sua promessa, e servi-os até que estejam bem
saciados. [10] Depois da refeição, dizei-lhes: "Porque estais aqui todo
o dia a morrer de fome e a suportar tantos gravames? Porque pre-
meditais tantas maldades e cometeis tantos crimes, por causa dos
quais perdereis as vossas almas, se não vos converterdes ao Se-
nhor? [11] É melhor ouvirdes o Senhor, que neste mundo vos dará o
sustento ao corpo e finalmente salvará a vossa alma". Então, por
causa da humildade e caridade que lhes mostrastes, o Senhor inspi-
rar-lhes-á o arrependimento».

[12] Os frades fizeram como S. Francisco lhes havia dito. Os la-
drões, por graça e misericórdia de Deus, escutaram-nos atenta-
mente e observaram à letra, ponto por ponto, o que os frades hu-
mildemente lhes pediram. [13] Demais disso, tocados pela humildade
e amizade dos frades para com eles, começaram a servi-los humil-
demente, transportando aos ombros molhos de lenha para o ere-
mitério. [14] Alguns deles entraram na Ordem; outros confessaram
seus crimes, fizeram penitência deles e, com as mãos postas nas
dos frades, prometeram que daí em diante viveriam do trabalho das
suas mãos e nunca mais fariam mal a ninguém.

CAPÍTULO LXVII

Como S. Francisco, açoitado pelos demónios, soube que era mais do agrado de Deus permanecer nos lugares pobres e humildes do que conviver com os Cardeais

[1] Um dia, São Francisco foi a Roma visitar o senhor Bispo de Óstia. Tendo passado alguns dias com ele, foi também visitar o senhor cardeal Leão, que lhe era profundamente dedicado. [2] Porque então era inverno e se encontrava incapaz de andar a pé por causa do frio, do vento e da chuva, o senhor cardeal convidou-o a ficar alguns dias com ele e a receber dele o seu sustento como um pobre, juntamente com os outros pobres que costumavam comer todos os dias em sua casa. [3] Falou desta maneira, porque sabia que S. Francisco, onde quer que lhe fosse oferecida hospitalidade, queria ser sempre recebido como um pobrezinho, embora o Senhor Papa e os Cardeais o recebessem com a maior devoção e respeito e o venerassem como santo. E acrescentou: «Se quiseres, dar-te-ei uma boa habitação, recolhida, onde poderás orar e tomar as tuas refeições».

[5] Então Fr. Ângelo Tancredo, que foi um dos primeiros doze irmãos e também estava com o cardeal, disse a S. Francisco: «Irmão, há aqui perto uma torre muito espaçosa e retirada, onde poderás viver como num eremitério». [6] S. Francisco foi vê-la e agradou-lhe. Voltou ao senhor cardeal e disse-lhe: «Senhor, provavelmente ficarei alguns dias convosco».

[7] O senhor cardeal alegrou-se sobremaneira com esta resposta e Fr. Ângelo foi à torre e preparou uma habitação para S. Francisco e seus companheiros. [8] E, como S. Francisco não desejava deixar a torre enquanto permanecesse junto do Cardeal, nem queria que alguém fosse ter com ele, Fr. Ângelo comprometeu-se a levar-lhe alimentação a ele e ao seu companheiro todos os dias.

[9] Durante a primeira noite, depois da chegada ali de S. Francisco e do seu companheiro, quando o santo desejava dormir, vieram os demónios, que desferiram sobre ele forte carga de pancadaria. [10] Chamando o companheiro, disse-lhe: «Irmão, os demónios acabam de me dar uma grande tareia; quero que fiques à minha

beira, porque receio estar só». Naquela noite, o companheiro ficou junto dele, pois S. Francisco tremia como varas verdes, como homem apoquentado de sezões.

[11] Durante este tempo perguntou S. Francisco ao companheiro: «Porque é que os demónios me moeram os ossos? E porque é que o Senhor lhes deu o poder de me fazerem mal?» [12] E acrescentou: «Os demónios são os guardas de Deus, pois, assim como as autoridades civis enviam os seus agentes para punir aquele que prevaricou, assim Deus corrige e castiga aqueles que ama por meio dos demónios, que são os seus polícias e, nesta missão, estão ao seu serviço. [13] Até um religioso perfeito peca muitas vezes por ignorância; por consequência, quando não conhece o seu pecado, é castigado por intermédio do diabo, para que veja e considere com diligência, por dentro e por fora dele, aquilo em que pecou. Nesta vida, com efeito, Deus nada deixa impune naqueles que ternamente ama. [14] Quanto a mim, pela graça e misericórdia de Deus, não tenho conhecimento de alguma falta que não haja reparado já pela confissão e satisfação. Além disso, Deus, na sua misericórdia, concedeu-me a graça de receber na oração um claro conhecimento de tudo aquilo em que possa agradar-lhe ou desagradar-lhe. [15] Talvez o Senhor esteja a castigar-me pelos seus guardas, porque, não obstante o senhor cardeal me ter dado de boa vontade esta prova de simpatia e até este descanso ser necessário ao meu corpo, a verdade é que os meus irmãos que vão pelo mundo suportando a fome e inúmeras tribulações e os outros frades que moram nos eremitérios e em casas pobrezinhas, quando souberem que estou em casa do senhor cardeal, muito bem tratado, poderão encontrar aqui motivo para murmurar de mim, dizendo: [16] "Nós suportamos todas as dificuldades, enquanto a ele não lhe faltam mimos e comodidades!» Ora, eu tenho sempre obrigação de lhes dar bom exemplo, e é esta a razão por que lhes fui dado. [17] Os frades sentem-se mais edificados quando vivo com eles em casas pobrezinhas do que noutras, e mais facilmente suportam as suas adversidades, quando sabem que também eu as suporto".

[18] Este foi o grande e constante desejo de nosso Pai: dar a todos nós bom exemplo e retirar aos outros frades todo o pretexto de murmurarem dele. [19] Por isso, quer estando doente quer de boa saúde, sofreu tão dolorosamente, que os frades que disso tinham

conhecimento – como nós que vivemos com ele até ao dia da sua morte – ao lerem ou recordarem a descrição dos seus sofrimentos, não podiam sofrear as lágrimas e passavam tribulações e privações com mais paciência e alegria.

[20] Manhã cedo, S. Francisco desceu da torre e, indo ter com o senhor cardeal, contou o que lhe tinha acontecido e a conversa havida com o seu companheiro. E acrescentou: «Os homens julgam-me santo, mas os demónios lançaram-me fora da cela!»

[21] Muito se alegrou com ele o senhor cardeal, mas, porque o reconhecia e venerava como santo, não quis contraditá-lo, desde que a sua permanência ali se lhe tornara indesejável.

[22] S. Francisco despediu-se e regressou ao eremitério de Fonte Colombo, perto de Rieti.

CAPÍTULO LXVIII

Como S. Francisco repreendeu os irmãos que queriam seguir o caminho da sabedoria e da ciência e não o da humildade; e como lhes predisse a reforma da Ordem e o seu regresso ao estado primitivo

[1] Quando S. Francisco se encontrava no Capítulo Geral reunido em Santa Maria da Porciúncula – conhecido como o *Capítulo das Esteiras,* por não haver habitações a não ser feitas de esteiras para os cinco mil frades que ali se encontravam – [2] um bom número de frades, sábios e letrados, foram ter com o senhor Bispo de Óstia, que estava presente, e disseram-lhe: «Senhor, desejamos que persuadais Francisco a seguir os conselhos dos irmãos instruídos e a deixar-se guiar algumas vezes por eles». [3] Argumentavam com as Regras de São Bento, de Santo Agostinho e de São Bernardo, que estabelecem os princípios da vida regular.

[4] Tendo o cardeal referido tudo a S. Francisco em forma de advertência, S. Francisco nada lhe respondeu, mas pegou-lhe na mão e conduziu-o perante os frades reunidos em Capítulo. [5] Com o fervor e sob a influência do Espírito Santo, falou-lhes nestes termos: «Meus irmãos! Deus chamou-me, pelo caminho da simplicidade e da humildade, revelou-me, em verdade, este caminho para mim e para aqueles que querem confiar em mim e imitar-me. [6] Por

isso, não quero que citeis nenhuma outra Regra, nem a de S. Bento, nem a de Santo Agostinho, nem a de S. Bernardo, nem recomendar-me outra via ou forma de viver, além daquela que o Senhor, na sua misericórdia, se dignou revelar-me. [7] O Senhor disse-me que queria que eu fosse um novo insensato neste mundo, e não quis levar-nos por outro caminho que não fosse o desta sabedoria. [8] Deus vos confundirá com a vossa ciência e sabedoria. E eu confio nos guardas do Senhor, que, por meio deles, vos há-de castigar. Ainda voltareis ao vosso primeiro estado, quer queirais quer não, com grande vergonha vossa».

[10] O cardeal ficou estupefacto e nada respondeu. Todos os frades ficaram penetrados dum grande temor.

CAPÍTULO LXIX

Como S. Francisco previu e predisse que a ciência seria uma ocasião de ruína para a Ordem, e como proibiu um dos seus companheiros de se entregar ao estudo da pregação

[1] Muito se afligia S. Francisco quando, com desprezo da virtude, se procurava a «ciência que incha», e especialmente quando algum religioso não perseverava na vocação a que primeiramente tinha sido chamado. [2] Dizia-lhes: «Os meus frades, que se deixarem seduzir pelo desejo do saber, encontrar-se-ão com as mãos vazias no dia das atribulações. [3] Por isso, antes desejaria que se revigorassem com o exercício das virtudes, a fim de que, em chegando aquele dia, sintam a protecção de Deus em suas angústias. [4] Pois virão dias de tribulação, e então os livros não serão úteis para nada e arrumar-se-ão pelas janelas e armários».

[5] Não falava desta maneira porque lhe desagradasse o estudo da Sagrada Escritura, mas para afastar os frades da preocupação inútil com a ciência. Preferia que eles primassem, mais pela caridade, do que por qualquer forma estranha de conhecimento.

[6] Já pressentia o tempo, não muito distante, em que a ciência que incha havia de ser ocasião de ruína. [7] Por isso, depois da sua morte, aparecendo a um dos companheiros que estava demasiado absorto no estudo da pregação, censurou-o e proibiu-o. Ordenou-

-lhe que se aplicasse a seguir o caminho da humildade e da simplicidade.

CAPÍTULO LXX

Como seriam benditos aqueles que entrassem na Ordem nos tempos futuros de tribulação e como os atingidos pela provação seriam melhores que os seus predecessores

[1] S. Francisco dizia: «Virá o tempo em que esta Ordem, tão querida de Deus, terá tão má reputação, devida aos maus exemplos dos frades, que os seus membros terão vergonha de aparecer em público! [2] Mas aqueles que nesse tempo se apresentarem para receber o hábito da Ordem serão conduzidos unicamente pela acção do Espírito Santo; não serão maculados pela carne e pelo sangue, e serão, na verdade, abençoados por Deus. [3] Ainda que neles não deixe de haver obras muito meritórias, todavia, tendo-se resfriado a caridade, que leva os santos a agir tão fervorosamente, serão assaltados por inúmeras tentações. Mas aqueles que nesse tempo saírem vitoriosos das provações, superarão em virtude aqueles que os precederam.

[4] Ai daqueles que se sentem satisfeitos unicamente com a imagem e aparência da vida religiosa e que, fiando-se na sua sabedoria e ciência, forem encontrados ociosos, isto é, [5] não se exercitando nas boas obras, no caminho da cruz e da penitência, na fiel observância do Evangelho a que estão pura e simplesmente obrigados pela sua profissão! [6] Estes não poderão resistir valorosamente às tentações que o Senhor envia para provar os seus eleitos. Aqueles que forem provados e aprovados receberão a coroa da vida, que a maldade dos réprobos os terá estimulado a ganhar».

CAPÍTULO LXXI

Como S. Francisco respondeu a um seu companheiro que lhe perguntou por que não reprimia os abusos que no seu tempo ocorriam na Ordem

[1] Um dia, disse a S. Francisco um seu companheiro: «Pai, perdoa-me, mas quero dizer-te o que anda na boca de muitos frades». [2] E continuou: «Tu sabes como lá nos primeiros tempos, pela graça de Deus, toda a Ordem florescia na pureza da perfeição; [3] como todos os frades observavam a santa pobreza, com grande fervor e zelo, em todas as coisas, tanto nas pequenas e pobres casas e na mobília, como nos poucos e depreciados livros e no vestido. [4] Nestas coisas como nas outras exteriores, tinham a mesma vontade e zelo em observar cuidadosamente tudo o que respeitava à nossa profissão e vocação, e ao bom exemplo de todos. [5] Como homens verdadeiramente apostólicos e evangélicos, estavam unidos no amor de Deus e do próximo.

[6] Hoje, porém, desde algum tempo, esta pureza e perfeição começaram e declinar, ainda que muitos aleguem, como desculpa para não observarem tudo, o grande número de frades. [7] Além disso, muitos frades chegaram a tal estado de cegueira, que pensam edificar o povo e convertê-lo à piedade mais com as práticas modernas de vida do que com as antigas. Imaginam que esta maneira de viver é mais conforme às conveniências; [8] desprezam e têm na conta de nada o caminho da santa simplicidade e da pobreza, que foi o primeiro princípio e o fundamento da nossa Ordem. [9] Vendo isto, estamos certos de que estes abusos te desagradam. Mas, se isto é assim, muito nos surpreende que tu os toleres e não os corrijas».

[10] Respondeu-lhe S. Francisco: «O Senhor te perdoe, irmão, por te opores a mim e quereres envolver-me em assuntos que não são da minha alçada. [11] Enquanto assumi o cargo de Superior dos frades, eles permaneceram fiéis à sua vocação e profissão. [12] Embora desde o princípio da minha conversão tenha andado enfermiço, supria a míngua da solicitude com o meu exemplo e as minhas exortações. [13] Mas depois verifiquei que o Senhor tinha multiplicado o número dos frades e que estes, por tibieza e falta de

zelo, começaram a desviar-se do caminho recto e seguro que antes tinham trilhado. [14] Enveredando pelos caminhos largos que conduzem à morte, não se mantiveram fiéis à sua vocação, à sua profissão e ao bom exemplo. [15] Apesar da minha pregação, da admoestação e do exemplo que sempre lhes dei, não quiseram renunciar ao caminho perigoso e mortal que tinham empreendido. [16] Por estes motivos, entreguei o cargo de Superior da Ordem ao Senhor e aos ministros. Mas, quando resignei ao ofício de Superior, expliquei aos frades no Capítulo Geral que, por causa das minhas enfermidades, não podia mais tomar conta deles. [17] Todavia, se eles estivessem dispostos a viver segundo a minha vontade, não desejaria que eles tivessem outro ministro senão a mim mesmo, para os confortar e ajudar até ao dia da minha morte. [18] Donde se segue que, quando um súbdito bom e fiel conhece a vontade do seu superior e lhe obedece, este pouca necessidade tem de se inquietar com ele. [19] Além disso, sentir-me-ia tão feliz com o bom aproveitamento dos frades, quer no meu interesse quer no deles, que, se eu estivesse doente de cama, não hesitaria em tomar cuidado deles, porque o meu ofício de Superior é inteiramente espiritual e consiste em desterrar os vícios, corrigi-los e emendá-los por meios espirituais. [20] Mas, como não estou capaz de os corrigir e emendar com as minhas exortações, conselhos e exemplos, não quero ser um verdugo que pune e fere como os poderes deste mundo.

[21] Pois eu confio no Senhor que os inimigos invisíveis, que são os seus guardas para castigar neste mundo e no outro, hão-de tirar vingança daqueles que transgredirem os mandamentos de Deus e os votos da sua profissão. [22] Fá-los-ão castigar pelos homens deste mundo, para sua vergonha e confusão, a fim de voltarem à sua vocação e profissão.

[23] Contudo, até ao dia da minha morte, não deixarei de exortar os frades, ao menos pelo meu exemplo e boas acções, a seguirem o caminho que o Senhor me mostrou. Assim, serão inescusáveis perante Ele, e eu não terei, mais tarde, de prestar contas a Deus pelas suas infidelidades».

INTERPOLAÇÃO

[1] *Aqui ficam exaradas as palavras que Fr. Leão, companheiro e confessor de S. Francisco, escreveu a Fr. Conrado de Offida, assegurando que as tinha ouvido do próprio S. Francisco. Fr. Conrado referiu estas palavras em S. Damião, perto de Assis.*

[2] Encontrando-se S. Francisco em oração por detrás do altar da igreja de Santa Maria dos Anjos, com as mãos erguidas para o céu, suplicava a Cristo que tivesse piedade do povo nas grandes tribulações que estavam para vir. [3] O Senhor disse-lhe: «Francisco, se queres que eu tenha piedade do povo cristão, procura que a tua Ordem permaneça naquele estado de pureza em que foi fundada, porque nada mais me resta em todo o mundo. [4] Eu te prometo que, por teu amor e da tua Ordem, não permitirei que alguma tribulação sobrevenha ao mundo. [5] Mas quero dizer-te que os frades se vão afastar do caminho que lhes apontei. [6] Hão-de provocar-me a tal cólera, que me insurgirei contra eles e chamarei os demónios, a quem darei todo o poder que desejarem. Desencadearão um tal antagonismo entre eles e o mundo, que ninguém poderá vestir o seu hábito a não ser nas florestas. [7] Quando o mundo perder a confiança na tua Ordem, não lhe restará outra luz, porque eu a estabeleci para ser a luz do mundo».

[8] S. Francisco perguntou: «De que viverão os meus frades que habitarem as florestas?» E Cristo respondeu-lhe: «Eu alimentá-los-ei como alimentei os filhos de Israel com o maná do deserto, porque estes serão bons como eles, e voltarão ao estado primitivo em que a Ordem foi estabelecida e iniciada».

CAPÍTULO LXXII

Como são convertidas pelas orações e lágrimas dos frades humildes e simples as almas que parecem sê-lo pela ciência e pregação dos outros

[1] O santíssimo Pai não queria que seus frades fossem ávidos dos livros e do saber, mas insistia com eles para que procurassem alicerçar a sua vida sobre a santa humildade, [2] praticassem a pura

simplicidade, a santa oração, e amassem a dona pobreza, virtudes sobre as quais os primeiros e santos frades estabeleceram os fundamentos da Ordem. [4] Dizia que este era o único caminho que levava à salvação própria e à edificação dos outros, pois Cristo, que somos chamados a imitar, só nos mostrou e ensinou este caminho pela sua palavra e pelo seu exemplo.

[5] Com efeito, antevendo o futuro, S. Francisco sabia pelo Espírito Santo, e disto informou os frades por várias vezes, que muitos deles, a pretexto de edificarem os demais, [6] perderiam a sua própria vocação, isto é, a santa humildade, a pura simplicidade, a oração e a piedade, assim como a nossa senhora Pobreza. [7] Acontecer-lhes-á pensar que serão mais instruídos, mais cheios de piedade, mais inflamados do amor de Deus e iluminados do seu conhecimento através do estudo da Escritura, enquanto que no interior de si mesmos ficarão vazios e frios. [8] Por conseguinte, serão incapazes de voltar à sua primeira vocação, porque desperdiçaram o tempo de viver em conformidade com ela em estudos inúteis e falsos. [9] E eu receio que a graça que pareciam possuir lhes seja retirada, porque eles negligenciaram totalmente a missão que lhes tinha sido dada, isto é, manter a sua vocação e segui-la.

[10] Dizia S. Francisco: «Muitos frades põem todo o seu empenho e solicitude em adquirir a ciência, com abandono da sua santa vocação e deixando divagar o espírito e o corpo para fora da via da humildade e da santa oração. [11] Quando pregarem ao povo e souberem que alguns ficaram edificados ou movidos à penitência, hão-de inchar e vangloriar-se com a obra e o êxito dos outros como se fosse seu. [12] Mas a pregação que fizeram foi antes para sua condenação e prejuízo; aliás nada mais fizeram do que ser os instrumentos daqueles, pelos quais o Senhor obteve realmente estes frutos. Com efeito, os que eles julgam ter edificado e convertido à penitência pelo seu saber e pregação foram, na verdade, edificados e convertidos pelo Senhor em atenção às orações e às lágrimas dos irmãos pobres, humildes e santos, ainda que estes irmãos o ignorem quase sempre. Pois é vontade de Deus que nada saibam, para não se ensoberbecerem.

[13] Os meus frades e cavaleiros da Távola Redonda são aqueles que se escondem nos ermos e desertos, para poderem entregar-se com mais diligência à oração e meditação, a chorar os seus peca-

dos e os dos outros, vivendo com simplicidade e comportando-se com humildade; a sua santidade é conhecida de Deus e algumas vezes dos irmãos, mas ignorada dos homens. [14] Quando as suas almas forem apresentadas pelos anjos ao Senhor, este mostrar--lhes-á o fruto e a recompensa dos seus trabalhos, isto é, as muitas almas que foram salvas pelos seus exemplos, orações e lágrimas, dizendo-lhes: [15] «Meus caros filhos, estas almas foram salvas pelas vossas orações, lágrimas e bom exemplo; *«porque fostes fiéis em coisas de pouca monta, muito vos confiarei»*[26]. Os outros pregaram e trabalharam com as palavras da sua sabedoria e ciência, mas Eu operei o fruto da salvação com os vossos méritos. [16] Por isso, recebei a recompensa dos seus trabalhos e o fruto dos vossos méritos, que é o reino eterno, que vós conquistastes pela vossa humildade, simplicidade, e pela força das vossas orações e das vossas lágrimas».

[17] Assim, «*trazendo as suas paveias com eles*»[27], isto é, o fruto e os méritos da santa humildade e da sua simplicidade, entrarão gozosos e exultantes na alegria do Senhor.

[18] Mas aqueles que não tiveram outro cuidado que o de saber e mostrar aos outros o caminho da salvação, sem nada terem produzido para si mesmos, apresentar-se-ão nus e de mãos vazias perante o tribunal de Cristo, levando consigo as gabelas da sua própria confusão, vergonha e dor.

[19] Então, a verdade da santa humildade e simplicidade, da santa oração e da pobreza, que constitui a nossa vocação, será exaltada, glorificada e engrandecida: esta verdade que os frades inchados com o vento da ciência arrancaram da sua vida com as empoladas palavras da sua vã sabedoria. [20] Diziam que esta verdade não era senão falsidade e, como cegos, perseguiram cruelmente aqueles que caminhavam pela senda da verdade. Então o erro e a falsidade das opiniões que seguiram, que proclamaram ser verdade e pelas quais precipitaram muitos no fosso da cegueira, terminarão em amargura, confusão e vergonha. [21] Eles mesmos, com as suas tene-

---

[26] Mt 25, 21.
[27] Sl 126, 6.

brosas opiniões, serão mergulhados nas trevas exteriores com os espíritos das trevas».

[22] Comentando a passagem: «*Enquanto a mulher estéril deu à luz muitos filhos, a mulher que tinha muitos filhos enlanguesceu e ficou estéril*»[28], S. Francisco dizia: [23] «A mulher estéril representa o bom religioso, simples, humilde, pobre e desprezado, que em todo o tempo edifica os outros com as suas santas orações e virtudes e os gera com dolorosos gemidos».

Repetia muitas vezes estas coisas na presença dos Ministros e dos outros frades, e particularmente no Capítulo Geral.

CAPÍTULO LXXIII

Como S. Francisco ensinava e queria que os Superiores e os pregadores deviam exercitar-se na oração e nas obras de humildade

[1] S. Francisco, servo fiel e perfeito imitador de Cristo, sentindo que, pela virtude da santa humildade, se tinha transformado totalmente em Cristo, preferia em seus frades esta virtude a todas as demais. [2] Animava-os contínua e afectuosamente, pela palavra e pelo exemplo, a amar, desejar e conservar a virtude da humildade. [3] Exortava sobretudo os ministros e os pregadores, e incitava-os a executarem tarefas humildes.

[4] Dizia-lhes que, a pretexto do seu cargo de superiores ou da sua actividade de pregadores, não deviam pôr de lado a santa e devota oração, o dever de pedir esmola, o trabalho manual e as demais tarefas humildes que os frades executam, para darem bom exemplo e para proveito das suas almas e do próximo. [5] E acrescentava: «Os frades súbditos ficam muito edificados quando os seus ministros e pregadores se entregam de bom grado à oração e se abaixam a trabalhos humildes e a serviços irrelevantes. [6] Se assim não procederem, não poderão exortar os outros frades sem embaraço, injustiça e condenação própria. Em conformidade com

[28] Sm 2, 5.

o exemplo de Cristo, convém antes agir que ensinar, ou então agir e ensinar ao mesmo tempo.

CAPÍTULO LXXIV

Como, para sua vergonha, S. Francisco quis ensinar os frades a conhecer quando ele era servidor de Deus e quando o não era

[1] Um dia, S. Francisco reuniu um grande número de frades e disse-lhes: «Pedi ao Senhor se dignasse mostrar-me, quando sou seu servidor e quando não. Pois eu apenas desejo viver como servidor de Deus. [2] E o benigníssimo Senhor dignou-se responder-me: "Podes saber realmente que és meu servidor, quando pensas, falas e ages santamente". Por isso, vos chamei, irmãos, e vos fiz esta revelação, para que possa envergonhar-me na vossa presença, quando me virdes falhar em todos ou em alguns dos pontos referidos».

CAPÍTULO LXXV

Como S. Francisco queria absolutamente que todos os frades trabalhassem algumas vezes com as suas próprias mãos

[1] Dizia que os frades frouxos, que não se aplicavam com diligência e humildade a qualquer trabalho, seriam prontamente vomitados da boca do Senhor[29]. Nenhum ocioso comparecia diante dele sem ser logo repreendido com desabrimento. [2] Ele, que era o modelo de toda a perfeição, trabalhava humildemente com as suas mãos e nunca consentiu que se malbaratasse o tempo, que é o melhor dos dons de Deus.

[3] Com efeito, declarava: «Quero que todos os meus frades trabalhem e se exercitem humildemente nas obras boas, para que sejam menos pesados aos outros homens, e nem o coração nem a

---

[29] Ap 3, 16.

língua vagueiem na ociosidade. Aqueles que não sabem trabalhar aprendam».

[4] Dizia ainda que a recompensa e a paga do trabalho não deviam ser postas à disposição do trabalhador, mas do guardião ou da comunidade.

QUARTA PARTE

Do zelo pela observância da Regra e da Ordem como um todo

CAPÍTULO LXXVI

Como S. Francisco louvava a observância da Regra e queria que os frades a conhecessem, falassem dela e com ela morressem

[1] Perfeito zelador da observância do Santo Evangelho, Francisco desejava ardentemente que todos observassem a nossa Regra, que não é mais do que a perfeita observância do Evangelho. [2] Tinha uma bênção muito particular para aqueles que a observassem no presente e no futuro.

[3] Efectivamente, dizia aos seus seguidores que a Regra que nós professamos era o livro da vida, a esperança da salvação, o penhor da glória, a medula do Evangelho, o caminho da cruz, o estado de perfeição, a chave do paraíso e o pacto de uma eterna aliança. [4] Queria que todos a tivessem e conhecessem, e que os frades a discutissem muitas vezes nos seus colóquios e conferências, como remédio contra o desânimo, e que a meditassem frequentemente, para poderem lembrar-se dos votos feitos ao Senhor.

[5] Dizia-lhes mesmo que deviam tê-la sempre diante dos olhos, em lembrança da vida que deviam levar e da observância devida à mesma. E, o que é mais, quis e ensinou que os frades deviam morrer com ela à vista.

CAPÍTULO LXXVII

Do santo irmão leigo que foi martirizado com a Regra nas mãos

[1] Um irmão leigo, que cremos firmemente ter sido admitido no coro dos mártires, não esqueceu este santo ensinamento e os princípios do santo Pai. [2] Tinha partido para entre os infiéis pelo desejo

do martírio. Quando era levado pelos sarracenos para receber o martírio, segurando a Regra com ambas as mãos, de joelhos humildemente flectidos, com grande fervor disse a um seu companheiro: [3] «Irmão caríssimo, confesso-me culpado, perante a divina Majestade e na tua presença de tudo quanto fiz contra esta Regra».

Depois desta breve confissão, o gládio pôs fim à sua vida e ele alcançou a coroa do martírio. [5] Tinha entrado na Ordem tão novo, que a custo podia suportar o jejum prescrito pela Regra. No entanto, ainda jovem, trazia uma cota de malha junto à carne. [6] Feliz jovem, que começou tão feliz e morreu mais feliz ainda.

CAPÍTULO LXXVIII

Como S. Francisco quis que a Ordem estivesse sempre sob a protecção e a disciplina da Igreja

[1] Dizia S. Francisco: «Irei recomendar a Ordem dos Frades Menores à santa Igreja Romana. [2] Os maus serão aterrados e corrigidos pela vara da sua autoridade, e os filhos de Deus gozarão, por toda a parte, de liberdade plena para trabalharem pela sua salvação eterna. [3] Deste modo, os filhos reconhecerão os doces benefícios da sua Mãe e seguirão sempre as suas veneráveis pegadas com particular devoção.

[4] Sob esta protecção, nenhum mal acontecerá à Ordem, e o filho de Belial não atravessará impunemente a vinha do Senhor. [5] A nossa santa Mãe quererá ela mesma imitar a glória da nossa pobreza e não permitirá que a nossa observância da humildade seja, de maneira nenhuma, obscurecida pela nuvem do orgulho. [6] Conservará intactos os vínculos da caridade e da paz que existem entre nós, e ferirá os desregrados com a mais rigorosa censura. A santa observância da pureza evangélica estará sempre florescente perante ela, e a Igreja não consentirá que se perca o perfume do nosso bom nome e da nossa vida santa, nem sequer por uma hora».

CAPÍTULO LXXIX

Dos quatro privilégios que o Senhor concedeu à Ordem e que revelou a S. Francisco

[1] S. Francisco dizia que tinha obtido do Senhor quatro privilégios, que lhe foram revelados por um anjo, a saber: a Ordem e a profissão dos Frades Menores subsistiriam até ao dia do juízo final; [2] nenhum perseguidor intencional da Ordem viveria muito tempo; [3] nenhum frade, que se propusesse viver mal, poderia permanecer na Ordem por longo tempo; [4] quem amasse a Ordem com todo o seu coração, por maior pecador que fosse, haveria, finalmente, de alcançar misericórdia do Senhor.

CAPÍTULO LXXX

Dos requisitos que S. Francisco julgava necessários ao Ministro Geral e aos seus colaboradores

[1] Tão grande era o zelo de S. Francisco para manter a perfeição na Ordem e considerava tão vital a perfeita observância da Regra, que ele se perguntava muitas vezes quem seria capaz, depois da sua morte, de governar toda a Ordem e, com a ajuda de Deus, mantê-la na perfeição. Infelizmente, não encontrava ninguém com as aptidões necessárias.

[2] Um pouco antes da sua morte, disse-lhe um irmão: «Pai, em breve partirás para o Senhor e esta família, que te seguiu, permanecerá neste vale de lágrimas. Mostra-nos alguém, se é que existe na Ordem, em quem tenhas confiança e que seja digno de receber o cargo de Ministro Geral».

[3] Respondeu-lhe S. Francisco, acentuando cada palavra com um suspiro: «Meu filho, não vejo ninguém que seja capaz de se tornar o chefe dum exército tão grande e tão variado, o pastor dum rebanho tão vasto e disperso. [4] Mas eu vou delinear-vos as qualidades que deviam brilhar no chefe e pastor desta família.

[5] Um tal homem devia ter uma vida muito sóbria, uma discrição a toda a prova, excelente reputação, sem afeições pessoais para evitar o escândalo da comunidade pelo favoritismo concedido a

uma parte. [6] Deverá ser afeiçoado à oração e repartir o tempo entre as necessidades da sua alma e as do rebanho. [7] Manhã cedo, deverá começar pelo Santo Sacrifício da Missa e, com prolixa oração, encomendar-se, com a sua grei, à protecção divina. [8] Depois da oração, pôr-se-á em lugar patente à disposição de todos, responder às suas perguntas e atender às suas necessidades com caridade, paciência e bondade.

[9] Não deverá fazer acepção de pessoas, e não se ocupará menos dos simples e ignorantes do que dos instruídos e sábios. Se lhe foi concedido o dom da ciência, mais deve resplandecer nele e na sua maneira de proceder a imagem da piedade e da simplicidade, da paciência e da humildade. [10] Deverá cultivar estas virtudes em si e nos outros, exercitar-se-á a praticá-las continuamente e animará os outros a fazer o mesmo, mais pelo exemplo que pelas palavras.

[11] Deverá execrar o dinheiro, principal fermento de corrupção da nossa profissão e perfeição. Sendo a cabeça e o exemplo que todos deverão imitar, jamais tenha dinheiro em cofres.

[12] Para seu uso, contente-se com um hábito e um livrinho. Deixe ao cuidado dos outros os estojos de penas, as tabuinhas e o selo.

[12] Não seja coleccionador de livros nem se deixe absorver demasiado pelo estudo, para que o tempo concedido a este não vá prejudicar o exercício do seu cargo.

[13] Saiba consolar os aflitos, pois ele é o último remédio para o seu mal; tudo faça para que os doentes não sejam vencidos pelo desespero, quando não puderem obter dele os remédios para os seus males.

[14] Para dobrar os violentos à mansidão, humilhe-se a si mesmo e ceda alguns dos seus direitos, se com isso puder ganhar uma alma para Cristo. Mostre entranhas de misericórdia para com os trânsfugas da Ordem – pobres ovelhas perdidas – e nunca lhes negue o perdão, sabendo quão fortes são as tentações que podem levar a tal queda. Se o Senhor permitisse que ele fosse exposto a semelhante tentação, teria caído, por certo, num abismo ainda mais profundo.

[15] É meu ardente desejo que o Ministro Geral, Vigário de Cristo, seja honrado por todos com devoção e respeito, e que todos

o sirvam com grande solicitude nas suas necessidades como convém ao nosso estado.

[16] Não deve comprazer-se mais nas honras do que nas injúrias, a fim de que não altere o seu modo de vida a não ser para melhor.

[17] Se eventualmente precisar duma alimentação mais reconfortante e delicada, não deve tomá-la às escondidas, mas diante de todos, para que os outros, nas suas enfermidades e fraquezas, não se envergonhem de cuidar da sua saúde.

[18] Compete-lhe particularmente descobrir os segredos das consciências e fazer sair a verdade dos recessos em que se esconde. Por princípio, tenha por suspeitas todas as acusações, até que a verdade comece a surgir depois de aturado exame. Não dará ouvidos aos tagarelas; trate-os com particular reserva e não lhes dê fácil crédito, quando acusam outros.

[19] Finalmente, seja de tal integridade, que não vá manchar ou relaxar as regras da justiça e da equidade pelo desejo de conservar o cargo. Não seja demasiado severo para não perder as almas; excessivamente manso, para não gerar tíbios; evite a desmedida indulgência para não destruir a disciplina. Deste modo, será temido de todos e amado por aqueles que o temem. [20] Considere e compreenda que o ofício de Superior deve ser para ele mais um ónus do que uma honra.

[21] Desejaria que ele tivesse por colaboradores homens de comprovada honestidade, firmemente opostos aos prazeres dos sentidos, corajosos nas dificuldades, amáveis e compreensivos para com os culpados, tendo igual afeição por todos. Nada recebam em paga do seu trabalho, a não ser o que lhes é necessário ao corpo. [22] Nada desejem, além do louvor de Deus, o progresso da Ordem, o bem da sua alma e o bem-estar de todos os irmãos. Amáveis, como convém, para com todos, acolham com santa alegria todos aqueles que os procurem e para com todos se mostrem, com pureza e simplicidade, modelos e exemplos da observância do Evangelho, segundo a Regra que professam.

[23] Eis, concluiu, o que devia ser o Ministro Geral desta Ordem e os seus colaboradores».

CAPÍTULO LXXXI

Como o Senhor falou a S. Francisco quando este se encontrava em grande aflição por causa dos frades que se desviavam da perfeição

[1] Segundo a medida do zelo que punha continuamente na perfeição da Ordem, ficava naturalmente triste, sempre que sabia ou via nela qualquer imperfeição. [2] E, começando a aperceber-se que alguns frades davam mau exemplo à Ordem e tinham começado a afastar-se dos altos ideais da perfeição, sentiu em seu coração uma dor tão pungente, que um dia, em sua oração, disse ao Senhor: [3] «Senhor, recomendo-te a família que me deste». Logo o Senhor lhe respondeu:

[4] «Diz-me, ó homenzinho simples e ignorante, por que tanto te contristas quando algum dos teus frades sai da Ordem ou quando não segue o caminho que te mostrei? [5] Diz-me: quem fundou esta Ordem de frades? Quem é que arrasta o homem à penitência? Quem é que dá a força de nela perseverar? Não sou Eu? [6] Eu não te escolhi para governares a minha família por seres um homem instruído e eloquente, pois Eu não quero que tu e aqueles que forem verdadeiros frades e verdadeiros observantes da Regra sigam o caminho da ciência e da eloquência. [7] Eu escolhi-te simples e ignorante como és, para que tu e os outros saibais que Eu velarei pelo meu rebanho. Estabeleci-te como um sinal para eles, a fim de que as obras que realizei em ti sejam também realizadas neles. [8] Quem segue o caminho que te apontei possui-me e possuir-me-á com mais abundância; mas quem quiser outro caminho ver-se-á despojado do que lhe parece ter. [9] Eis porque te digo para não te afligires com os outros, mas para procederes como tens feito até agora; trabalha como tens trabalhado, porque Eu estabeleci a Ordem dos frades no amor eterno.

[9] Por isso, sabe que Eu a amo tanto que, se algum frade, "voltado ao seu vómito"[30], morrer fora da Ordem, Eu enviarei outro para ganhar a coroa em seu lugar e, se tal frade não fosse nascido,

---

[30] Pr 26, 11.

Eu o faria nascer. E, para que saibas quão sinceramente amo esta vida e a Ordem dos frades, na suposição de não ficarem nela mais de três frades, esta será sempre a minha Ordem, que não abandonarei para sempre».

10 Depois de ter ouvido estas palavras, a alma de S. Francisco ficou admiravelmente serena. E, ainda que, no seu constante zelo pela perfeição da Ordem, não fosse inteiramente capaz de dominar a sua profunda dor, quando tinha conhecimento de alguma falta dos frades, que pudesse ser causa de mau exemplo ou de escândalo, no entanto, depois de o Senhor o ter assim reconfortado, trazia à memória as palavras do Salmo: 11 *«Jurei e resolvi observar a justiça do Senhor»*[31] e guardar a Regra que o mesmo Senhor me deu, assim como àqueles que quiserem imitar-me. 12 Todos os frades se comprometeram a esta observância, assim como eu. Agora que deixei a responsabilidade dos irmãos por causa das minhas enfermidades e por outras poderosas razões, a mais nada estou obrigado do que a orar pela Ordem e dar bom exemplo aos frades. 12 Porque o Senhor me revelou, e sei-o em verdade, que, se a minha doença não me escusasse, a maior ajuda que eu poderia dar à Ordem seria rezar por ela cada dia ao Senhor para que a governe, guarde e proteja. Nisto me comprometi perante o Senhor e perante os irmãos a prestar contas, no caso de algum frade se perder pelo meu mau exemplo».

13 Estas eram as palavras que S. Francisco costumava dizer para tranquilizar o seu coração e que muitas vezes expunha aos frades nos colóquios e nos Capítulos.

14 Se algum frade lhe dizia que devia ocupar-se do governo da Ordem, respondia: «Os frades têm a sua Regra, que juraram observar. Para que não pudessem desculpar-se com o meu exemplo, depois que aprouve ao Senhor fazer-me seu Superior, jurei, perante eles, observá-la eu também. 15 Por conseguinte, sabendo os frades o que devem fazer e o que devem evitar, não me resta mais do que servir-lhes de exemplo pelas minhas orações, porque para isto lhes fui dado durante a minha vida e depois da minha morte».

---

[31] Sl 119, 106.

CAPÍTULO LXXXII

Da singular devoção que S. Francisco teve por Santa Maria da Porciúncula e dos regulamentos que aí fez contra as palavras ociosas

[1] Enquanto lhe foi dado viver, S. Francisco teve sempre um zelo e empenho particular em preservar a inteira perfeição de vida na santa ermida de Santa Maria dos Anjos, cabeça e mãe de toda a Ordem, de preferência às outras casas. [2] Entendia e queria que esta casa fosse modelo e exemplo de humildade, de pobreza e de toda a perfeição evangélica para as demais, e que os frades que aí habitassem fossem mais cuidadosos e atentos do que os outros, tanto no fazer como no evitar tudo quanto ordena a perfeita observância da Regra.

[3] Assim, um dia, em ordem a evitar a ociosidade, que é a mãe de todos os vícios, principalmente na vida religiosa, ordenou que diariamente, depois da refeição, os frades se deviam entregar imediatamente a qualquer trabalho, com receio de que o bem alcançado no tempo da oração fosse perdido totalmente ou em parte pelas palavras inúteis e ociosas, às quais o homem é particularmente propenso após as refeições.

[4] Além disso, ordenou e mandou observar rigorosamente que, se algum frade, quer passeando quer trabalhando com outros, viesse a proferir alguma palavra ociosa, fosse obrigado a rezar um «Pai-Nosso», louvando a Deus no princípio e no fim da oração. [5] Se, consciente da sua falta, se tivesse acusado primeiro, devia dizer, pela salvação da sua alma, o mesmo «Pai-Nosso», com as *Laudes* do Senhor, como se disse. [6] Se, porém, já tiver sido repreendido antes por um irmão, deverá rezar o «Pai-Nosso» da maneira referida por alma do irmão que o corrigiu. Se, pelo testemunho deste ou doutro, for evidente que ele pronunciou uma palavra ociosa, deverá recitar, além disso, as *Laudes* no princípio e no fim da oração, em voz alta, de modo a poder ser ouvido e compreendido por todos os irmãos que o rodeiam. [7] Durante este tempo, os irmãos devem permanecer calados e escutá-lo. Se alguém ouvir um frade a pronunciar uma palavra ociosa, e se se calar e não o repreender,

igualmente seja obrigado a dizer um «Pai-Nosso» e as *Laudes* por alma deste irmão.

[8] Todo o frade que entrar numa cela, numa casa ou noutro lugar, e aí encontrar um ou mais irmãos, deverá bendizer e louvar piedosamente o Senhor».

[9] O Pai santo tinha sempre extremo cuidado em dizer as *Laudes* do Senhor e ensinava e encorajava, com solicitude e piedade, os outros frades a recitar as mesmas *Laudes* com reverência e devoção.

CAPÍTULO LXXXIII

Como S. Francisco exortou os frades a nunca deixarem a ermida de Santa Maria dos Anjos

[1] Se bem que S. Francisco soubesse que o reino dos céus estava implantado em todos os lugares da terra e acreditasse que a graça de Deus podia ser dada em todo o lugar aos eleitos, conhecia, contudo, [2] por experiência, que a ermida de Santa Maria da Porciúncula estava repleta duma graça mais fecunda e recebia frequentemente a visita dos espíritos celestes.

[3] Por isso, dizia muitas vezes aos frades: «Meus filhos, tende cuidado de nunca abandonar este lugar. Se fordes expulsos por uma porta, entrai por outra, pois este lugar é, de verdade, santo; é a casa de Cristo e da Virgem Sua Mãe. [4] Quando éramos poucos, foi aqui que o Altíssimo nos multiplicou; foi aqui que Ele iluminou as almas de seus filhos com a luz da sua sabedoria; foi aqui que abrasou os nossos corações com o fogo do seu Amor. [5] Quem aqui vier a orar com o coração contrito obterá quanto pedir, e quem profanar este lugar santo receberá o castigo mais severo. [6] Por isso, meus filhos, considerai este lugar como o mais digno de toda a honra e reverência, como verdadeira morada de Deus, especialmente preferida por Ele e por sua Mãe. [7] Glorificai aqui a Deus Pai e a seu Filho Nosso Senhor Jesus Cristo na unidade do Espírito Santo, com todo o vosso coração e com vozes de louvor e de acção de graças».

CAPÍTULO LXXXIV

Das graças que o Senhor concedeu em Santa Maria dos Anjos

[1] Santo é entre todos este lugar,
É, portanto, digno das maiores honras;
[2] Feliz é o seu apelido[32], mais feliz o seu nome[33],
O seu qualificativo[34] é penhor da sua missão.
[3] Aqui costumam vir os anjos,
Que enchem a noite de luz e de cânticos.
[4] Depois que caiu em ruínas, Francisco a reparou.
Esta foi uma das três igrejas que o próprio Pai reconstruiu;
[5] O pai a escolheu, quando domava os membros com um cilício;
Aqui sujeitou o seu corpo e forçou-o a submeter-se ao espírito.
[6] Neste templo nasceu a Ordem dos Menores
E uma multidão de homens seguiu o exemplo do Pai.
[7] Clara, esposa de Cristo, aqui se despojou das suas tranças;
Aqui deixou as pompas do mundo e seguiu a Cristo.
[8] Aqui a Santa Mãe gerou os frades e as senhoras,
E por eles deu de novo Cristo ao mundo.
[9] Aqui a via larga do mundo antigo foi tornada estreita,
E dilatada a coragem daqueles que foram chamados.
[10] Aqui foi composta a Regra, regenerada a santa pobreza,
A vaidade humilhada e a Cruz revelada no meio de todos.
[11] Se por vezes Francisco foi perturbado e abatido,
Neste lugar ficou tranquilizado e o seu espírito reconfortado;
[12] Aqui ficou demonstrada a verdade de que se duvidava,
E mais, é concedido o que o Pai mesmo pediu[35].

---

[32] Porciúncula.
[33] Santa Maria.
[34] Dos Anjos.
[35] Talvez alusão à indulgência da Porciúncula.

QUINTA PARTE

Do zelo de S. Francisco pela perfeição dos frades

CAPÍTULO LXXXV

Como S. Francisco descreveu o frade perfeito

[1] O bem-aventurado Francisco, tendo, de algum modo, transformado os frades em santos pela força do seu amor e pelo zelo ardente que tinha pela perfeição deles, muitas vezes ponderava sobre as qualidades e virtudes que deviam adornar um verdadeiro Frade Menor. [2] E dizia que seria verdadeiro Frade Menor aquele que reunisse nele as virtudes dos santos frades, a saber: [3] a fé de Fr. Bernardo, tão perfeita como o amor à pobreza; [4] a simplicidade e a pureza de Fr. Leão, que foi realmente um homem de coração puro; [5] a afabilidade de Fr. Ângelo, o primeiro cavaleiro a entrar na Ordem e que era adornado de grande mansidão e benignidade; [6] a presença distinta e o bom senso de Fr. Masseu, com a sua agradável e devota conversação; [7] a perfeitíssima contemplação de Fr. Gil, sempre com o espírito arrebatado em Deus; [8] a actividade constante e virtuosa de Fr. Rufino, que rezava incessantemente; [9] até a dormir e a trabalhar, o seu espírito estava com o Senhor; a paciência de Fr. Junípero, que atingiu um alto grau de perfeição, porque ele tinha plena consciência da evidente realidade da sua própria baixeza e um ardente desejo de imitar a Cristo Crucificado; [10] o vigor corporal e espiritual de Fr. João dos Louvores, que foi o maior atleta entre os homens do seu tempo; [11] a caridade de Fr. Rogério, cuja vida inteira e conversação eram inspiradas por uma fervorosa caridade; [12] enfim, a inquietação de Fr. Lucílio, que foi sempre uma pessoa de total desapego e não queria estar no mesmo lugar por mais de um mês. [13] Quando começava a afeiçoar-se a algum lugar, logo se afastava e dizia: «Morada permanente só a temos no céu».

CAPÍTULO LXXXVI

Como S. Francisco descrevia os olhares impudicos, a fim de levar os frades à castidade

[1] Depois da fundamental virtude da humildade, S. Francisco amava sobretudo a bela e pura castidade entre todas as virtudes que desejava ver em seus frades.

[2] Querendo ensinar os frades a serem castos no olhar, costumava descrever-lhes os olhares impudicos pela parábola seguinte: [3] Um rei devoto e poderoso enviou sucessivamente dois mensageiros à rainha. Voltou o primeiro e referiu simplesmente as palavras da rainha, sem nada dizer dela. Sabiamente guardara seus olhos na cabeça e não os tinha levantado para a rainha. [4] Voltou o segundo e, tendo entregue brevemente a sua mensagem, descreveu em pormenor a beleza da rainha: «Na verdade, Senhor, concluiu, vi a mulher mais bela que jamais me foi dado ver! Feliz o homem que a possui!»

[5] O rei disse-lhe: «Tu, servo mau, lançaste olhares lascivos para a minha mulher! É manifesto que secretamente desejaste possuir o que viste».

[6] Mandou chamar o primeiro mensageiro e perguntou-lhe: «Que pensas da rainha?» «O melhor possível, respondeu, porque me escutou de bom grado e pacientemente». [7] Tornou-lhe o rei: «Que pensas da sua beleza?» Respondeu aquele: «Senhor, a ti pertence ver e julgar; a mim somente entregar a mensagem».

[8] Então o rei proferiu esta sentença: «Tu tens olhares castos: entra nos meus aposentos, sê ainda mais casto de corpo e partilha os meus prazeres. Quanto ao servo impudico, saia do meu palácio, para que não venha a profanar o meu leito».

[9] E acrescentava S. Francisco: «Quem não temerá lançar um olhar para a esposa de Cristo?»

CAPÍTULO LXXXVII

Das três palavras que S. Francisco deixou aos frades para preservar a sua perfeição

[1] Um dia, querendo vomitar por causa do mal do estômago, fez um esforço tão violento que vomitou sangue por toda a noite até de manhã. [2] Os seus companheiros, pensando que ia morrer por causa da sua fraqueza e abatimento, disseram-lhe com a mais profunda dor e debulhados em copioso pranto: [3] «Pai, que vai ser de nós sem ti? Ao cuidado de quem confias os teus filhos órfãos? [4] Foste sempre para nós um pai e uma mãe, e tu nos geraste em Cristo. Tens sido o nosso pastor e guia, mestre e corrector, ensinando-nos e repreendendo-nos mais com o exemplo do que com as palavras. [5] Para onde iremos nós, ovelhas sem pastor, órfãos sem pai, homens ignorantes e simples, privados de quem nos conduza? Aonde iremos procurar-te, ó glória da pobreza, louvor da simplicidade e honra da nossa humilde natureza?

[6] Quem nos mostrará a nós, cegos, o caminho da verdade? Onde estará a boca que nos fale e a língua que nos aconselhe? [7] Onde estará a alma fervorosa que nos dirija para o caminho da Cruz e nos estimule à perfeição evangélica? Onde estarás tu, para recorrermos a ti, luz dos nossos olhos, para que te procuremos, consolador das nossas almas? [8] Tu, ó Pai, vais morrer? E vais-nos deixar abandonados, tristes e amargurados?

[9] Eis que se aproxima aquele dia, o dia das lágrimas e da amargura, o dia da desolação e da tristeza! Eis o dia amargo que sempre receámos ver desde que estamos contigo, dia em que nem sequer ousávamos pensar! [10] Não é para admirar, certamente, porque a tua vida tem sido uma constante luz para nós, e as tuas palavras tochas ardentes, que nos alumiam continuamente no caminho da cruz para a perfeição evangélica, para o amor e imitação do dulcíssimo Crucificado.

[11] Portanto, Pai, dá-nos ao menos a tua bênção, assim como aos outros irmãos, teus filhos, a quem geraste em Cristo, e deixa-nos algum memorial da tua vontade que os frades tenham sempre presente, e possam dizer: [12] "Eis as palavras que o nosso Pai deixou aos seus frades e filhos na sua morte"».

[13] Então o Pai amantíssimo dirigiu seus olhos paternais para seus filhos e disse-lhes: «Chamai o Fr. Bento de Piratro». Este frade era um sacerdote santo e discreto, que algumas vezes celebrava a Missa para S. Francisco, quando este se encontrava de cama; pois, por doente que estivesse, queria ouvir Missa, sempre que possível.

[14] Quando o frade chegou, S. Francisco disse-lhe: «Escreve que eu abençoo a todos os frades que vivem na Ordem e a todos os que nela entrarem até ao fim dos tempos. [15] Como não posso falar muito por causa da minha fraqueza e sofrimentos provocados pela minha doença, em três breves palavras quero manifestar a minha vontade e intenção a todos os frades presentes e vindouros. [16] Como sinal de que se lembram de mim, da minha bênção e da minha vontade, peço-lhes que se amem sempre uns aos outros, como eu sempre os tenho amado; que amem e respeitem a nossa senhora, a Pobreza, e se mostrem sempre fiéis e submissos aos prelados e clérigos da Santa Madre Igreja».

[17] No encerramento dos Capítulos, o nosso Pai tinha, com efeito, o costume de abençoar e absolver todos os frades da Ordem tanto presentes como futuros; e, no fervor da sua caridade, repetia frequentemente esta bênção, mesmo fora dos Capítulos. [18] Admoestava os frades a que temessem e evitassem os maus exemplos, e amaldiçoava todos aqueles que, com o seu mau comportamento, levavam os homens a falar da Ordem e da vida dos frades, pois os bons e santos frades muito se envergonhavam e mortificavam com semelhante procedimento.

CAPÍTULO LXXXVIII

Do amor que S. Francisco, próximo da morte, manifestou aos frades, dando a cada um um bocado de pão, como fizera Cristo

[1] Uma noite, S. Francisco foi tão incomodado pelos sofrimentos das suas doenças, que quase não pôde descansar nem dormir. [2] De manhã, sentindo-se um pouco aliviado das dores, mandou chamar todos os frades do lugar, fê-los sentar à sua frente e olhou-os como se eles representassem todos os frades.

[3] Impondo a mão direita sobre a cabeça de cada um, abençoou todos os frades da Ordem presentes, ausentes e futuros até ao fim dos tempos. [4] Parecia que sofria por não poder ver todos os seus frades e filhos antes da morte.

[5] Desejando imitar na morte o seu Senhor e Mestre, como O tinha imitado tão perfeitamente em vida, mandou trazer pães, abençoou-os, pediu para os partirem em bocados porque, pela sua extrema fraqueza, não podia fazê-lo ele mesmo. [6] Depois, pegando neles, ofereceu um pedaço a cada frade, mandando que o comesse todo.

[7] Assim como o Senhor quis tomar uma refeição com os apóstolos em Quinta-feira Santa antes da sua morte, em sinal do seu amor, assim também S. Francisco, perfeito imitador de Cristo, quis testemunhar aos seus frades o mesmo sinal de amor.

[7] É evidente que ele quis proceder assim para imitar a Cristo, porque depois perguntou se era quinta-feira. E, como então era outro dia, disse estar convencido de que era quinta-feira.

[9] Um dos frades presentes guardou um pedacinho de pão e, depois da morte de S. Francisco, muitos doentes que o provaram ficaram imediatamente libertos das suas enfermidades.

CAPÍTULO LXXXIX

Como S. Francisco receava que os frades sofressem algum incómodo por causa das suas doenças

[1] Como S. Francisco não podia repousar por causa das suas enfermidades e via que, em consequência delas, os frades andavam muito distraídos das suas ocupações e muito fatigados por sua causa, [2] e como amava mais as almas dos frades do que o seu próprio corpo, começou a temer que os seus constantes esforços para o servir os levassem a cometer ligeiras ofensas para com Deus, por impaciência.

[3] Por isso, com grande piedade e compaixão, disse um dia aos companheiros: «Caríssimos irmãos e filhos meus, não vos desgosteis do trabalho que vos dá a minha doença, [4] porque o Senhor vos compensará por mim, seu pequeno servo, neste mundo e no outro, de todos os frutos das vossas obras, que não podeis realizar agora

por causa do cuidado da minha doença. [5] Até alcançareis maiores méritos do que se trabalhásseis para vós, porque quem me ajuda engrandece toda a Ordem e a vida dos frades. [6] De facto, vós podeis dizer-me: "Por ti nos fatigamos e o Senhor será o nosso devedor em teu lugar"».

[7] Assim falava o Pai santo, com a intenção de sustentar e levantar os seus espíritos fracos, e movido pelo zelo que tinha pela perfeição das suas almas. [8] Temia, com efeito, que, por causa deste trabalho, fossem algumas vezes tentados a dizer: «Nós não podemos orar nem aguentar este trabalho», e assim, tornando-se enfadados e impacientes, perdessem a grande recompensa que podiam alcançar com aquele insignificante trabalho.

CAPÍTULO XC

Como S. Francisco exortou as Irmãs de Santa Clara

[1] Depois de S. Francisco compor os «Louvores do Senhor nas Suas Criaturas», escreveu também algumas santas palavras com canto, para consolação e edificação das Senhoras Pobres, sabendo quanto elas sofriam por causa da sua doença. [2] Não podendo visitá-las pessoalmente, mandou-lhes aquelas palavras pelos seus companheiros. [3] Quis assim manifestar-lhes a sua vontade, a saber: que deviam viver e comportar-se com humildade e ser unânimes na caridade. [4] Pois ele via que a sua conversão e santo procedimento eram uma fonte de glória não só para a Ordem dos Frades, como também para toda a Igreja.

[5] Mas sabendo que elas, desde o princípio da sua conversão, levavam uma vida muito severa e pobre, sentiu sempre a maior piedade e compaixão para com elas. [6] Assim, naquelas palavras pedia-lhes que, do mesmo modo que o Senhor as tinha congregado de todas as partes numa comunidade para viverem na santa caridade, na santa pobreza e na obediência, assim também elas deviam perseverar sempre nessas virtudes até à morte. [7] Exortava-as especialmente a que, com alegria e acção de graças, fizessem provisões, para os seus corpos, das esmolas que o Senhor lhes dava. [8] Recomendava-lhes acima de tudo que as Irmãs sãs fossem paci-

entes nos seus trabalhos para com as doentes, e estas suportassem corajosamente as suas enfermidades.

SEXTA PARTE

Do contínuo e ardente amor e piedade de S. Francisco pela Paixão de Cristo

CAPÍTULO XCI

Como S. Francisco não cuidava das suas enfermidades por amor à Paixão de Cristo

[1] Tão ardente era o amor e a compaixão de S. Francisco pelas dores e Paixão de Cristo, e tão profunda era a dor que diariamente sentia dentro de si, e fora de si, que não cuidava das suas próprias enfermidades. [2] Por conseguinte, ainda que sofresse, desde há longo tempo e até à hora da morte, do estômago, do fígado e do baço, [3] e não obstante as dores terríveis causadas pela vista desde o seu regresso de além-mar, nunca fez qualquer diligência para se curar.

[4] Em consequência disto, o senhor Bispo de Óstia, verificando quão duro ele tinha sido sempre para com o próprio corpo e, principalmente, que começava a perder a luz dos olhos porque não queria tratar-se, [5] admoestou-o com muita delicadeza e compaixão, dizendo-lhe: «Irmão, não fazes bem em recusar o tratamento, porque a tua vida e saúde são muito precisas aos frades, aos seculares e a toda a Igreja. [6] Pois, se tu te compadeceste sempre dos teus irmãos enfermos, não sejas agora cruel contigo no estado lamentável em que te encontras. Por isso, ordeno-te que procures o tratamento para os teus males».

[7] O nosso santíssimo Pai tinha sempre como doçura tudo o que era desagradável ao corpo, porque experimentava uma deleitação constante e sem limites em seguir a humildade e as pegadas do Filho de Deus.

CAPÍTULO XCII

Como S. Francisco foi encontrado a lamentar em alta voz a Paixão de Cristo quando ia de caminhada

[1] Pouco depois da sua conversão, quando caminhava sozinho não longe da ermida de Santa Maria da Porciúncula, soltava altos gritos e lamentações. [2] Um homem espiritual que o encontrou, temendo que ele sofresse de qualquer doença, perguntou-lhe: «Que tens tu, irmão?» [3] E S. Francisco respondeu: «Eu devia percorrer assim o mundo inteiro, sem vergonha, chorando a Paixão do meu Senhor». Então aquele homem começou a chorar com ele e a derramar copiosas lágrimas.

[4] Chegámos a conhecer este homem, e foi ele que nos referiu este facto. Prodigalizou sempre grande consolação e conforto a S. Francisco assim como a nós, seus companheiros.

CAPÍTULO XCIII

Como as recreações que por vezes S. Francisco se permitia terminavam em lágrimas de compaixão por Cristo

[1] Inebriado de amor e compaixão por Cristo, S. Francisco procedia por vezes assim: «A suavíssima melodia espiritual que brotava dentro dele jorrava frequentemente para o exterior e encontrava expressão na língua francesa, [2] e a poesia dos murmúrios divinos ouvidos por ele em segredo irrompia em cânticos de júbilo nesta mesma língua

[3] Outras vezes colhia do chão um pedaço de madeira e colocava-o sobre o braço esquerdo; com a mão direita pegava noutro pedaço à maneira de arco e passava-o e repassava-o sobre o primeiro, como se estivesse a tocar viola ou outro instrumento. [4] Fazendo os gestos apropriados, cantava em francês ao Senhor Jesus Cristo. [5] Toda esta jovialidade terminava em lágrimas, e a alegria convertia-se em compaixão pelos sofrimentos de Cristo. [6] Nessas ocasiões, arrancava do coração contínuos suspiros e, redobrando os seus gemidos, esquecia-se do instrumento que tinha nas mãos e ficava longo tempo arroubado em êxtase celestial.

SÉTIMA PARTE

Do zelo de S. Francisco pela oração e ofício divino e do seu desejo de preservar a alegria de espírito em si e nos outros

CAPÍTULO XCIV

Da oração e do ofício divino

[1] Ainda que durante muitos anos S. Francisco tenha sido importunado pelas doenças acima referidas, era tão devoto e fervoroso na oração e no ofício divino, que nunca se apoiava a uma parede ou encosto. [2] Mantinha-se sempre de pé, direito, de cabeça descoberta, por vezes de joelhos, não obstante passar a maior parte do dia e da noite em oração. [3] Além disso, quando andava pelo mundo a pé, interrompia a caminhada para recitar as horas canónicas. Se andava a cavalo por motivo de qualquer enfermidade, desmontava sempre para rezar o ofício.

[4] Um dia, chovia torrencialmente, enquanto ele ia a cavalo por causa do seu mal e necessidade permanente. [5] Desceu do cavalo e, apesar de já estar todo encharcado e continuar a chover com grande intensidade, começou a dizer as Horas, de pé, no meio do caminho, com tão grande fervor e dignidade como se estivesse na igreja ou na sua cela. [6] Disse ao companheiro: «Se o corpo quer comer em paz e sossego o seu alimento que, como ele, sustentará os vermes, com que paz e sossego, com que respeito e devoção deve a alma receber o seu alimento, que é o próprio Deus?»

CAPÍTULO XCV

Como S. Francisco sempre amou a alegria de espírito interior e exterior, tanto em si como nos outros

[1] S. Francisco pôs sempre particular empenho em possuir, fora da oração e do ofício divino, a alegria de espírito, tanto no interior como no exterior. [2] Era mesmo a virtude que ele mais gostava de ver nos seus irmãos, e repreendia-os muitas vezes, quando exteriorizavam a sua tristeza e acídia.

[3] Dizia, com efeito: «Se o servo de Deus procurar adquirir e conservar, interior e exteriormente, a alegria de espírito, que provém da pureza de coração e se obtém pelo exercício da oração devota, os demónios não poderão prejudicá-lo em nada e dirão: [4] "Não podemos encontrar meio de entrar nele e de lhe fazer mal, porque o servo de Deus conserva a alegria na tribulação e na prosperidade". [5] Mas os demónios exultam, quando descobrem meios que possam extinguir ou perturbar de qualquer modo a alegria e a devoção que provêm da verdadeira oração e de outras obras santas. [6] Porque, se o diabo conseguir ter algum poder no servo de Deus, em breve tempo fará de um cabelo uma trave que engrossa sempre, a não ser que se mostre sábio e solícito em destruí-lo e aniquilá-lo o mais cedo possível pelo poder da santa oração, da contrição, da confissão e da satisfação. [7] Portanto, irmãos, uma vez que esta alegria de espírito provém da limpidez do coração e da pureza da oração contínua, deveis aplicar-vos, antes de tudo, a adquirir e conservar estas duas virtudes, [8] para poderdes possuir no interior e no exterior esta mesma alegria que eu tanto desejo e gosto de ver em vós e em mim, e que edifica o próximo e confunde o inimigo. [9] A este e à sua cambada pertence estarem tristes; a nós alegrarmo--nos e exultarmos no Senhor».

CAPÍTULO XCVI

Como S. Francisco repreendeu um dos companheiros por mostrar o semblante triste

[1] S. Francisco dizia: «Eu sei que os demónios me invejam as mercês que o Senhor me faz, sei igualmente e vejo que intrigam e procuram meter na liça os meus companheiros, já que não podem fazer-me mal. [2] Mas, se não podem prejudicar-me directamente ou pelos meus companheiros, retiram-se em grande confusão. [3] Além disso, sempre que sou tentado ou abatido e considero a alegria do meu companheiro, volto imediatamente da tentação e do desânimo à alegria interior e exterior».

[4] Por isso, o Pai santo censurava duramente aqueles que mostravam tristeza exterior. Um dia, repreendeu um dos companheiros por se apresentar com o semblante triste, dizendo-lhe: [5] «Porque estampas no rosto a dor e a tristeza dos teus pecados? [6] Guarda a tristeza entre ti e Deus, e pede-lhe que te perdoe por sua misericórdia e restitua à tua alma a "alegria da sua salvação", que tu perdeste pelo teu pecado. [7] Na minha presença, porém, e na dos outros, esforça-te sempre por compor semblante alegre, porque não convém que o servo de Deus mostre ao seu irmão ou a outrem um rosto triste e perturbado».

[8] Mas não se pense que o nosso Pai, zelador da maturidade e gravidade religiosa, tenha pretendido que esta alegria se manifestasse por risos destemperados ou pela abundância de palavras jocosas, porque estas expressões exteriores não são sinais de alegria espiritual, mas antes de vaidade e fatuidade. [9] Outrossim, detestava particularmente o riso e todas as palavras inúteis no servo de Deus. Este não só não se devia rir, como nem sequer dar aos outros a mínima oportunidade para isso. [10] Por este motivo, definiu muito claramente numa das suas exortações, qual devia ser a alegria do servo de Deus, dizendo: «Bem-aventurado o religioso que não sente prazer e alegria a não ser nas palavras santíssimas do Senhor e com elas estimula os homens ao amor de Deus com toda a alegria. [11] Ai do religioso que se deleita com palavras jocosas e frívolas, e com elas provoca os homens ao riso».

[12] Pela alegria do rosto entendia o fervor e solicitude, a disposição e preparação do espírito e do corpo para fazerem de bom grado todo o bem, [13] porque este fervor e esta disposição algumas vezes incitam mais ao bem do que o próprio acto bom.

[14] Além disso, não queria ver a tristeza estampada no rosto, porque ela reflecte muitas vezes a indiferença, a má disposição do espírito e a preguiça do corpo para realizar as boas obras. [15] Apreciava principalmente em si e nos outros a gravidade e a serenidade do rosto, dos membros e dos sentidos, e, quanto de si dependia, procurava influenciar os outros com o seu exemplo. [16] Sabia por experiência que a gravidade e modéstia de costumes eram como um muro e escudo protectores contra as setas do diabo e que a alma, sem o seu apoio, é como um soldado inerme entre inimigos poderosos e bem armados, ardorosos e obstinados em lhe darem a morte.

CAPÍTULO XCVII

Como S. Francisco ensinava os frades a satisfazer as necessidades corporais sem perder o benefício da oração

[1] O Pai santíssimo, compreendendo que o corpo tinha sido criado para servir a alma, e que as acções corporais deviam ser realizadas em vista das espirituais, dizia: [2] «O servo de Deus deve dar satisfação razoável ao seu corpo no comer e beber, no dormir e nas outras necessidades, de tal modo que o irmão corpo não tenha motivo para murmurar, dizendo: [3] "Não posso estar de pé e continuar na oração, nem me alegrar nas minhas provações, nem fazer nenhuma obra boa, porque tu não provês às minhas necessidades".

[4] Se, pois, o servo de Deus satisfizer com discrição, de modo adequado e conveniente, as necessidades do corpo, e este se mostrar negligente, preguiçoso e sonolento na oração, nas vigílias e nas outras boas obras, [5] deverá castigá-lo como a besta má e estouvada, porque quer comer, mas recusa ser útil e transportar a sua carga. [6] Mas, se por causa da indigência e da pobreza, o irmão corpo não puder ver satisfeitas as suas necessidades na saúde ou na doença, ainda que tenha recorrido, [7] humilde e confiadamente por amor de Deus, ao seu irmão ou superior, deve suportar a necessi-

dade com paciência, por amor do Senhor, que suportou as mesmas carências e procurou quem O consolasse e não o encontrou. [8] Esta necessidade suportada com paciência ser-lhe-á imputada por Deus como um verdadeiro martírio. E, porque fez o que devia, isto é, porque pediu humildemente o que lhe era necessário, será ilibado de toda a responsabilidade, mesmo que, em consequência disso, recrudesça a doença do seu corpo».

OITAVA PARTE

De algumas tentações que o Senhor permitiu

CAPÍTULO XCVIII

Como o demónio entrou numa travesseira que S. Francisco tinha debaixo da cabeça

[1] Quando S. Francisco se encontrava no eremitério de Gréccio e estava em oração na última cela, por detrás da maior, sucedeu que uma noite, ainda no primeiro sono, chamou pelo seu companheiro, que descansava perto dele. [2] O irmão levantou-se e chegou à entrada da cela onde estava S. Francisco, que lhe disse. «Irmão, não pude conciliar o sono esta noite, nem manter-me de pé na oração, [3] porque me dói a cabeça e as pernas me tremem violentamente, como se tivesse comido pão de cizânia».

[4] Como o companheiro proferisse algumas palavras de compaixão, disse-lhe S. Francisco: «Tenho a certeza de que o diabo está metido na travesseira que tenho debaixo da cabeça».

[5] Desde que deixara o mundo, jamais quisera deitar-se num colchão de penas, nem ter travesseira similar. [6] Todavia, os frades obrigaram-no, contra sua vontade, a servir-se de uma travesseira de penas por causa da doença da vista. [7] Então S. Francisco passou-a ao companheiro, que a recebeu com a mão direita e a pôs sobre o ombro esquerdo. [8] Tendo transposto a porta da cela, imediatamente perdeu a fala e não podia largar a travesseira nem mover os braços. Mantinha-se de pé, incapaz de se mexer e privado do uso dos sentidos. [9] Estando nesta aflitiva situação por algum tempo, só voltou a si quando, pela graça de Deus, foi chamado por S. Francisco; então logo deixou cair a travesseira para detrás das costas.

[10] Aproximou-se de S. Francisco e contou-lhe tudo quanto lhe sucedera. O santo disse-lhe: «Quando à noite estava a rezar as Completas, senti que o diabo entrava na cela. [11] Vejo que ele é muito astuto, pois, já que não pode fazer mal à minha alma, procura impedir a satisfação das necessidades do meu corpo, não me

deixando dormir nem manter de pé, para me entregar à oração. [12] Pensa assim perturbar a minha piedade e a alegria do meu coração, e fazer-me murmurar da minha enfermidade».

CAPÍTULO XCIX

Da fortíssima tentação que São Francisco suportou por mais de dois anos

[1] Quando S. Francisco morava na ermida de Santa Maria, foi acometido de fortíssima tentação para proveito da sua alma. [2] Era tão atormentado no espírito e no corpo, que evitava muitas vezes a companhia dos frades, por não poder mostrar a sua alegria habitual. [3] Todavia, mortificava-se com a abstinência no comer, no beber e no falar; orava com mais assiduidade e derramava abundantes lágrimas, para que o Senhor se dignasse enviar-lhe um remédio eficaz em tão grave tribulação.

[4] Vendo-se apoquentado há mais de dois anos, um dia em que orava na igreja de Santa Maria, foi-lhe segredada aquela palavra do Evangelho: «Se tivesses fé como um grão de mostarda e dissesses àquele monte para se mudar para outro lugar, assim se faria[36]».

[5] S. Francisco perguntou-lhe imediatamente: «Senhor, que monte é esse?» E foi-lhe dito: «O monte é a tentação». Retorquiu S. Francisco: «Neste caso, Senhor, faça-se como disseste». Logo ficou tão perfeitamente serenado, que parecia nunca ter sofrido qualquer tentação.

[6] Do mesmo modo, quando recebeu em seu corpo os estigmas do Senhor na santa montanha do Alverne, sofreu dos demónios tantas e tais tentações, que não podia mostrar-se alegre como de costume. [7] Dizia, com efeito, ao seu companheiro: «Se os frades soubessem a mole de tormentos e aflições que os demónios me fazem sofrer, não haveria nenhum que não se movesse à compaixão e à piedade para comigo».

---

[36] Mt 17, 18-19.

CAPÍTULO C

Como S. Francisco foi atazanado pelos ratos e como o Senhor o confortou e lhe assegurou a posse do Seu reino

[1] Dois anos antes da sua morte, encontrando-se em São Damião numa pequena cela feita de esteiras, e sendo muito atormentado por causa da doença da vista, a ponto de não poder ver a luz do dia e nem mesmo a do fogo durante mais de cinquenta dias, [2] sucedeu que, por permissão divina, para acréscimo dos seus sofrimentos e dos seus méritos, a sua cela foi invadida por tal multidão de ratos que, dia e noite, correndo sobre ele e à volta dele, não o deixaram rezar nem descansar. [3] Além disso, quando tomava as refeições, subiam para cima da mesa e sobremaneira o atormentavam. Pelo que, tanto a ele como aos seus companheiros, se tornou evidente tratar-se duma tentação diabólica.

[4] Vendo-se atazanado com tantas provações, uma noite S. Francisco teve piedade de si mesmo e orou interiormente: «Senhor, olha para mim e ajuda-me nas minhas enfermidades, para que possa suportá-las com paciência».

[5] Logo ouviu dentro de si uma voz que lhe dizia: «Responde-me, irmão, se alguém pelas tuas doenças e provações te desse um tesouro tão grande [6] e valioso que toda a terra fosse ouro puro, as pedras todas preciosas e toda a água um bálsamo, não terias as tuas provações por nada, em comparação com este tesouro tão precioso? Não te sentirias em extremo feliz?» [7] S. Francisco respondeu: «Tal tesouro, Senhor, seria grande e muito precioso, muito agradável e desejável».

[8] De novo ouviu que lhe diziam: «Pois então, irmão, alegra-te e rejubila nas tuas enfermidades e tribulações. Quanto ao mais, fica tranquilo, como se já estivesses no meu reino».

[9] Levantando-se manhãzinha cedo, disse aos seus companheiros: «Se o Imperador concedesse um reino inteiro a um dos seus vassalos, não haveria motivo para ele se alegrar? Mas, se lhe desse todo o seu império, não deveria alegrar-se ainda mais?» [10] E acrescentou: «Devo, portanto, rejubilar muito com as minhas enfermidades e tribulações, encontrar a força no Senhor e dar sempre graças a Deus Pai, ao seu Filho único, o Senhor Jesus Cristo, e ao

Espírito Santo, [11] pela grande graça a mim concedida pelo Senhor, que se dignou assegurar-me o seu reino, a mim seu indigno servo, vivendo ainda na carne. [12] Por isso, para sua glória, nossa consolação e edificação do próximo, desejo compor um novo «Louvor das Criaturas do Senhor», de que nos servimos todos os dias, sem as quais não podemos viver e pelas quais o género humano ofende muito o Criador. [13] Constantemente somos ingratos por tantas graças e benefícios, não louvamos o Senhor, criador e dador de todos os bens, como é nossa obrigação».

[14] Sentando-se, meditou durante algum tempo. A seguir, disse: «Altíssimo, omnipotente e bom Senhor, etc.». Com estas palavras fez um cântico e ensinou-o aos companheiros para que o recitassem e cantassem.

[15] A sua alma encontrava-se então tão repassada de consolação e doçura que quis chamar Fr. Pacífico, que no mundo era conhecido como «príncipe dos poetas» e mestre de cantores na corte. [16] Desejava confiar-lhe alguns frades bons e espirituais para percorrerem com ele o mundo, pregando e cantando os louvores do Senhor. [17] Dizia que o melhor pregador dentre eles devia primeiro anunciar a palavra ao povo, e depois todos deviam cantar em coro os louvores do Senhor como jograis de Deus.

[18] Terminados os louvores, queria que o pregador dissesse ao povo: «Nós somos os jograis do Senhor; cantámos os seus louvores e a recompensa que queremos receber de vós é que vivais em verdadeira penitência». [19] Acrescentou: «Que são, com efeito, os servos de Deus, senão os seus jograis para mover os corações dos homens e levantá-los à alegria espiritual?» [20] Com estas palavras, referia-se particularmente aos Frades Menores, que foram dados ao povo de Deus para sua salvação.

NONA PARTE

Do espírito de profecia

CAPÍTULO CI

Como S. Francisco predisse que seria restabelecida a paz entre o Bispo e a autoridade civil de Assis por virtude dos «Louvores das Criaturas», que tinha composto e mandado cantar perante eles pelos seus companheiros

[1] Tendo S. Francisco composto e musicado os referidos «Louvores das Criaturas», a que chamava o «Cântico do Irmão Sol», surgiu uma desavença grave entre o Bispo e o governador de Assis, [2] de tal modo que o Bispo excomungou o governador e este, em revindicta, mandou proclamar que ninguém podia vender ou comprar o que quer que fosse ao Bispo, nem fazer qualquer contrato com ele.

[3] Encontrando-se doente e tomando conhecimento desta notícia, S. Francisco sentiu uma viva compaixão por eles, principalmente porque ninguém tomava a iniciativa de restaurar a paz entre eles. [4] Disse aos seus companheiros: «É uma grande vergonha para nós, servos de Deus, que o Bispo e o governador se odeiem deste modo e que ninguém procure harmonizá-los». [5] Logo acrescentou uma estrofe aos referidos «Louvores», dizendo:

[6] «Louvado sejas, meu Senhor,
Por aqueles que perdoam por Teu amor,
Sofrem enfermidades e tribulações!
Felizes aqueles que perseveram na paz,
Porque por Ti, Altíssimo, serão coroados».

[7] Depois chamou um dos seus companheiros, a quem disse: «Vai ao governador e diz-lhe, da minha parte, que venha à Praça do Bispado, com os notáveis da cidade e outros que possa trazer consigo».

[8] Quando aquele frade partiu, disse a dois outros companheiros: «Ide, e na presença do Bispo, do governador e de quantos estiverem com eles cantai o «Cântico do Irmão Sol». [9] Confio no Senhor que Ele sem demora tornará humildes os seus corações e fálos-á voltar à sua antiga amizade».

[10] Quando todos se reuniram na Praça do Bispado, levantaram-se aqueles dois frades e um deles disse: «O irmão Francisco compôs, durante a sua doença, os «Louvores do Senhor nas Suas Criaturas» para glória do mesmo Senhor e edificação dos homens. Por isso, ele pede-vos que os ouçais com grande devoção». E começaram a recitá-los e a cantá-los.

[11] Logo o governador se levantou, cruzou os braços e escutou-os atentamente, com a maior devoção e abundantes lágrimas, como se fosse o Evangelho do Senhor. Com efeito, tinha extrema confiança em S. Francisco e uma grande veneração por ele.

[12] Depois de terminados os «Louvores do Senhor», disse o governador na presença de todos: «Em verdade vos asseguro que perdoo ao Senhor Bispo, a quem quero e devo ter por meu senhor; perdoaria mesmo ao assassino de meu irmão ou de meu filho». [13] Dizendo isto, prostrou-se aos pés do Bispo e acrescentou: «Por amor de Nosso Senhor Jesus Cristo e de seu servo Francisco, estou pronto a dar-vos satisfação em tudo quanto for do vosso agrado». [14] O Bispo, amparando-o com as mãos, levantou-o e disse-lhe: «O meu cargo exige que eu seja humilde, mas, porque sou naturalmente inclinado à cólera, necessito do teu perdão». [15] E com muita benevolência e afeição se abraçaram e beijaram.

[16] Os frades ficaram atónitos e radiantes de alegria, quando verificaram que se tinha cumprido à letra a profecia de São Francisco sobre a reconciliação deles. [17] Todos os presentes consideraram grande milagre, que atribuíram inteiramente aos méritos de S. Francisco, o facto de o Senhor os ter transformado tão subitamente e de converter tão grave discórdia e escândalo em perfeita harmonia, sem guardarem a lembrança de alguma palavra injuriosa.

[18] Nós, que vivemos com S. Francisco, podemos atestar que, quando ele dizia: «Isto é assim» ou «será», sempre se cumpria à letra. [19] Nós vimos tantos e tantos exemplos que nos tomaria demasiado tempo escrevê-los ou contá-los.

CAPÍTULO CII

Como S. Francisco predisse a queda de um frade, que não queria confessar-se, a pretexto do silêncio

[1] Havia um frade, que exteriormente levava uma vida honesta e santa, e parecia entregar-se dia e noite à oração. [2] Observava um silêncio tão rigoroso que, quando se confessava a um sacerdote, o fazia por sinais somente e não por palavras.

[3] Parecia tão piedoso e fervoroso no amor de Deus que por vezes, quando estava sentado com os outros irmãos, manifestava, embora não falasse, uma tal alegria interior e exterior ao ouvir a sua edificante conversação, [4] que muitas vezes, com as suas atitudes, estimulava os outros frades à devoção.

[5] Como ele persistisse neste modo de vida por muitos anos, sucedeu que S. Francisco visitou o lugar onde ele vivia. [6] Tendo sabido do seu procedimento pelos frades, disse-lhes: «Sabei que é na verdade por tentação diabólica que não quer confessar-se».

[7] Entretanto o Ministro Geral veio ali para ver S. Francisco e começou a elogiá-lo perante o santo. Disse-lhe São Francisco: «Crê-me, irmão, este homem deixa-se arrastar e enganar pelo espírito maligno».

[8] O Ministro Geral respondeu-lhe: «Muito me admira, e quase me parece inacreditável que tal coisa se possa afirmar dum homem, que evidencia tantas provas de santidade e realiza tão boas acções». [9] Disse-lhe S. Francisco: «Irmão, põe-no à prova, diz-lhe que se confesse ao menos uma vez ou duas por semana. Se não te obedecer, saberás que é verdade o que te digo».

[10] O Ministro Geral ordenou, pois, àquele irmão: «Irmão, quero absolutamente que te confesses duas vezes por semana ou pelo menos uma». [11] O frade pôs os dedos nos lábios, sacudiu a cabeça e mostrou por sinais que não queria fazê-lo por amor do silêncio. Com receio de o escandalizar, o Ministro mandou que se retirasse.

[12] Não muitos dias depois, aquele frade saiu da Ordem por sua livre vontade e voltou ao mundo vestindo roupas seculares.

[13] Um dia, dois companheiros de S. Francisco iam de caminho e encontraram-no. Caminhava só, como um pobre peregrino. Cheios de compaixão, disseram-lhe: [14] «Desgraçado, que é que

aconteceu à vida santa e honesta que levavas? Recusavas falar e explicar-te aos teus irmãos, e agora vais vagueando pelo mundo como homem que nada conhece de Deus».

[15] Ele começou a falar-lhes, jurando muitas vezes «por minha fé», como o fazem as pessoas do mundo. Disseram-lhe: «Infeliz, porque juras por tua fé como os mundanos, tu que te guardavas tanto das palavras inúteis, como até das necessárias?»

[16] Assim o deixaram. Morreu pouco depois. E ficámos muito atónitos quando verificámos que era literalmente verdadeiro o que S. Francisco predissera acerca daquele miserável no tempo em que os frades o tinham na conta de santo.

CAPÍTULO CIII

Daquele que chorava diante de S. Francisco para ser admitido na Ordem

[1] No tempo em que ninguém era recebido na Ordem sem autorização de S. Francisco, o filho de um nobre de Lucca, com muitos outros que desejavam entrar na Ordem, foram ter com S. Francisco, que então se encontrava doente na palácio do Bispo de Assis.

[2] Quando se apresentou ao Santo, o jovem de Lucca inclinou-se diante dele e começou a chorar copiosamente, suplicando-lhe que o recebesse. [3] S. Francisco olhou para ele e disse-lhe: «Homem miserável e carnal, porque mentes tu ao Espírito Santo e a mim? As tuas lágrimas são carnais e não espirituais!»

[4] Ditas estas palavras, imediatamente os seus parentes, montados em cavalos, apareceram às portas do palácio para o apanhar e levar. Ouvindo os rinchos dos cavalos, olhou por uma janela e viu os seus parentes. Logo foi ter com eles e, como S. Francisco tinha previsto, voltou com eles para o mundo.

CAPÍTULO CIV

Da vinha do sacerdote que fora vindimada por causa de S. Francisco

[1] S. Francisco morava junto da igreja de S. Fabião, perto de Rieti, na companhia dum pobre sacerdote, por causa da doença da vista. [2] Na mesma ocasião encontrava-se na cidade o senhor Papa Honório com toda a Cúria. [3] Por este motivo, muitos cardeais e outros ilustres clérigos visitavam S. Francisco quase todos os dias, pela devoção que lhe tinham.

[4] Tinha aquela igreja uma pequena vinha contígua à casa em que residia S. Francisco. Na casa havia uma porta, pela qual entravam na vinha quase todos os que o visitavam. [5] As uvas estavam maduras e o lugar era muito ameno, pelo que toda a vinha foi devassada e quase totalmente vindimada.

[6] O sacerdote ficou indignado e disse: «Ainda que a vinha seja pequena, dava vinho suficiente para as minhas necessidades, mas este ano perdi toda a colheita».

[7] Quando S. Francisco tomou disto conhecimento, mandou chamá-lo e disse-lhe: «Senhor, não vale a pena apoquentar-vos, pois agora já não há remédio. [8] Mas tende confiança no Senhor, porque Ele poderá indemnizar-vos de todo o prejuízo por intermédio de mim, seu servidor. Dizei-me: quantas medidas de vinho colhestes nos melhores anos da vossa vinha?» [9] Respondeu o sacerdote: «Pai, 13 medidas». Tornou-lhe o santo: «Não vos lamenteis mais, nem digais palavras irreflectidas por causa do dano sofrido. [10] Tende confiança no Senhor e nas minhas palavras: se colherdes menos de 20 medidas de vinho, farei que recebais o que faltar».

[11] Desde então o sacerdote calou-se e ficou tranquilo. No tempo da vindima, obteve daquela vinha 20 medidas de vinho e nem uma a menos. O sacerdote ficou estupefacto e todos aqueles que deste facto tomaram conhecimento disseram que, se a vinha estivesse carregada de uvas, não poderia produzir 20 medidas de vinho.

[12] Nós, que vivemos com ele, atestamos que em todas as predições que fez, como nesta, sempre a sua palavra se cumpriu à letra.

CAPÍTULO CV

Dos cavaleiros de Perúsia que impediram S. Francisco de pregar

[1] Quando S. Francisco estava a pregar na praça de Perúsia, com grande afluência de pessoas, alguns cavaleiros da cidade começaram a galopar através da cidade, exercitando-se com as armas. [2] Com isto impediam-no de pregar e, apesar dos protestos da assistência, não desistiam.

[3] S. Francisco voltou-se para eles e disse-lhes com grande fervor de espírito: «Escutai e compreendei o que o Senhor vos anuncia por mim, seu pequeno servo, e não digais: "É um homem de Assis!" [4] (assim falava porque havia um velho ódio entre perusianos e assisienses). [5] E continuou: O Senhor elevou-vos acima dos outros povos vizinhos, pelo que deveis ter maior reconhecimento para com o vosso Criador, humilhando-vos mais, não somente diante do próprio Deus como também perante os vossos vizinhos. [6] Mas o vosso coração entumeceu de orgulho, atacastes os vossos vizinhos e matastes muitos deles. [7] Por isso, vos digo que, se não vos converterdes prontamente a Deus e não derdes satisfação àqueles que lesastes, o Senhor, que nada deixa impune, levantar-vos-á uns contra os outros, para vossa grande vingança, castigo e vergonha. [8] Sereis envoltos na revolta e na guerra civil e sofrereis maior dano do que aquele que poderiam infligir-vos os vossos vizinhos».

[9] Quando S. Francisco pregava, nunca passava em silêncio os vícios do povo, mas a todos atacava aberta e vigorosamente. [10] O Senhor dera-lhe tal graça, que todos aqueles que o viam e ouviam, fosse qual fosse o seu estado e condição, tanto o temiam e reverenciavam por causa da graça de Deus que possuía em abundância, que, [11] embora fossem severamente repreendidos por ele, ficavam sempre edificados com as suas palavras e convertiam-se ao Senhor ou arrependiam-se no seu íntimo.

[12] Alguns dias depois, por divina permissão, surgiu um tumulto entre os cavaleiros e o povo, que os expulsou da cidade. [13] Os cavaleiros, apoiados pelos clérigos, que estavam do seu lado, assolaram os campos, as vinhas, as árvores, e fizeram ao povo todo o

mal que lhes foi possível. [14] Do mesmo modo, o povo destruiu todos os bens dos cavaleiros e assim, em conformidade com as palavras de S. Francisco, uns e outros receberam o merecido castigo.

CAPÍTULO CVI

Como S. Francisco conheceu a secreta tentação e perturbação dum frade

[1] Um frade, homem espiritual e amigo de S. Francisco, tinha sofrido, durante muitos dias, formidáveis tentações diabólicas, a ponto de quase cair em profundo desespero. [2] Era tão atormentado todos os dias, que sentia vergonha de se confessar disso muitas vezes e, por esta razão, muito se mortificava com a abstinência, vigílias, lágrimas e disciplinas.

[3] Por vontade de Deus, Francisco foi àquele lugar e um dia, enquanto passeava com aquele frade, conheceu a sua perturbação e tentações, por iluminação do Espírito Santo.

[4] Afastando-se um pouco de outro frade que os acompanhava, aproximou-se do irmão atribulado e disse-lhe: «Caríssimo irmão, doravante não quero que te sintas obrigado a confessar as tentações do demónio. [5] Não te aflijas, porque nenhum mal fizeram à tua alma. Mas, com a minha aprovação, dirás sete vezes o «Pai-Nosso» todas as vezes que te sentires perturbado».

[6] Muito se regozijou o frade de ouvir dizer a S. Francisco que não estava obrigado a confessar aquelas tentações, porque isto sobremaneira o mortificava. [7] Todavia, não ficou menos admirado ao ver que S. Francisco tomara conhecimento daquilo que só podiam saber os sacerdotes a quem se tinha confessado.

[8] Pela graça e pelos méritos de São Francisco, o frade foi liberto daquela tribulação e, desde então, sentiu uma perfeita paz e tranquilidade de espírito. [9] Foi por esperar este resultado que o santo o dispensou, com toda a segurança, da confissão.

CAPÍTULO CVII

Das predições de S. Francisco a respeito de Fr. Bernardo e como se cumpriram totalmente

[1] Pouco antes da sua morte, tendo-lhe sido preparada uma iguaria saborosa, o santo Pai lembrou-se de Fr. Bernardo, que foi o primeiro a segui-lo. [2] Disse aos seus companheiros: «Este manjar é bom para Fr. Bernardo». Quando Fr. Bernardo chegou, sentou-se junto do leito onde S. Francisco estava deitado. [3] Disse Fr. Bernardo: «Pai, peço-te que me abençoes e mostres o teu amor, porque, se o fizeres, creio que o próprio Deus e todos os irmãos hão-de amar-me com maior intensidade».

[4] S. Francisco não podia vê-lo, porque já há muitos dias que tinha perdido a vista. Mas estendeu o braço direito e pôs a mão sobre a cabeça de Fr. Gil, que foi o terceiro frade, [5] julgando poisá-la sobre a cabeça de Fr. Bernardo, que estava sentado ao lado. Logo, iluminado pelo Espírito Santo, disse: «Esta não é a cabeça do meu Fr. Bernardo».

[6] Então este último aproximou-se mais e S. Francisco, pondo a mão sobre a sua cabeça, abençoou-o, dizendo a um dos companheiros: «Escreve como vou ditar:

[7] O primeiro frade que o Senhor me deu foi Fr. Bernardo, que, antes de todos, observou com toda a perfeição o Santo Evangelho, distribuindo todos os seus bens pelos pobres. [8] Por isto e por outros muitos méritos, cumpre-me amá-lo mais do que a qualquer outro irmão da Ordem. [9] Portanto, quero e mando, tanto quanto posso, que todo aquele que for Ministro Geral o ame e honre como a mim mesmo. [10] Os Ministros e todos os frades da Ordem o venerem como a quem faz as minhas vezes». [11] Fr. Bernardo e os outros frades presentes sentiram-se muito reconfortados com estas palavras.

[12] Conhecendo S. Francisco a sublime perfeição de Fr. Bernardo, profetizou a seu respeito, na presença de alguns frades, dizendo: [13] «Foram enviados a Fr. Bernardo, para o exercitar na virtude, alguns dos mais potentes e ardilosos demónios, que lhe causarão muitas tribulações e tentações. [14] Mas, perto do seu fim, o misericordioso Senhor tirar-lhe-á toda a tribulação e tentação, e

derramará tão suave paz e consolação no seu espírito e no seu corpo, que todos os frades que isto virem ficarão maravilhados e terão este facto na conta de grande milagre. Partirá para o Senhor na paz e consolação de alma e corpo».

[15] Todas estas predições, que os frades ouviram da boca de S. Francisco com grande admiração, cumpriram-se depois à letra em Fr. Bernardo. [16] Com efeito, este frade, na doença que o levou à morte, sentia tão grande paz e consolação de espírito que não queria deitar-se. [17] Se o fazia, ficava quase em posição de sentado, para que nem sequer o mais ligeiro torpor, proveniente do sono ou da imaginação, lhe paralisasse o espírito e o impedisse de meditar em Deus. [18] Quando por vezes isto acontecia, levantava-se imediatamente e batia em si mesmo, dizendo: «Que foi isto? Porque é que pensei nisto?» Nem sequer queria receber medicamentos, e dizia ao frade que lhos trazia: «Não me incomodes!»

[19] Para morrer com maior liberdade e paz, Fr. Bernardo confiou o cuidado do seu corpo a um frade que era médico, dizendo-lhe: «Não quero ter nenhum cuidado com o comer e beber, mas a ti me confio. Se me deres alguma coisa, tomá-la-ei; se não ma deres, não a pedirei».

[20] Desde que começou a ficar doente, quis ter sempre junto de si um sacerdote, até à hora da morte. Quando se lembrava de alguma coisa que lhe pesava na consciência, logo a confessava.

[21] Depois da sua morte, o corpo ficou branco e a carne flexível, e parecia sorrir. Era mais belo depois de morto do que vivo, e todos se compraziam mais em vê-lo depois da morte do que em vida, porque parecia um santo de rosto sorridente.

CAPÍTULO CVIII

Como, um pouco antes de morrer, S. Francisco mandou dizer à irmã Clara que ela o veria; e como isto aconteceu depois da sua morte

[1] Na semana em que S. Francisco morreu, a Senhora Clara, primeira plantazinha das irmãs pobres de S. Damião de Assis e a primeira émula do santo na observância da perfeição evangélica, temia morrer antes dele, porque ambos estavam gravemente doen-

tes. [2] Chorava amargamente e não podia consolar-se, porque julgava que não lhe seria dado ver, antes da morte, o seu único Pai, depois de Deus, Francisco, seu consolador, seu mestre e seu primeiro fundamento na vida da graça de Deus.

[3] Por intermédio dum frade deu a conhecer os seus receios a S. Francisco. Quando este o soube, foi tocado de compaixão para com ela, porque a amava com singular e paternal afeição. [4] Mas, considerando que não podia satisfazer o seu desejo de o ver, escreveu-lhe uma carta para sua consolação e de todas as irmãs, [5] mandou-lhe a sua bênção e absolvição de todas as faltas que pudesse ter cometido contra as suas exortações e contra os mandamentos e conselhos do Filho de Deus.

[6] Para que ela depusesse toda a tristeza, guiado pelo Espírito Santo, disse àquele frade por ela enviado: «Vai dizer à Senhora Clara que ponha de lado toda a tristeza e pena de não poder ver-me agora, [7] e saiba, na verdade, que, antes da sua morte, ela e suas irmãs hão-de ver-me e receber de mim grande consolação».

[8] Pouco depois, quando S. Francisco morreu de noite, todo o povo e clero de Assis [9] vieram de manhã para levar o seu santo corpo do lugar onde falecera, e todos cantavam hinos de louvor. [10] Levando ramos de árvores, por vontade do Senhor transportaram-no para S. Damião, para consolação das suas filhas e servas, cumprindo-se assim a palavra que o Senhor dissera por intermédio de S. Francisco.

[11] Tendo removido a grade de ferro, através da qual as Irmãs costumavam comungar e ouvir a palavra de Deus, os irmãos levantaram o santo corpo do esquife e sustentaram-no nos braços, à janela, durante bastante tempo. [12] A Senhora Clara e suas Irmãs ficaram muito reconfortadas, não obstante estarem mergulhadas em profunda dor e com os olhos marejados de lágrimas, por se verem privadas das consolações e exortações de Pai tão santo.

CAPÍTULO CIX

Como S. Francisco predisse que o seu corpo seria honrado depois da morte

[1] Certo dia, quando S. Francisco se encontrava de cama no palácio do Bispo de Assis, um frade muito espiritual disse-lhe a modos de gracejo, sorrindo: «Por quanto venderias tu ao Senhor os teus vestidos de saco? [2] Pois tecidos preciosos e estofos de seda cobrirão um dia este teu pequeno corpo, que está coberto de sacos». Com efeito, naquela ocasião trazia um capuz feito de saco e uma túnica do mesmo pano. S. Francisco, ou antes o Espírito Santo por ele, [3] respondeu-lhe com grande fervor e alegria de espírito. «O que dizes é verdade, pois assim será para louvor e glória do meu Senhor».

DÉCIMA PARTE

Como a Divina Providência acudiu às necessidades materiais de S. Francisco

CAPÍTULO CX

Como o Senhor proveu os frades que partilhavam a sua frugal refeição com um médico

[1] Encontrando-se S. Francisco no eremitério de Fonte Colombo, perto de Rieti, foi um dia visitado por um médico, por causa da doença da vista. [2] Quando, pouco depois, o médico estava para se retirar, disse S. Francisco a um dos seus companheiros: «Vai dar ao médico uma refeição melhorada». [3] O companheiro respondeu-lhe: «Pai, custa-nos confessar que neste momento nos encontramos tão pobres, que temos vergonha de convidar o médico para a nossa mesa».

[4] S. Francisco disse aos seus companheiros: «Homens de pouca fé, não me obrigueis a repetir o que vos disse». O médico comentou para S. Francisco: «Irmão, já que os frades são assim tão pobres, de bom grado quero tomar a refeição com eles». [5] Ora este médico era muito rico e, embora S. Francisco e os seus companheiros o tivessem convidado muitas vezes para comer, nunca se dignara aceitar qualquer convite.

[6] Os frades foram, pois, preparar a mesa, e com vergonha puseram em cima um pouco de pão e vinho com os legumes que tinham preparado para eles mesmos. [7] Quando se sentavam à mesa e começavam a comer, bateram à porta. Um frade levantou-se e foi abri-la. [8] Então, viu-se uma mulher que trazia uma grande cesta bem acogulada de belos pães, peixe, bolinhos de caranguejo, mel e uvas frescas, presente enviado a S. Francisco por uma senhora dum castelo distante dali quase sete milhas.

[9] À vista disto, os frades e o médico ficaram muito admirados e cheios de alegria; considerando a santidade de S. Francisco, tudo atribuíram aos seus méritos. [10] Disse o médico aos frades: «Meus irmãos, nem vós nem eu somos capazes de avaliar como devíamos a extraordinária virtude deste homem».

CAPÍTULO CXI

Do peixe por que S. Francisco suspirou na sua doença

[1] Noutra ocasião, encontrando-se gravemente doente no palácio do Bispo de Assis, os frades suplicaram-lhe que tomasse algum alimento. S. Francisco respondeu: «Não tenho vontade de comer; mas, se pudesse ter à mão um peixe chamado esqualo, talvez comesse um pouco».

[2] Apenas proferiu estas palavras, apareceu um homem que trazia uma cesta com três grandes esqualos bem preparados e bolinhos de caranguejo, que o Pai santo muito apreciava. Este presente era-lhe enviado por Fr. Gerardo, Ministro em Rieti.

[3] Os frades ficaram maravilhados com a Divina Providência e louvaram o Senhor, que tinha provido o seu servo do que era impossível obter em Assis durante o inverno.

CAPÍTULO CXII

Do manjar e do tecido que S. Francisco desejava ter à sua morte

[1] Encontrando-se S. Francisco em Santa Maria dos Anjos suportando a última doença, um dia chamou os companheiros e disse-lhes: «Vós sabeis como a senhora Jacoba de Settesoli tem sido sempre fiel e devotada a mim e à nossa Ordem. [2] Estou certo de que ela haverá por especial graça e consolação se a informardes do meu estado, e particularmente se lhe disserdes para me enviar algum pano cor de cinza e um pouco daquele doce que em Roma tantas vezes me preparou». [3] A esta guloseima chamam os romanos *mostaccioli* e é feita de amêndoas, açúcar e outros ingredientes.

[4] Esta senhora, já viúva, era muito religiosa e pertencia a uma das mais nobres e ricas famílias de Roma. Pelo mérito e pregação de S. Francisco tinha recebido tão grande graça do Senhor, que parecia outra Madalena, debulhada em lágrimas e ardendo devotamente em amor e ternura por Cristo.

[5] Escreveram, pois, a carta, e um dos frades andava à procura de alguém que a levasse à referida senhora, quando bateram à porta. [6] Um frade foi abri-la e viu a senhora Jacoba, que chegava apressadamente a visitar S. Francisco.

[7] Tendo-a reconhecido, o frade foi ter imediatamente com S. Francisco e, com grande alegria, anunciou-lhe que a senhora Jacoba acabava de chegar de Roma com o seu filho e muitas outras pessoas para o visitarem. [8] E perguntou-lhe: «Que vamos fazer, Pai? Deixamo-la entrar e vir junto de ti?»

[9] Fez estas perguntas, porque havia estatuto feito por S. Francisco, segundo o qual, pela honestidade e recolhimento daquele lugar, nenhuma mulher podia entrar na clausura. [10] S. Francisco respondeu-lhe: «Esta lei não pode ter aplicação no caso desta senhora, que veio de tão longe com tanta fé e devoção».

[11] A senhora Jacoba entrou, pois, junto de S. Francisco e começou a chorar copiosamente. E coisa admirável! Trazia um bocado de pano mortuário, isto é, de côr de cinza, para um hábito e tudo quanto era mencionado na carta, como se a tivera recebido.

[12] Ela disse aos frades: «Meus irmãos, quando estava em oração, foi-me dito em espírito: "Vai visitar a teu Pai Francisco; apressa-te, não te demores, senão já não o encontrarás vivo. Leva-lhe tal qualidade de pano para um hábito e tais e tais coisas para lhe fazeres uma guloseima. [13] Leva igualmente contigo uma grande quantidade de cera para velas e também incenso"». Tudo isto constava da carta que devia ser enviada, excepto o incenso.

[14] Assim, Aquele que inspirou os Reis Magos a partirem com presentes para honrar o Seu Filho nos dias do Seu Nascimento, inspirou também uma nobre e santa senhora a vir com ofertas para honrar o Seu muito amado servidor nos dias da sua morte, ou antes, do seu verdadeiro nascimento.

[15] Aquela senhora preparou o doce que o santo tanto desejava comer, mas ele apenas o provou, porque, definhava continuamente e aproximava-se da morte. [16] Mandou também fazer muitos círios

para arderem depois da morte na presença do seu santo corpo. [17] Com o pano os frades fizeram-lhe um hábito, com que foi sepultado. [18] Ele, próprio deu ordem aos frades para coserem pano de saco por cima do hábito, como sinal e exemplo da santíssima humildade e da Senhora Pobreza. E, naquela semana em que chegou a senhora Jacoba, partiu o nosso Santo Pai para o Senhor.

UNDÉCIMA PARTE

Do amor de S. Francisco pelas criaturas e das criaturas por ele

CAPÍTULO CXIII

Do especial amor que teve às aves chamadas cotovias de capuz, porque elas são a figura do bom religioso

[1] Totalmente absorto no amor de Deus, S. Francisco vislumbrava perfeitamente a bondade divina não só no interior da sua alma já adornada da perfeição das virtudes, mas também em todas as criaturas, [2] a que ele devotava um singular e entranhado amor, principalmente àquelas nas quais via a representação de alguma coisa referente a Deus ou à religião.

[3] Entre todas as aves, amava particularmente a pequena cotovia, vulgarmente chamada cotovia de capuz. [4] Dizia dela: «A irmã cotovia tem capuz como um religioso, é uma ave humilde, pois percorre de bom grado o caminho à procura de algum grão e, mesmo que o encontre no lixo, tira-o e come-o. [5] No seu voo canta muito suavemente os louvores do Senhor, como os bons religiosos, que desprezam as coisas terrenas e cujas mentes se concentram nas coisas do céu, e cuja finalidade constante é o louvor de Deus.

[6] O seu vestido, isto é, a sua plumagem, assemelha-se à terra, dá exemplo aos religiosos, a fim de não usarem vestidos finos e coloridos, mas hábitos de baixo preço e de cor semelhante à terra, que é o mais humilde dos elementos».

[7] Porque via tudo isto nelas, contemplava-as com grande prazer. Por isso, aprouve ao Senhor que estas avezinhas lhe mostrassem algum sinal de afeição na hora da sua morte. [8] No sábado à tarde, depois de Vésperas, antes da noite em que partiu para o Senhor, um grande bando de cotovias reuniu-se no tecto da casa em que se encontrava. [9] Pondo-se a esvoaçar à volta, faziam círculo

em redor do telhado e, cantando suavemente, pareciam louvar o Senhor.

CAPÍTULO CXIV

Como S. Francisco queria persuadir o Imperador a publicar uma lei decretando que os homens, no dia de Natal do Senhor, alimentassem generosamente as aves, os bois, os burros e os pobres

[1] Nós, que vivemos com S. Francisco e escrevemos sobre estes acontecimentos, testemunhamos que muitas vezes o ouvimos dizer: «Se eu puder falar ao Imperador, suplicar-lhe-ei e tentarei convencê-lo a que, por amor de Deus e de mim, publique uma lei especial, decretando que nenhum homem capture ou mate as nossas irmãs cotovias ou lhes faça algum mal. [2] Igualmente, que todas as autoridades das cidades e das aldeias e os senhores dos castelos obriguem, em cada ano, no dia do Natal do Senhor, os homens a espalhar trigo e outros grãos pelos caminhos, para que as irmãs cotovias e mesmo outras aves tenham de comer em tal Solenidade. [3] E, por respeito para com o Filho de Deus que nesta noite a Santíssima Virgem Maria colocou na manjedoura entre um boi e um burro, quem tiver destes animais deverá provê-los abundantemente da melhor forragem, nessa noite. [4] Do mesmo modo, no dia de Natal, os ricos deveriam saciar os pobres com ricos e saborosos manjares».

[5] Pois S. Francisco tinha mais profunda veneração pelo Natal do Senhor do que por qualquer outra Solenidade e dizia: «Depois que o Senhor nasceu para nós, devemos assegurar a salvação». Por isso, queria que nesse dia os cristãos se alegrassem no Senhor e que, por amor d'Aquele que se entregou por nós, todos provessem com largueza não somente os pobres, mas também os animais e as aves.

CAPÍTULO CXV

Do amor de S. Francisco pelo fogo e como este lhe obedeceu quando foi cauterizado

[1] Tendo S. Francisco vindo ao eremitério de Fonte Colombo, perto de Rieti, para se tratar da doença da vista, como lhe tinha sido ordenado, em nome da obediência, pelo senhor Bispo de Óstia e pelo Ministro Geral, Fr. Elias, um dia o médico veio vê-lo.

[2] Depois de o ter examinado, disse a S. Francisco que desejava aplicar-lhe um cautério desde o maxilar até à sobrancelha do olho que estava mais doente. [3] Mas S. Francisco não quis que a operação começasse antes da chegada de Fr. Elias, que tinha expressado o desejo de estar presente, quando o médico iniciasse o tratamento. [4] Também, porque estava com receio e lhe custava que se tivesse tanto cuidado consigo, queria que o Ministro Geral assumisse toda a responsabilidade.

[5] Depois de ter esperado muito tempo em vão, porque Fr. Elias estava assoberbado com muitos trabalhos, permitiu finalmente ao médico que lhe fizesse o tratamento. [6] Quando o ferro foi posto no fogo para aplicação do cautério, S. Francisco, querendo animar-se contra o medo, falou ao fogo nestes termos: [7] «Meu irmão fogo, que és nobre e útil entre todas as criaturas, sê-me propício nesta hora, porque sempre te amei e continuarei a amar-te com o amor d'Aquele que te criou. [8] Ao nosso Criador eu suplico que tempere o teu calor, para que possa suportá-lo». Terminando a oração, benzeu o fogo com o sinal da cruz.

[9] Nós que estávamos com ele retirámo-nos por amor e compaixão, ficando apenas o médico. [10] Feito o cautério, voltámos para junto dele, e disse-nos: «Homens pusilânimes e de coração pequeno, porque fugistes? Em verdade vos digo que não senti a mais pequena dor, nem mesmo o calor do fogo. Além disso, se a cauterização não foi bem feita, faça-se outra melhor».

[11] O médico ficou muito admirado e disse: «Meus irmãos, receava que Francisco, que é débil e doente, não pudesse suportar tão forte cautério, que até num homem são e robusto é para temer. Mas ele nem pestanejou, nem mostrou o mais leve sinal de dor».

[12] Foi necessário cauterizar todas as veias desde o ouvido à sobrancelha, mas isto não lhe serviu de nada. Igualmente outro médico perfurou-lhe as duas orelhas com um ferro em brasa, mas sem qualquer resultado positivo.

[13] Não cause surpresa se por vezes o fogo e outras criaturas lhe obedeciam e o respeitavam. [14] Nós, que vivemos com ele, vimos muitas vezes que ele se afeiçoava tanto a elas, tanto nelas se regozijava e por elas o seu espírito era movido de tal piedade e compaixão, que não consentia que fossem tratadas sem respeito. [15] Falava-lhes com alegria interior e exterior, como se fossem dotadas de razão, e muitas vezes ofereciam-lhe a ocasião de ser arrebatado em êxtase.

CAPÍTULO CXVI

Como S. Francisco não quis apagar nem permitiu que se apagasse o fogo que queimava as suas bragas

[1] Dentre as criaturas inferiores e insensíveis, dedicava singular afeição ao fogo por causa da sua beleza e utilidade. Eis porque nunca quis que se o impedisse de cumprir a sua função natural.

[2] Um dia em que ele estava assentado ao lume, sem que ele se apercebesse, o fogo pegou-se às suas bragas de linho junto do joelho. Quando sentiu o calor do fogo, não quis apagá-lo. [3] Vendo as suas vestes a arder, um seu companheiro precipitou-se para o apagar. Ele não consentiu, dizendo-lhe: «Irmão caríssimo, não faças mal ao irmão fogo». E não quis que o irmão o apagasse.

[4] Ele correu para o irmão guardião e levou-o a S. Francisco. Imediatamente o guardião apagou o fogo, contra a vontade de S. Francisco. [5] Desde então, foi movido de tal piedade para com ele que, não obstante qualquer necessidade urgente, nunca quis apagar um fogo ou uma lâmpada ou uma vela.

[6] Não queria mesmo que os frades levassem fogo ou lenho fumegante dum lugar para outro, como costuma fazer-se muitas vezes, mas que deviam pô-lo simplesmente sobre a terra, por respeito para com Aquele de quem ele é criatura.

CAPÍTULO CXVII

Como S. Francisco não quis trazer uma pele por não ter permitido que ela ardesse

[1] Quando S. Francisco passava a quaresma no Monte Alverne, um dia, à hora da refeição, um seu companheiro acendeu o lume na cela onde o santo comia. [2] Depois de aceso, dirigiu-se à outra cela, onde S. Francisco estava a rezar, levando consigo o Missal para lhe ler o Evangelho desse dia. [3] Com efeito, quando não podia ouvir Missa, queria que lhe lessem sempre o Evangelho da Missa do dia, antes de tomar a refeição.

[4] Quando chegou à cela onde estava preparado o fogo, já as chamas tinham atingido o tecto e tudo devoravam. Conforme pôde, o companheiro tentou apagar o fogo, mas sozinho não foi capaz de o fazer. [5] S. Francisco não quis ajudá-lo, mas pegou numa pele, com que se cobria durante a noite, e saiu para a floresta.

Quando os outros frades, que moravam a alguma distância, notaram que a cela ardia, acorreram a toda a pressa e apagaram o fogo. [6] Algum tempo depois, S. Francisco voltou para tomar a refeição. Apenas terminada, disse ao companheiro: «Não quero usar mais esta pele, porque, por avareza, não deixei que o irmão fogo a consumisse».

CAPÍTULO CXVIII

Do singular amor de S. Francisco pela água, pedras, árvores e flores

[1] Depois do fogo, S. Francisco amava particularmente a água, porque simboliza a penitência e as tribulações em que se lavam as imundícias da alma; e porque a primeira ablução da alma se faz pela água do baptismo. [2] Por isso, quando lavava as mãos, tinha sempre o cuidado de escolher lugar apropriado, de modo que não fosse calcada aos pés a água entornada. Até quando era preciso pisar as rochas, o fazia sempre com grande temor e respeito, por amor d'Aquele que é chamado «a Pedra». [3] Por isso, quando recitava o versículo do salmo: «Sobre a rocha me exaltaste», acres-

centava com grande respeito e humildade: «Mais baixo que os pés da pedra tu me abaixaste».

[4] Também costumava recomendar ao irmão que cortava e preparava a lenha para o lume, que nunca cortasse uma árvore inteira, mas que deixasse sempre alguma parte intacta, por amor d'Aquele que, no lenho da Cruz, nos quis dar a salvação.

[5] Igualmente, recomendava ao hortelão que não ocupasse todo o terreno com ervas comestíveis; mas que deixasse parte a ervas vicejantes que, a seu tempo, dessem flores aos irmãos, por amor d'Aquele que é chamado «a Flor dos campos e o Lírio dos vales».

[6] Por isso, dizia que o hortelão devia fazer sempre um belo canteiro, em qualquer parte da horta, plantado de todas as ervas odoríferas e de todas as plantas que produzem belas flores, a fim de que, a seu tempo, [7] convidem ao louvor de Deus os homens que virem aquelas ervas e aquelas flores. [8] Com efeito, toda a criatura proclama: «Deus fez-me para ti, ó homem!»

[9] Por isso, nós que estivemos e convivemos com ele vimo-lo alegrar-se interior e exteriormente em quase todas as criaturas, e isto a tal ponto que, vendo-as ou tocando-as, o seu espírito não parecia estar na terra, mas no céu. [10] Por causa do grande conforto que tinha recebido e continuava a receber das criaturas, um pouco antes da sua morte compôs os «Louvores do Senhor nas Suas Criaturas», [11] para estimular os corações dos ouvintes ao louvor de Deus e para que o próprio Senhor fosse louvado pelos homens nas Suas criaturas.

CAPÍTULO CXIX

Como S. Francisco louvava o sol e o fogo acima das outras criaturas

[1] Dentre as criaturas privadas de razão, S. Francisco tinha singular predilecção pelo sol e pelo fogo. Com efeito, dizia: «Pela manhã, quando o sol se eleva, todos os homens deveriam louvar a Deus, que o criou para nosso contentamento, pois é por ele que nossos olhos vêem a luz do dia. [2] À tarde, quando a noite desce, todos os homens deveriam louvar o Senhor pelo irmão fogo, porquanto é por meio dele que nossos olhos vêem claro nas trevas,

tanto é verdade que somos todos como os cegos, e que é o Senhor que ilumina nossos olhos por intermédio destes dois irmãos. [3] Por isso, devemos louvar o nosso Criador, particularmente por causa deles e das outras criaturas de que nos servimos todos os dias.

[4] Foi o que S. Francisco fez até ao dia da sua morte. Além disso, quando caiu mais gravemente doente, começou a cantar os «Louvores do Senhor nas Suas Criaturas», que ele tinha composto. [5] Depois, mandava-os cantar pelos seus companheiros, para que, ao pensamento dos louvores do Senhor, esquecessem a dureza dos seus sofrimentos e enfermidades.

[6] Porque considerava e dizia que o Sol é a mais bela de todas as criaturas e a que maior semelhança tem com Deus, pois que na Escritura é chamado «sol da justiça», [7] ao escolher um título para os «Louvores» que fez sobre as criaturas, quando o Senhor lhe deu a garantia de possuir o seu Reino, deu-lhes o nome de «CÂNTICO DO IRMÃO SOL».

CAPÍTULO CXX

Este é o «Louvor das Criaturas» que o santo compôs, quando o Senhor lhe assegurou a posse do Seu Reino

[1] «Altíssimo, Omnipotente e bom Senhor,
A Ti o louvor, a glória, a honra e toda a bênção,
A Ti só, Senhor Altíssimo, convém
E nenhum homem é digno de pronunciar Teu nome.

[2] Louvado sejas, meu Senhor, com todas as Tuas criaturas
E especialmente o senhor irmão Sol,
Que faz o dia e por quem nos alumias!
E que é belo e irradia com grande esplendor.
De Ti, Senhor Altíssimo, dá significação.

[3] Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã Lua e estrelas
Que no céu acendeste, claras, preciosas e belas!

[4] Louvado sejas, meu Senhor, por nosso irmão vento,
Pelo ar e pelas nuvens, pelo sereno e todo o tempo,
Por quem a Tuas criaturas dás o sustento.

[5] Louvado sejas, meu Senhor, por nossa irmã a água,
Tão útil e humilde e preciosa e casta!

[6] Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão fogo,
Por quem Tu iluminas a noite;
Ele é belo e jucundo e corajoso e forte.

[7] Louvado sejas, meu Senhor, por nossa irmã a madre terra
Que nos sustenta e governa
E produz variados frutos e ervas e coloridas flores.

[8] Louvado sejas, meu Senhor, pelos que perdoam
Por Teu amor e suportam enfermidades e tribulações.
Bem-aventurados os que as sofrem em paz,
Pois por Ti, Altíssimo, serão coroados.

[9] Louvado sejas, meu Senhor, pela nossa irmã a morte corporal,
De quem nenhum vivente pode escapar.
Ai de quem morrer em pecado mortal!
Bendito o que estiver em Tua santíssima vontade,
Porque a morte segunda lhe não fará mal.

[10] Louvai e bendizei o meu Senhor e rendei-lhe graças,
E, todos, servi-O com grande humildade».

DUODÉCIMA PARTE

Da morte de S. Francisco e da alegria que sentiu, quando soube ao certo que a sua morte estava próxima

CAPÍTULO CXXI

Como S. Francisco respondeu a Fr. Elias, que o censurava pela sua alegria

[1] Quando se encontrava doente de cama no palácio do Bispo de Assis e a mão do Senhor parecia pesar mais duramente sobre ele do que de costume, o povo de Assis receou que, se ele morresse de noite, os frades se apoderassem do seu santo corpo e o levassem para outra cidade. [2] Por isso, decidiram postar de noite guardas à volta dos muros do palácio.

[3] Para confortar a sua alma e impedir o desfalecimento durante os violentos ataques de dor que constantemente o atormentavam, o pai santíssimo pedia aos seus companheiros para cantarem os «Louvores do Senhor» muitas vezes durante o dia; [4] também o fazia à noite para edificar e consolar os seculares que, por sua causa, vigiavam fora do palácio.

[5] Fr. Elias, vendo que S. Francisco se confortava e alegrava assim no Senhor a despeito da sua grande dor, disse-lhe: «Caríssimo irmão, sinto-me consolado e edificado pela grande alegria que sentes e manifestas aos teus companheiros nas tuas enfermidades. [6] Mas as pessoas desta cidade veneram-te como santo, e estão bem cientes de que morrerás em breve do teu mal incurável. [7] Por isso, quando ouvem cantar os «Louvores» de dia e de noite, são capazes de se escandalizar e dizer: "Como pode este homem exteriorizar tão grande alegria, quando está para morrer? Deveria antes pensar na morte"».

[8] Respondeu-lhe S. Francisco: «Recordas-te da visão que tiveste em Folinho, quando me disseste ter-te sido revelado que eu

não viveria mais de dois anos? [9] Antes de teres aquela visão, pela graça de Deus, que inspira todo o bem e o instila no coração dos seus fiéis, meditei muitas vezes sobre o meu fim, de dia e de noite. [10] Desde que tiveste aquela visão, tomei particular empenho em meditar diariamente sobre a minha morte».

[11] Logo acrescentou com grande fervor de espírito: «Permite--me, irmão, que me alegre no Senhor e cante os seus louvores no meio dos meus sofrimentos, [12] pois, pela graça e assistência do Espírito Santo, de tal modo estou unido a meu Senhor que, pela sua misericórdia, bem posso alegrar-me n'Ele, o Altíssimo».

CAPÍTULO CXXII

Como São Francisco persuadiu o médico a dizer-lhe quanto podia viver

[1] Naquele tempo, visitou-o, no mesmo palácio do Bispo de Assis, um médico de Arezzo, chamado Bom João, amigo de S. Francisco, que lhe perguntou: «Finiato, que pensas da minha hidropisia?» [2] Não quis chamá-lo pelo seu nome próprio de Bom João, por respeito para com o Senhor, que disse: *«Ninguém é bom, senão só Deus»*[37]. [3] Do mesmo modo, a ninguém chamava pai ou mestre, nem mesmo em cartas, pela reverência para com o Senhor, que disse: «*A ninguém queirais chamar pai sobre a terra nem vos deixeis tratar por mestres*»[38].

[4] O médico respondeu-lhe: «Irmão, tudo correrá bem, pela graça de Deus». Novamente lhe perguntou S. Francisco: «Diz-me a verdade. Que te parece? [5] Não tenhas receio de mo dizer porque, pela graça de Deus, não sou nenhum poltrão para temer a morte. Pela graça e assistência do Espírito Santo, estou tão unido com o meu Senhor, que a vida e a morte igualmente me contentam».

[6] O médico disse-lhe então com toda a franqueza: «Pai, segundo a nossa ciência de físicos, a tua doença é incurável e penso

---

[37] Lc 18, 19.
[38] Mt 23, 9.

que morrerás pelos fins do mês de Setembro ou nos primeiros dias de Outubro».

[7] Então S. Francisco, deitado no leito, ergueu as mãos ao Senhor com grande devoção e reverência, e com a maior alegria de corpo e de espírito disse: «Bem-vinda seja a minha irmã a morte!»

CAPÍTULO CXXIII

Como S. Francisco mandou cantar os «Louvores» logo que soube da sua morte próxima

[1] Depois disto, um irmão disse-lhe: «Pai, a tua vida e a tua palavra foram e são luz e espelho, não só para os teus frades, como também para toda a Igreja. O mesmo será a tua morte. [2] Embora ela seja para os teus frades motivo de tristeza e de dor, para ti converter-se-à em consolação e alegria infinda. [3] Com efeito, passarás de grandes trabalhos ao descanso absoluto, de muitas penas e tentações à paz eterna, da pobreza material, que sempre amaste e perfeitamente observaste, às verdadeiras riquezas infinitas, [4] e desta morte temporal à vida eterna, onde verás face a face o Senhor teu Deus, que nesta vida tão fervorosamente amaste e desejaste».

[5] Depois acrescentou com toda a franqueza: «Pai, tem como certo que, se o Senhor não te enviar um remédio do céu, a tua doença é absolutamente incurável e pouco te resta de vida, como disseram os médicos. [6] Digo-te isto para reconfortar o teu espírito e poderes alegrar-te no Senhor interior e exteriormente, de modo que os teus frades e outros que te visitam te encontrem sempre exultando no Senhor, e para que, [7] depois da tua morte, esta seja um memorial perpétuo para aqueles que a ela assistiram e para aqueles que dela ouviram falar, como foram e serão sempre a tua vida e a tua palavra».

[8] Então S. Francisco, ainda que se sentisse mais prostrado com a sua doença do que habitualmente, pareceu ser penetrado duma alegria nova interior, ao ouvir que a irmã morte se aproximava. Com grande fervor de espírito louvou o Senhor, dizendo: [9] «Então, se apraz ao meu Senhor que eu tenha de morrer breve, chamem o Fr. Ângelo e o Fr. Leão para que me cantem a irmã morte».

[10] Quando os dois frades chegaram à sua presença, mergulhados em dor e tristeza, cantaram, com os olhos rasos de lágrimas, o «Cântico do Irmão Sol e das outras Criaturas do Senhor», que o próprio santo compusera. [11] Acrescentou então os versos de louvor à irmã morte, antes da última estrofe do mesmo Cântico, dizendo:

[12] «Louvado sejas, meu Senhor,
Pela nossa irmã, a morte corporal,
De quem nenhum vivente pode escapar.
Ai de quem morrer em pecado mortal!
Bendito o que estiver em Tua santíssima vontade,
Porque a morte segunda lhe não fará mal».

CAPÍTULO CXXIV

Como S. Francisco abençoou a cidade de Assis, quando era levado para Santa Maria para aí morrer

[1] O Pai santíssimo já tinha sido informado tanto pelo Espírito Santo como pelos médicos de que a sua morte estava iminente. Encontrava-se alojado no palácio do Bispo de Assis, mas, ao sentir que o seu estado se agravava cada vez mais e as forças iam diminuindo, [2] pediu para ser transportado numa maca para Santa Maria da Porciúncula, para que a sua vida corporal acabasse onde tinha começado a conhecer a luz e a vida da alma.

[3] Quando os portadores chegaram ao hospital, que fica a meio caminho entre Assis e Santa Maria, pediu-lhes para porem a maca no chão. [4] Embora, devido à longa e grave enfermidade da vista, já quase não pudesse ver, pediu para lhe voltarem o rosto na direcção de Assis. [5] Soerguendo-se um pouco na maca, abençoou a cidade, dizendo: «Senhor, diz-se que esta cidade foi outrora o lugar e guarida de homens perversos. Mas agora é manifesto que, na tua infinita misericórdia e no tempo por Ti escolhido, lhe mostraste a maior compaixão. [6] Por Tua bondade somente a escolheste, para ser o lugar e a morada daqueles que Te conhecem na verdade e dão glória ao Teu santo Nome, e espalham em todo o povo cristão o perfume duma boa reputação, de vida santa, da doutrina verdadeira e da perfeição evangélica. [7] Rogo-Te, pois, Senhor Jesus Cristo,

Pai das misericórdias, que não olhes à nossa ingratidão, mas que te lembres sempre da abundantíssima compaixão que lhe mostraste, para que seja sempre o lugar e a morada daqueles que Te conhecem verdadeiramente e glorificam o Teu Nome bendito e glorioso pelos séculos dos séculos. Ámen».

[8] Ditas estas palavras, foi transportado para Santa Maria. [9] Aí, no dia 3 de Outubro de 1226, aos 44 anos de idade, depois de vinte anos de perfeita penitência, partiu para o Senhor Jesus Cristo, a [10] Quem amou com todo o seu coração, com toda a sua mente, com toda a sua alma, com todas as suas forças, com o mais ardente desejo e total afecto, seguindo-o perfeitamente, correndo com ardor nas suas pegadas e chegando, finalmente, à glória d'Aquele que vive e reina com o Pai e o Espírito Santo pelos séculos dos séculos. Ámen.

[12] Aqui termina o *Espelho de Perfeição,* que nos fala do estado do Frade Menor, e no qual a perfeição da sua vocação e profissão pode ser reflectida com fidelidade. Louvor e Glória a Deus Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. Aleluia! Aleluia! Aleluia! Honra e Graças sejam dadas à Gloriosíssima Virgem Maria. Aleluia! Aleluia! Louvor e Exaltação ao Seu bem-aventurado Servo Francisco. Aleluia! Aleluia! Ámen. Ámen.